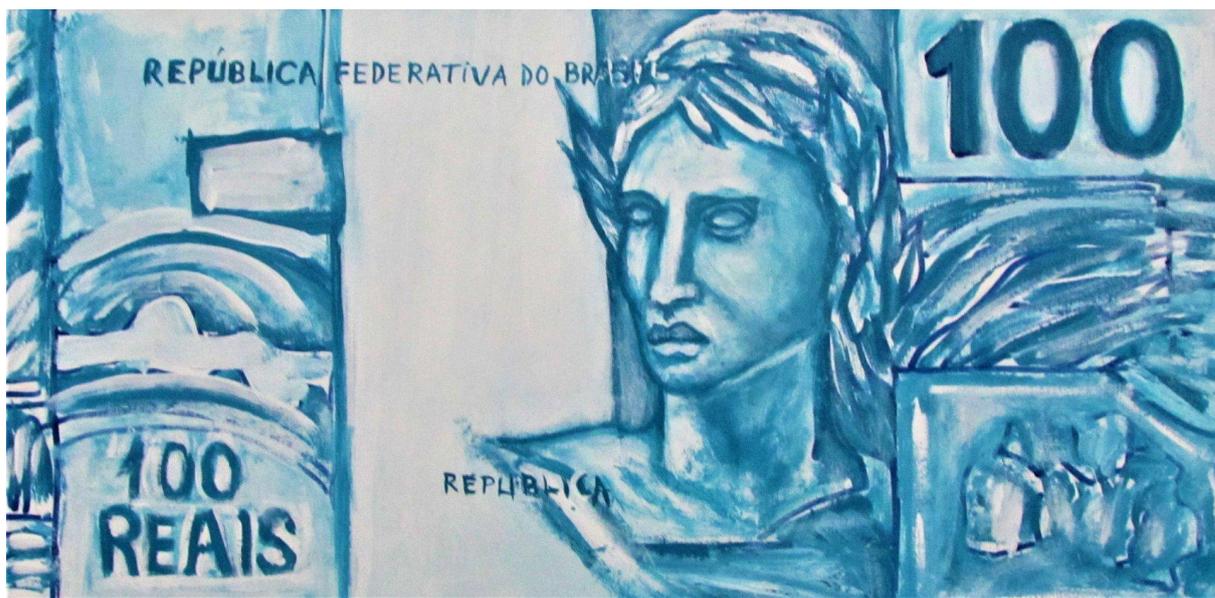


CLEITON CUSTODIO FERREIRA



REALISMO AZUL:
UM BREVE ESTUDO SOBRE PROCESSO DE CRIAÇÃO

Uberlândia, MG
2019



Uberlândia, MG

2019

CLEITON CUSTODIO FERREIRA

REALISMO AZUL:
UM BREVE ESTUDO SOBRE PROCESSO DE CRIAÇÃO

Uberlândia, MG
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES
CURSO DE ARTES VISUAIS

CLEITON CUSTODIO FERREIRA

REALISMO AZUL:
UM BREVE ESTUDO SOBRE PROCESSO DE CRIAÇÃO

Uberlândia, MG
2019

CLEITON CUSTODIO FERREIRA

REALISMO AZUL:
UM BREVE ESTUDO SOBRE PROCESSO DE CRIAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito necessário à obtenção do grau de Licenciatura. Linha de Pesquisa: Processos de criação em Artes Visuais Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tatiana S. Ferraz

Uberlândia, MG
2019

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Tatiana S. Ferraz
Universidade Federal de Uberlândia (orientadora)

Prof. Dr. Alexander Gaiotto Miyoshi
Universidade Federal de Uberlândia (membro interno)

Marco Antonio da Silva Santos
Mestre em Antropologia Urbana (membro externo)

Agradecimentos

Sou grato a todos que de alguma forma fazem parte de minha transformação. Agradeço primeiramente aos meus pais por terem acreditado desde sempre e nunca terem desistido. Amo vocês demais! Agradeço imensamente ao Cleo, por tudo! Agradeço ao Zé Henrique Pareja, pela amizade e pelo filme que acabamos de fazer juntos com o Cleo sobre a vida da Cacique Kawani Tupinambá. Agradeço também à Kawani Tupinambá pela luta e inspiração. Muito obrigado a todo pessoal que passou pelo Cinema Invisível e Museu do Esquecimento. Agradeço imensamente à Dona Vitória, minha segunda mãe. Obrigado, Marcelo, Paloma e Juninho! A todos os meus amigos de Porto Ferreira, um salve. Agradeço ao Bertoni pelos papos muito loucos e pelas aulas de desenho e a Severino pelas incríveis parcerias musicais. Agradeço ao anjo criminoso Gabriel Pimentel, ao amigo e professor Renato Palumbo, ao Walter Victor, ao Emílio Piruá, ao Bonitinho Alegre, às queridas Ana Cecília e Amanda, Fellipe Sant'ana, Roberto Neto, Natália Dreossi, Ana Lara, João Aquino, Andressa, Inara, Ester e Miguel, Laís Braga, Taty, Raul e Luiz. Agradeço aos amigos Paraná, Paulo, Luciana, meus parças, Jamal, Natânia, Marina Selva, Rubia, Thiago, Lucas e Rosy, Ricardo, Larissa, Bárbara do Varal Variante, Marcus Marchi, Zadra, Reginaldo, Eldinho, Raquel, Guto, Pateta, meu querido primo Tiago Marques, Carlão, Tropeço! Lou e Legal! Agradeço ao filósofo Douglas Rodrigues Barros, Norma Barros, Ju Mancin, Dani, Ana B., Gaúcho, Marcelino, Gilberto Cagnoni, Ao pessoal do Pimentas, Aos grandes Kaynã, Vaine, Matheuzim, Keila, Marisa Barbosa, Graia, Malu, Guerron, Alex, Dardânia, Macsuara Kadiwel, Felipe (caneta azul), July e a todo o pessoal que não se conforma e canta e dança e grita! Ao Incrível grupo de teatro BENEDITES! Luana e Waquila, Jorgetânia. À galera do Hip Hop. Agradeço a todo mundo que não concorda com a exploração do trabalho alheio e deseja a liberdade de todos. Agradeço aos amigos que passaram para outra dimensão. Agradeço imensamente à Carolina (Lili) por entrar em minha vida com tanto amor e carinho. Agradeço, sobretudo, a Oxalá pela força e luz! Dedico principalmente este trabalho à minha grande amiga Curió, em memória de sua mãezinha e de Marielle Franco! Saravá!

Resumo

Este breve estudo investiga as relações existentes entre o meu processo criativo e o meio sociocultural em que ele se desenvolve, a partir de relatos em primeira pessoa sobre minhas experiências com as diversas linguagens artísticas no decorrer da graduação. Este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro trata do que se entende por processo de criação em geral. No segundo capítulo trato de analisar as experiências expositivas e por fim, no terceiro e último capítulo, analiso os desdobramentos das experiências realizadas até aqui e possíveis continuidades ou rupturas futuras.

Palavras-chave: processo de criação; arte; cultura; contexto econômico-histórico-político-social

Abstract

This brief study investigates the relationships that exist between my creative process and the socio-cultural middle in which it develops from first-person accounts of my experiences with the various artistic languages during undergraduate study. This work is structured in three chapters. The first deals with what are meant by the process of creation in general. In the second chapter I try to analyze the expository experiences and finally, in the third and last chapter, I analyze the unfolding of the experiences carried out so far and possible continuities or future ruptures.

Keywords: creation process; art; culture; economic-historical-political-social context

“Tudo que não invento é falso.”¹

“Toda a história bandeirante e a história comercial do Brasil. O lado doutor, o lado citações, o lado autores conhecidos. Comovente.(...)”

“O lado doutor. Fatalidade do primeiro branco aportado e dominando politicamente as selvas selvagens. O bacharel. Não podemos deixar de ser doutos. Doutores. País de dores anônimas, de doutores anônimos. O Império foi assim. Eruditamos tudo. Esquecemos o gavião de penacho.”²

¹ Verso extraído do poema O livro sobre Nada de Manoel de Barros

² Trechos do Manifesto Pau Brasil de Oswald de Andrade

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	p.11
1- O QUE SE COMPREENDE POR PROCESSOS DE CRIAÇÃO	p.12
2- EXPERIÊNCIAS EXPOSITIVAS	p.15
2.1- FEIRA DE ARTE ANÔNIMA	p.17
2.2- PERSONA	p.25
2.3- CORPÓREOS	p.46
2.4- MOSTRA LINGUAGENS	p.63
2.5- PINTURAS RECENTES	p.77
2.6- RETRATOS CONTEMPORÂNEOS	p.85
2.7- REALISMO AZUL	p.96
3- DESDOBRAMENTOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.144
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.188

Apresentação

Nasci em março, mês das águas, no dia 11 do ano de 1980. O parto não foi nada fácil. Diz minha mãe que eu já havia defecado dentro dela. Nasci brasileiro, na cidade de São Bernardo do Campo, na região da grande São Paulo conhecida como ABCD paulista. Após a Segunda Guerra Mundial, o crescimento industrial de São Paulo ocorreu no ABCD paulista (Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Diadema), tendo como base a indústria automobilística estrangeira, durante o governo de Juscelino Kubitschek.

Meu pai é natural de Arceburgo-MG e em meados dos anos 1960 migrou para São Paulo para fugir da crise no campo. Ele chama-se Sebastião Aparecido Ferreira e nasceu em 1942, em plena Segunda Guerra Mundial. Minha mãe chama-se Elza Custódio e nasceu em 1950. Ela foi para São Paulo quando jovem, quase na mesma época em que meu pai. Ambos trabalhavam na indústria.

Quando nasci, o Brasil ainda estava sob o domínio de uma ditadura militar e apesar de estar passando por uma lenta e gradual abertura política, este país estaria longe de constituir-se como uma democracia de fato. Mas eu só saberia disso muito posteriormente. Somente trinta e nove anos depois, quando venho escrever este trabalho. Com ele proponho estudar meu processo de criação em artes. A princípio trata-se de uma investigação sobre meu próprio processo de criação em pintura. Como critério de organização deste breve estudo, decidi basear-me numa análise das exposições que realizei no período entre 2016 e 2019.

Meu objetivo inicial é compreender melhor o que se entende por processo de criação e posteriormente analisar aspectos formais da linguagem e suas possíveis relações com elementos culturais, econômicos, políticos e ideológicos. Na busca pelo entendimento da forma, da cor, do espaço, da materialidade e do gesto pretendo construir uma narrativa a partir de minhas experiências enquanto sujeito no mundo, uma espécie de *autonarrativa*, ou invenção de si a partir do exercício de rememoração e associação de processos, eventos e fenômenos particulares e universais.

1. O que se compreende por processo de criação

Arthur Schopenhauer em seu livro *O Mundo como Vontade e Representação* diz que o ser humano é um misto entre vontade irracional e vontade de ordem. Segundo o filósofo alemão, “o mundo é minha representação”. Para os gregos (narrativa cultural que predominou no ocidente), *Logos*, razão, poderia significar pensamento, palavra, discurso, lógica. Através da palavra, isto é, através da representação, inventamos uma leitura do mundo. Pois então, dizer que haja uma verdade que seja absoluta, universal e válida para todos em todos os tempos e todos os lugares, e que, sua representação se refira à algo que existe de fato objetivamente no mundo, que determina sua estrutura, soa um pouco forçado, já que isso não passa de uma narrativa construída em determinado período histórico, por certos homens vivendo em contextos específicos. O que quero dizer é que a verdade está sempre em disputa no campo do discurso. As narrativas são construídas por sujeitos que disputam entre si para impor seu discurso, ou seja, para fazer valer sua própria vontade no mundo. É na troca e na disputa entre os sujeitos e as classes sociais que se desenrola o processo criativo. Mas afinal, o que é esse processo criativo?

Para tentar responder essa questão, recorri a um discurso que justifica o que imagino ser minha própria vontade. A artista Fayga Ostrower em seu livro *Criatividade e Processos de Criação* afirma que o potencial criativo é uma condição da existência humana, ou seja, todo ser humano é por natureza criador. Para Fayga, “criar e viver se interligam”. Mas é claro que a criatividade como potência latente no ser humano necessita ser exercitada para se desenvolver. Fayga amplia o conceito de criatividade, indicando que esta não é apenas um privilégio de poucos, mas uma condição inerente ao processo de formação da humanidade. A artista indica que há uma relação dialética entre o indivíduo e o meio social, sendo que os processos criativos são elaborados nas trocas dinâmicas entre as dimensões particulares e culturais. O indivíduo cria estimulado pelo meio e, ao criar, o transforma. Criar é formar, dar forma a algo. Criar é sempre ordenar e configurar independente dos modos e meios usados para isso. Portanto, pensar o processo de criação seria o mesmo que pensar nos princípios da forma, pensar no seu sentido, nos seus limites, no seu equilíbrio, enfim, nos fatores culturais valorativos que a estruturam. Fayga indica que a relação entre os significados pré-estabelecidos culturalmente e as configurações individuais se dão como o fazer humano em caráter simbólico. Para a autora, a forma corresponde a aspectos expressivos de um desenrolar interno no indivíduo, onde há naturalmente espaço para

espontaneidade e liberdade de compor novas formas a partir das formas dadas pela cultura da qual o indivíduo participa. A ideia de que todo ser humano é criativo e de que criar é transformar o contexto social, nos leva a perceber que nas dinâmicas sociais nenhum fenômeno ocorre de modo isolado, percebe-se logo que “todos os problemas são intimamente ligados” (OSTROWER, 2013, p. 10).

Criar é dar sentido consciente ao mundo. Entretanto, na atualidade vivemos a realidade de um mundo em que a narrativa do capitalismo neoliberal domina a cultura de modo quase hegemônico, sendo que isto pode ser entendido como a representação da vontade de uma classe que detém os meios de comunicação e as estruturas econômicas da sociedade. Nesse mundo, a criatividade é reprimida, manipulada, massificada, enrijecida, segundo a vontade de uma classe de dominar a outra, explorando a sua força de trabalho, segundo sua ambição desmedida. E isto se dá mesmo no seio das instituições de ensino oficiais, através da alienação da representação e da vontade irracional de indivíduos que simplesmente aderem a um discurso ou outro segundo seus próprios limites e conveniência.

Nesse contexto, criar de fato é um ato político revolucionário, pois, supõe de certo modo a ruptura com padrões predeterminados e estruturas mantidas através da reprodução, na maioria das vezes, inconsciente, da ideologia dominante. A alienação de nosso potencial criativo nos reduz a algo inumano. Dessa perspectiva criar é enfrentar a mediocridade reinante e se arriscar em campo desconhecido. Para isso é preciso estar aberto para experiências novas e estar apto para compreender os discursos implícitos em certos modos de pensar e de fazer, transitando em diversos territórios. Criar é na maioria das vezes desrespeitar a ordem vigente e as tendências históricas. Criar é violentar o preconceito e a burocracia acadêmica através da recuperação de certos valores humanísticos contra um aviltamento e um esmagamento do nosso real potencial criativo. A criatividade envolve toda a sensibilidade humana e pode ser a base para a transformação do mundo e do próprio ser humano. A ideia de criatividade em Fayga extrapola o campo da arte, se referindo e se confundindo com a própria vida. Fayga reconhece na arte um potencial revolucionário, quando compreendida na amplitude da esfera das relações entre o particular e o cultural. A arte nesse sentido pode nos ajudar a desenvolver a capacidade de estabelecer autonomamente relações entre múltiplos eventos internos e externos. Relacionando esses eventos o indivíduo os ordena em sua experiência de viver e lhes atribui um sentido. Nas palavras da artista:

Criar é, basicamente, formar. É poder dar forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo da atividade, trata-se,

nesse “novo”, de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar.(Ibidem, p. 9)

Em última instância, pode-se pensar que haja algo de universal comum às diversas narrativas, a saber a de que somos impelidos por alguma vontade natural e pelo próprio meio a agir no sentido de ordenar, ou seja, de dar sentido às nossas experiências como alternativa de sobrevivência. O ser humano não cria por que quer ou por que gosta, mas sim por uma necessidade vital. Portanto, só nos desenvolvemos enquanto seres humanos na medida em que somos capazes de criar ordenando formas, isto é, em que somos capazes de representar. Representar é criar.

Segundo Fayga, os processos criativos ocorrem no âmbito da intuição (Ibidem, p. 10). Os processos intuitivos se tornam conscientes quando os expressamos criando formas. Deste modo, a própria consciência seria uma forma inacabada em constante transformação. De acordo com a autora, “A consciência vai se formando no exercício de si mesma” (Ibidem, p. 10). Logo, na busca pela sobrevivência, o ser humano ao transformar o meio, transforma a si mesmo. “A percepção de si mesmo dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana.” (Ibidem, p. 12).

Portanto, no próximo capítulo farei um exercício de revisitar o trabalho que desenvolvi em pintura de modo mais ou menos inconsciente e ordená-lo segundo minha vontade consciente, a fim de conhecer-me melhor, para tomar decisões que contribuam para a expansão de minha percepção, como ordenação das sensações e consciência em diálogo com o mundo objetivo.

2. Experiências expositivas

Em 2015 iniciei o curso de Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia. Em 2016 pude entrar em contato formalmente com a pintura, por ocasião do cumprimento da disciplina obrigatória no curso.

Inicialmente, meu interesse era a fotografia e o cinema, somente posteriormente no decorrer do curso envolvi-me com a pintura. O contato com a história europeia da arte e algumas das principais teorias desenvolvidas ao longo dessa história sobre a construção, circulação e a apreciação de imagens no ocidente, suscitou-me questões importantes e a vontade de respondê-las impulsionou-me a investigar aspectos inconscientes, que foram se revelando a partir do fazer, isto é, a partir de um embate direto com a matéria na busca de formas equilibradas e ordenadas.

Desde o início, o desenho tem sido a base para pensar os elementos fundamentais na construção da imagem, enquanto representação, como as infinitas possibilidades da linha e da mancha, por exemplo. A experimentação de um gestual atípico, o uso de diferentes materiais, pigmentos, suportes e superfícies proporcionou-me alguma memória a respeito de possibilidades para se pensar a composição, em outras palavras, para se criar imagens, formas.

Em muitos sentidos o desenho tem sido fundamental para o desenvolvimento do meu processo criativo. É através do desenho que represento o espaço e organizo os elementos nele, o desenho é o meio que uso para esboçar e resumir aspectos formais a serem trabalhados posteriormente com a tinta. As linhas demarcam a área da figura em relação ao fundo, delimitam as regiões mais escuras em contraste com as mais claras, orientam as proporções e marcam pontos importantes a serem ressaltados ou suprimidos pela tinta. O desenho é a linguagem elementar pela qual penso a composição pictórica. A utilização da linha como delimitação entre a figura e o espaço, como marcação da luz e da sombra norteiam-me na construção das imagens. As linhas que contornam os espaços a serem preenchidos pelas manchas de tinta através de pinceladas, mais ou menos intensas ou carregadas, por vezes, desaparecem ou são suavizadas. Aos poucos as manchas vão suprimindo as linhas e assim as imagens cada vez mais ganham características pictóricas, evoluindo em expressão e movimento. Essa transição entre uma linguagem e outra se expressa na suavização ou mesmo na supressão da linha pela mancha.

O controle sobre a mancha é subjetivo e depende também de caracteres técnicos ou próprios da matéria. A qualidade do pigmento ou da tinta influencia na prática do

preenchimento. A quantidade de solvente também caracteriza o tipo de mancha. Aos poucos, percebo que pintar é basicamente criar formas, representar abstrações com manchas de tinta (pigmento e aglutinante). Essas manchas podem ser uniformes, chapadas ou mais ou menos caóticas ou desiguais. Tudo vai depender da intencionalidade, da qualidade do material, da técnica utilizada para empregá-lo e da habilidade no fazer. Para discutir essas questões formais e técnicas relativas às linguagens artísticas desenvolvidas ao longo da história da arte e experimentadas por mim desde 2015, farei um levantamento de minha produção de 2016 até 2019, organizando o material exposto cronologicamente, analisando em cada período específico questões formais, técnicas, estéticas, éticas, políticas e ideológicas.

2.1 Feira de Arte Anônima

**O artista é anônimo.
Você só descobre
depois que comprar!**

Jodas as pinturas a R\$ 100,00!!!

Mesa redonda
09/11/16
Teatro de Bolso do
Mercado Municipal
**Produção e Processo
de Criação na Pintura**
entrada franca

**Abertura dia 21/10/16 às 20h
De 22/10 a 21/11 de 2016
DE SEGUNDA A SEXTA FEIRA DAS 12H ÀS 18H
ESPAÇO CULTURAL DO MERCADO MUNICIPAL
RUA OLEGÁRIO MACIEL, 255 - CENTRO - UBERLÂNDIA.MG**

Incentivo:  SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA | PREFEITURA DE UBERLÂNDIA

Realização
Maria Ignez Sampaio

A Feira de Arte anônima foi um projeto realizado por Maria Ignez Sampaio através do edital do PMIC do município de Uberlândia-MG. A feira ocorreu na galeria do Mercado Municipal, entre 21 de outubro e 21 de novembro de 2016. A ideia dessa Feira, segundo a realizadora, seria apresentar no mesmo espaço o trabalho de artistas iniciantes e artistas em desenvolvimento ou mesmo que já tinham um trabalho consolidado na cidade de Uberlândia-MG. As obras não seriam identificadas até que alguém decidisse comprá-las, pelo módico valor de 100,00 reais. A princípio, o edital contemplava que cada artista poderia se inscrever com três obras, mas que apenas uma seria exposta. Porém, curiosamente, duas pinturas minhas foram selecionadas, o que aconteceu com outros artistas. Ninguém reclamou. Achei bom, porque era minha primeira experiência expositiva e assim tive a chance de mostrar um pouco mais do que vinha produzindo na época.

Na ocasião, apresentei dois retratos de Andy Warhol, que faziam parte de uma série de cinco retratos em têmpera vinílica sobre papel paraná em tamanho de aproximadamente 30x40cm. Esses retratos surgiram como proposta de trabalho que apresentei na disciplina

de pintura do curso de Artes Visuais da UFU. Inicialmente, havia um desejo de demonstrar meu interesse pelo trabalho de Andy Warhol e em especial pelo gênero retrato. Este gênero de pintura é considerado o mais tradicional da história da arte (narrativa burguesa) e Andy Warhol, a meu ver, dentro dessa narrativa, foi o artista que atualizou a pintura na contemporaneidade, resgatando um gênero clássico de forma original e consistente (nunca vi uma obra de Andy Warhol, a não ser através de reproduções). As serigrafias de Andy seduziram-me obviamente por suas cores gritantes, quase fluorescentes, mas sobretudo pelo contraste daquelas figuras fotográficas em preto e branco sobre um fundo infinito, colorido, abstrato, remetendo à ideia de manipulação e controle sobre a imagem, que parecia ter sido recortada de um jornal ou revista de moda e colada estrategicamente sobre um fundo colorido. Sem sombra de dúvidas, a cor e o suporte inevitavelmente fazem das serigrafias de Andy, pinturas. Mas um tipo de pintura impura, no contexto do campo ampliado, urbano, pop, transando com a linguagem da propaganda, com a fotografia, que se alimenta da história da arte e assimila técnicas e estilos variados. O trabalho de Andy sintetiza muito bem o espírito da narrativa da Arte e da sociedade de consumo nas décadas de 1960 e 1970, aproveitando o contexto de desenvolvimento do capital gerado pela Guerra Fria e o caminho aberto por Duchamp, com seu jocoso mictório invertido exposto num pedestal na década de 1910.

Quando a arte não serviu para evitar a guerra, ela serviu para fazer propaganda dela. Duchamp sinaliza para isso e abandona a pintura como quem diz que a arte é uma espécie de operação mental, como uma jogada de xadrez. O mictório invertido de Duchamp sugere muitas reflexões a respeito da linguagem e sobretudo a respeito do sistema de arte. Essas reflexões geraram diversos movimentos na arte. Na década de 1960, Andy Warhol, revitaliza a pintura, a partir da compreensão de processos de hibridismos recorrentes nas experiências das vanguardas. Warhol é sem dúvida uma referência explícita na minha pesquisa. Sua ambiguidade está para além do bem e do mal, por que é performática e autocrítica. Seu trabalho pictórico remete ao clássico e à vanguarda simultaneamente. Ele realiza uma síntese fantástica através de operações mentais e técnicas industriais contemporâneas, criando objetos fetichizados, mas que carregam uma marca de estranheza entre as mercadorias comuns. Warhol constrói através de seu trabalho, uma narrativa ambígua que pode ser lida de forma crítica.

Na época em que participei dessa primeira experiência expositiva, tudo o que foi verbalizado até aqui estava num nível subconsciente, eu não sabia explicar direito o porquê das minhas escolhas, mas ao ir fazendo fui notando aspectos interessantes que poderiam

convergir para o diálogo formal com o trabalho de Andy Warhol e com a própria arte contemporânea. Já no início do século XX, Duchamp demonstrou que o artista é uma construção de um sistema de arte, um produto sócio-econômico-histórico que no capitalismo, assim como todo trabalhador, corre o sério risco de tornar-se ele mesmo mercadoria. Andy Warhol tinha muita consciência disso, nos alertando para os perigos do culto à celebridade e da fetichização do objeto artístico. A ironia em seu trabalho cumpre um papel pedagógico que se sustenta pela plena consciência dos processos que envolvem a construção de uma obra, sua recepção e aceitação, sua fortuna crítica, enfim, sua legitimação e consagração enquanto “obra de arte”. Warhol dizia que uma obra só está finalizada quando é vendida, ou seja, no fundo no fundo, independente da intenção do artista, a finalidade última da obra de arte é vender, como tudo no capitalismo, a arte se tornou uma mercadoria e cumpre essa terrível função social com um inestimável valor de troca. É claro que esse sistema de arte é bastante complexo e envolve diversos fatores que estão para além do controle do artista. Todavia, uma vez consciente de como funciona a lógica estrutural desse sistema, identifica-se o peso dos papéis e a hierarquia de poder vigente em sua dinâmica. Atualmente a mais influente figura, seja artista, curador, doutor, jornalista, crítico ou mesmo o dono dos canais de mídias, todos, sem exceção, se submetem e submetem suas produções ao sistema financeiro, que atribui valor, seleciona e direciona economicamente a produção e a circulação das obras no país. Itaú Cultural, Instituto Unibanco, Fundação Bradesco, Centro Cultural Banco do Brasil, IMS, Caixa Cultural, Itaú Cultural entre outras instituições bancárias dominam o sistema de arte oficial na atualidade.

Minha vontade era inocente, percebi que até então estava na minha infância artística. Alienado de minhas próprias forças criativas eu acreditava estar contribuindo para uma revolução. Mas no fundo, a miséria estrutural mantida pela lógica capitalista permanecia intacta, enquanto eu pintava desenfreadamente em meu quarto alugado, empolgado pela ideia de que poderia mudar o mundo com minha arte, animado pelas leituras dos textos da história da arte (narrativas inventadas por europeus), as incríveis biografias dos artistas (europeus), tudo aquilo que formava um universo fantasioso em minha imaginação... Van Gogh e Modigliani pareciam seres de outro mundo e eram mesmo, e talvez por isso eu me identificava com o apelo romântico de suas obras - ninguém usou a cor de forma tão dramática quanto Van Gogh; ninguém foi mais romântico ao tratar as formas femininas do que Modigliani. Um idealismo nostálgico imperava sobre meus mais sinceros sentimentos a respeito da arte e a respeito do mundo (narrativas assimiladas).

Todavia, minha primeira experiência expositiva alterou consideravelmente a ideia que tinha de mim mesmo, da arte e do mundo até então. Essa visão romantizada da arte e do ser humano levou-me até ali e agora eu tinha minhas “obras de arte” numa exposição “de verdade”, sendo vistas por “várias” pessoas, algumas “influentes”. Por um instante pensei que eu fosse o novo Picasso. (hoje tenho vergonha de confessar isso). A vaidade é um sentimento perigoso porque inspira ignorância, é uma armadilha para a razão, pois deixamos de julgar com parcimônia e sensatez. Quando pedem para falarmos e aprendemos a gostar do som da nossa própria voz, ficamos surdos para os outros, deixamos de aprender para representar uma cópia estereotipada de nós mesmos. Para fugir dessa armadilha, inconscientemente, cheguei atrasado e bêbado à abertura, dei uma volta rápida para sacar o ambiente, fingindo-me indiferente fui encher a cara no bar embaixo da Galeria. Na mesa do Bar, com os amigos, alguns professores da Universidade me elogiaram, dizendo que o trabalho estava ótimo, aquilo me fazia bem imediatamente, mas eu não sabia lidar com o fato contraditório de ser aceito naquilo que eu esperava ser rejeitado, porque eu era contra. Na verdade eu era contra, mas não sabia exatamente o quê. Freud dizia que é mais fácil escapar de um soco na cara do que de um elogio. Como eu reagi mal, percebi que mais incisivo e contraditório do que elogios é a venda da obra. Quando uma amiga veio me dar a notícia no bar que meus dois trabalhos haviam sido vendidos eu fiquei muito excitado e bebi ainda mais. Naquela noite, como de costume, nem sei como fui parar em casa. Hoje, todos os dias agradeço ao meu Anjo da Guarda.

O fato é que o prazer de vender o trabalho foi maior do que o próprio retorno financeiro. Percebi ali um potencial. Agora eu poderia conseguir dinheiro daquele jeito, acabou minha fase romântica e entrei na fase realista. Duzentos reais me separava do anonimato, agora meus trabalhos tinham uma etiqueta com meu nome, Cleiton Custódio. (tão renascentista!)

Após vender os primeiros trabalhos conscientizei-me de um universo mais amplo, a partir de um processo de construção de consciência sobre mim mesmo e o mundo, modifiquei meu olhar, modificação esta que se deu no desenvolvimento da construção de uma familiaridade no contato sensível direto com experiências materiais e mentais próprias das práticas artísticas.

Animou-me a continuar a ideia de aceitação e legitimação social do meu trabalho. Primeiro, o professor já havia dado conceito 100 à série no curso de Artes, depois inscrevi o trabalho que foi aprovado em edital público aberto e por fim os trabalhos foram vendidos. Houve reportagem feita pelo canal de TV local e publicação de divulgação em Jornal, além

de um debate sobre arte na contemporaneidade, do qual não participei, não me lembro por qual razão. Devia estar de ressaca.

Não que eu tivesse me tornado um capitalista, longe disso, mas aquela operação estrutural, aquele processo de construção e de composição que eu havia ensaiado na minha pesquisa pictórica em nível técnico e formal, estético por assim dizer, agora se relacionava diretamente com questões de âmbitos sócio-econômico, ideológico, psicológico e político. Eu havia perdido a inocência, pelo menos um pouco. A arte poderia estabelecer a seu modo uma relação entre estética e ética. Não que isso não fosse algo que a filosofia e a própria religião não tivessem feito ao longo da história, porém, parece que a arte tem seus próprios meios para tratar o mesmo assunto de perspectivas múltiplas. Passei a acreditar na arte como campo de conhecimento autônomo, que dialoga direta e indiretamente com todas as atividades sociais humanas. Nesse sentido uma boa definição de arte é a de Duchamp que diz que *a arte é um jogo jogado por todos os homens de todas as épocas*. Pois creio que esse jogo ao qual se refere Duchamp, pode nos ensinar algo sobre nós mesmos e sobre nosso modo de ver o mundo. Agora eu sabia que não se pode mudar o mundo apenas fazendo arte, mas se pode mudar o olhar sobre o mundo e isso de certo modo altera substancialmente o que chamamos de realidade.

A busca continuaria, mas em outro nível. Agora eu acreditava estar evoluindo e esse sentimento me estimulou a continuar. Afetado pelas alterações causadas pela primeira experiência expositiva, eu passei a produzir compulsivamente, sempre explorando as possibilidades do retrato, segui a trilha aberta pelos primeiros trabalhos e consegui criar conexões que me levaram a comercializar outros trabalhos e a fazer novos contatos no sistema de arte local. Um dos contatos mais relevantes foi com minha orientadora Tatiana Ferraz e seu companheiro, o cineasta Marco Paraná, que além de adquirirem alguns trabalhos, passaram a ser incentivadores e entusiastas do meu potencial artístico. Eu sabia que só estava começando e que precisava melhorar, então passei a levar muito a sério a ideia de produzir para expor. Agora eu tinha um objetivo, eu queria expor, mostrar o trabalho, desejava saber o que ele poderia querer dizer para as outras pessoas e, conseqüentemente, para mim mesmo.

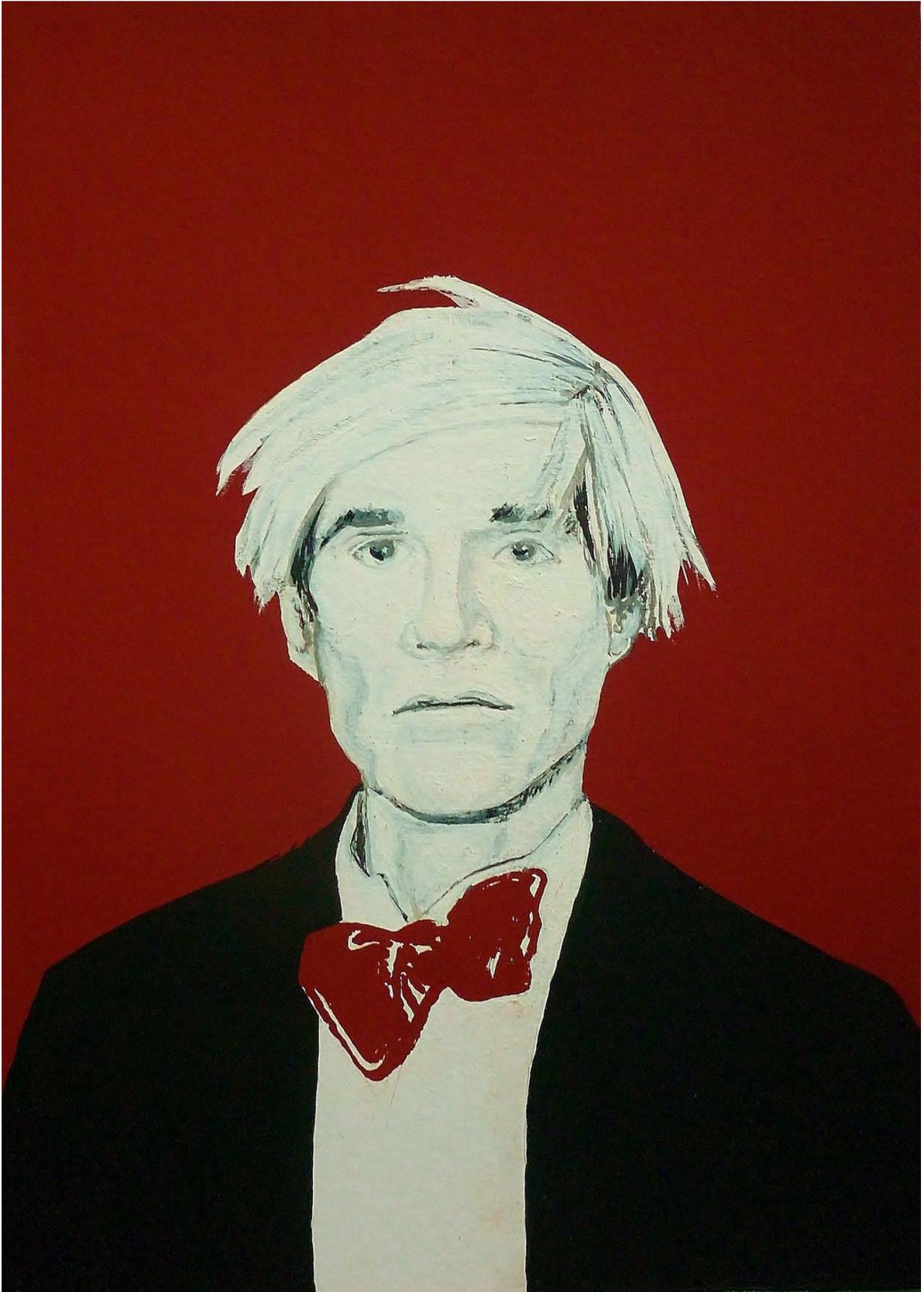
Nessa fase, concomitantemente, eu estava enfrentando uma grave crise de alcoolismo e tentando buscar ajuda para algum tipo de tratamento. Não queria ser internado. Nesse momento de crise intensa, depois de beber três dias seguidos sem parar, agredi meu irmão, quebrei a casa toda e os vizinhos chamaram a polícia. Contornadas essas situações eu decidi que precisava escolher entre a vida e a morte. Com a ajuda de minha

mãe e de sua fé encaminhei-me para um terreiro de Umbanda com todo meu ceticismo e desespero de quem não faz ideia do que está acontecendo mas tem consciência de que algo está errado e precisa mudar. Assim aos poucos fui sendo tocado pelas experiências que aquelas sessões espíritas foram me trazendo. Já havia ouvido falar de experiências transcendentais na filosofia, já havia usado drogas alucinógenas para alterar a mente, mas desta vez foi só psicologia mística social. Percebi que a Umbanda não era uma religião no sentido institucional, mas uma filosofia de vida, um instrumento de autoconhecimento e evolução espiritual. Aprendi aos poucos que a fé é um mecanismo natural da razão e percebi enfim que tudo está relacionado. Viemos do barro por que barro é terra e água e nós somos isso também, de outro jeito você pode dizer que somos feitos dos mesmos elementos que compõe tudo o que nos cerca. Como disse o artista Antônio Poteiro, “Tudo é uma coisa só!”

A Umbanda, que vejo como uma manifestação artística autêntica da nossa cultura popular, tem me ajudado a descolonizar meu espírito criativo da influência nefasta do capital. Compreendi que a busca pela harmonização dos elementos naturais é um dom humano que não pertence aos gregos. Isto é muito mais antigo do que o ser humano. Nossa história é um pedacinho da história do universo e por mais que avancemos, algum mistério fundamental sempre permanece oculto. Caminhando no escuro, a arte foi minha lanterna. Ampliou meu campo de visão para que eu tivesse coragem de caminhar no incerto. Pois, viver deve ser caminhar no incerto e correr o risco de errar e de refazer, transformar-se, movimentar-se, mexer-se. Pude comprovar que, além de pedagógica, a arte tem poder terapêutico, curativo de alguns males que se relacionam com nossa sensibilidade e comportamento. A partir dessa experiência impossível de ser verbalizada, justamente por ser de uma natureza desconhecida, seguiram-se os próximos passos nessa eterna busca de sentido para a transformação que vivemos.



, Sem título, 2016. Acrílica sobre papel, 30 x 40 cm



Sem título, 2016. Acrílica sobre papel, 30 x 40 cm

2.2 Persona



Quase um ano depois da primeira experiência expositiva, passando por um período de profunda transformação de hábitos pessoais e adaptação ao novo estilo de vida que me impus, pintar passou a ser uma necessidade existencial para mim, mas sabendo que o artista pinta porque quer expor, na condição de professora do curso de Artes Visuais, Tatiana Ferraz conseguiu-me uma exposição individual na galeria, localizada no bloco II da UFU-campus Santa Mônica.

Considero essa exposição muito importante para o amadurecimento da minha pesquisa. Primeiro, porque foi uma exposição individual, onde pude apresentar, pela primeira vez, uma série completa. Foi nessa exposição que comecei a compreender a relação da obra com o espaço expositivo, que comecei a entender melhor o conceito de curadoria artística.

Tatiana Ferraz orientou-me na escolha das obras e na montagem da exposição, o que agradou-me em muitos aspectos. Primeiro porque pude entender melhor como as imagens independentes podem dialogar entre si, criando narrativas a partir da seleção, da

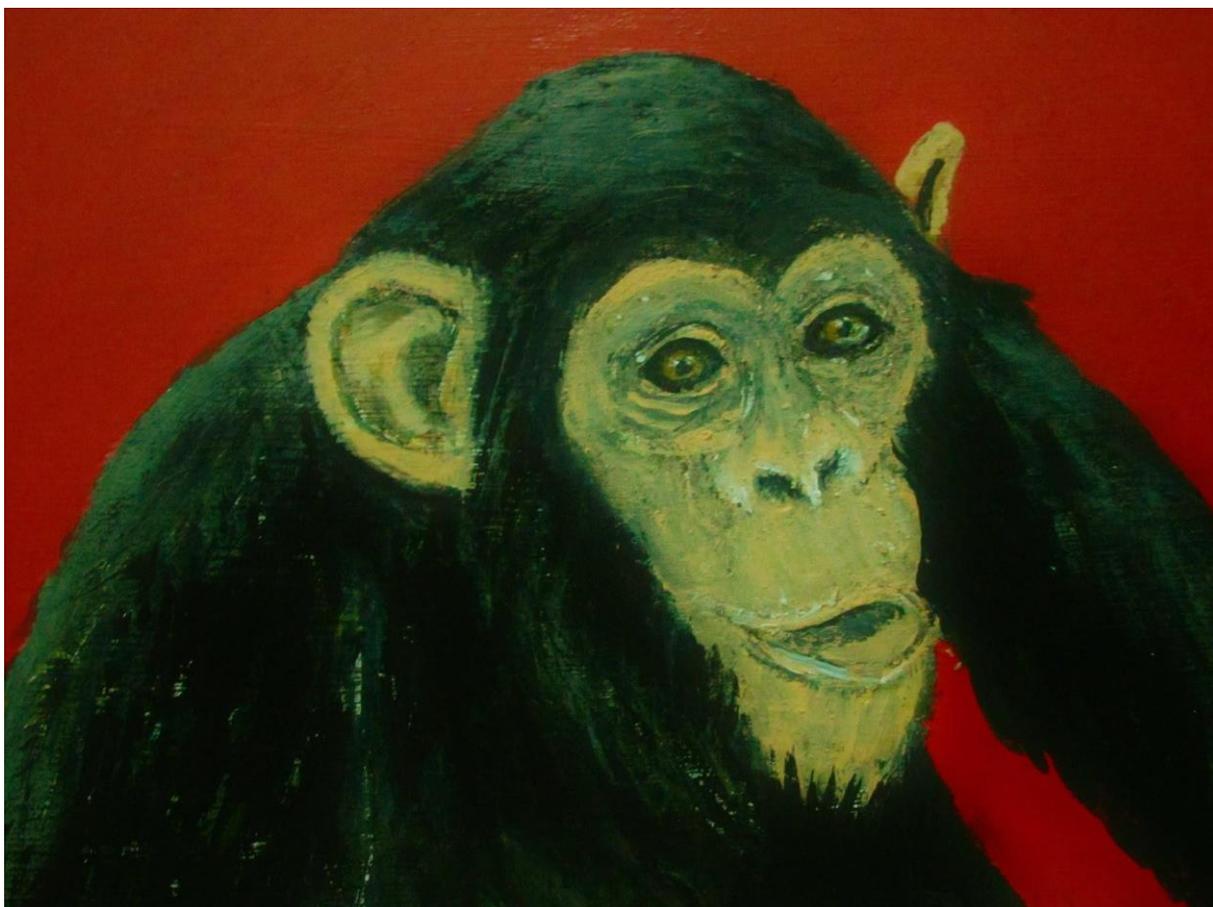
proximidade física ou de aspectos formais, da ordenação e disposição das imagens no espaço. A seleção das obras pode ser feita baseada em muitos critérios, mas geralmente algum em especial se destaca como fio condutor da exposição, no caso da exposição *Persona*, um critério fundamental diz respeito ao conteúdo da pintura. A relação de equivalência entre sujeitos celebridades e anônimos. A proximidade ou o agrupamento de retratos supõe equivalência entre os sujeitos representados, isto é, o retrato assumindo, entre outras funções ao longo da história, a função de exaltar ou de valorizar a figura do retratado. A ideia seria sugerir que cada ser humano tem sua personalidade, tem sua máscara social, seu valor próprio e que apesar disso todos possuem algo em comum, uma espécie de humanidade, que pode ser estendida à animalidade, quando colocamos na série o retrato de um macaco. A ideia de equivalência é o conceito principal desta montagem, que em aspectos formais segue uma certa tradição de linearidade.

Persona se refere à personalidade, ao traço subjetivo, que no fundo se objetiva na medida em que todos somos reduzidos em função de qualidades comuns da espécie. A estrutura de um rosto denota unidade na infinita variedade de possibilidades. Sabe-se, que a natureza, pelo seu modo de reproduzir-se, não se repete enquanto produto, mas tudo que é natural obedece um mesmo processo geral de criação. A partir da combinação e da recombinação de elementos estruturais se cria uma infinidade de representações possíveis. Como não poderia ser de outro modo, os procedimentos artísticos tem se constituído a partir de experiências miméticas em relação ao que determinada cultura convencionou chamar de natureza. O rosto humano é um símbolo reconhecido culturalmente como indicação de humor, caráter, nobreza, expressão. Biologicamente é o rosto que nos faz reconhecer a individualidade e ao mesmo tempo uma certa familiaridade entre nós.

Salvador Dalí, minha ex-namorada, meus amigos, meu irmão, eu e um chimpanzé, cada um de nós tem suas indiscutíveis idiossincrasias. Todavia, fazemos parte de algo em comum, uma espécie de “humanidade animal” que nos resume em equivalência.

Como crítica principal destaco uma sobriedade da montagem que contribuiu para uma certa solenidade, uma certa seriedade que é quebrada pela presença central do retrato do macaco. Este contraste funcionou bem e não só justificou a presença do macaco como a tornou fundamental para o fechamento da série. *Persona*, me fez pensar em questões psicológicas sobre a representação, na relação de afeto sublimada pelo domínio da representação como criação. Pinteí cada figura que estava ali, por algum motivo, consciente ou inconsciente, mas confesso que nunca havia imaginado elas juntas no mesmo espaço. Quando deparei-me com elas ali agrupadas por outra artista, que o fez levando em

consideração as imagens, a partir de algumas conversas que tivemos, percebi que ela havia contado uma espécie de história psicológica da minha vida até então. Aquelas figuras ali agrupadas pela primeira vez representavam um universo particular, único, um mapa afetivo que dava algumas pistas de algo que eu ainda não consigo verbalizar, mas que se tornaria recorrente nas próximas exposições. Criar narrativas psicológicas e consequentemente políticas se tornou uma característica da minha pintura. Daí por diante tornei-me consciente de que poderia contar histórias com rostos, com representações da figura humana. Estudar a história da representação pareceu o caminho natural a seguir.



Sem título, 2017. Acrílica sobre MDF, 40 x 30 cm









Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre tela, 30 x 40 cm



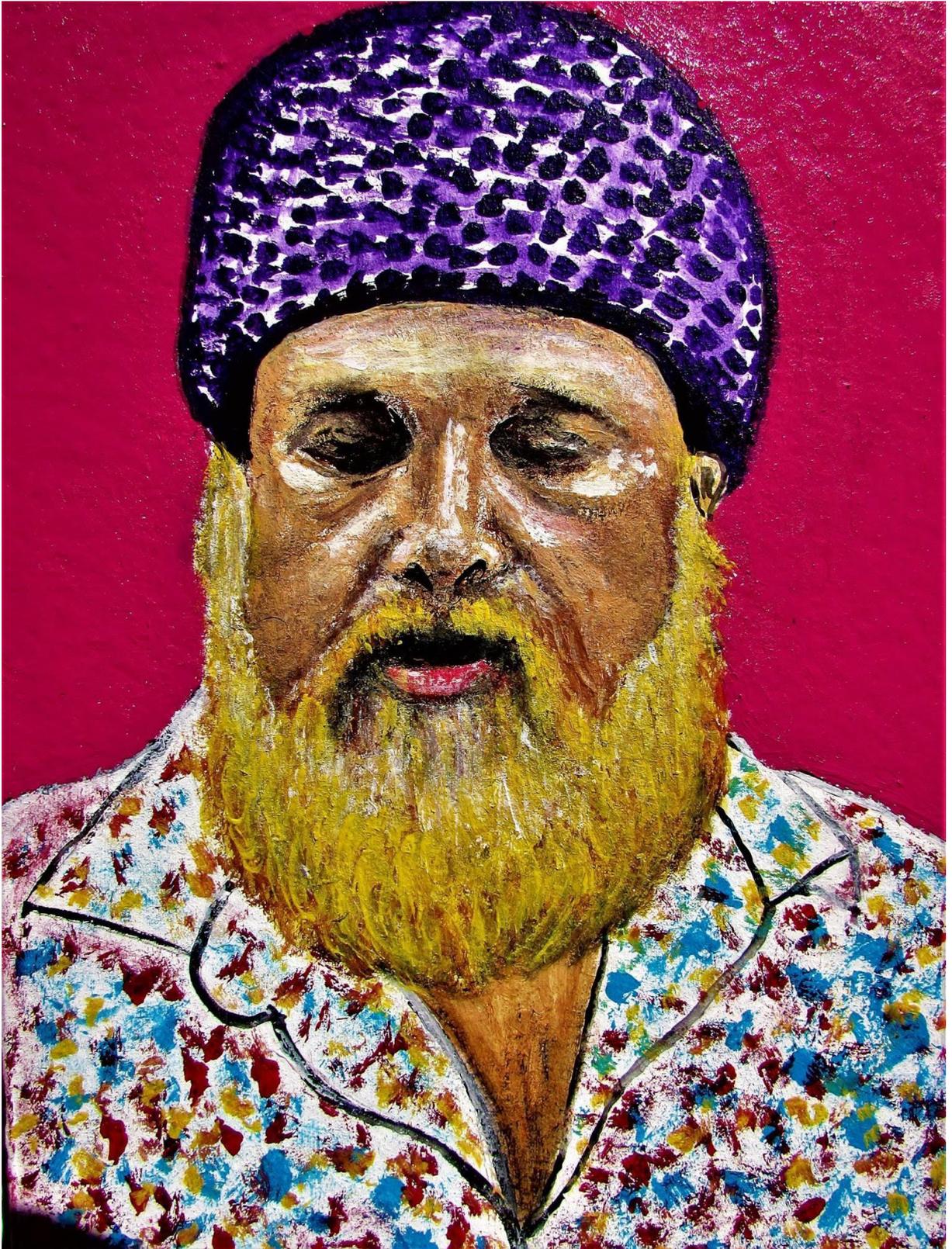
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



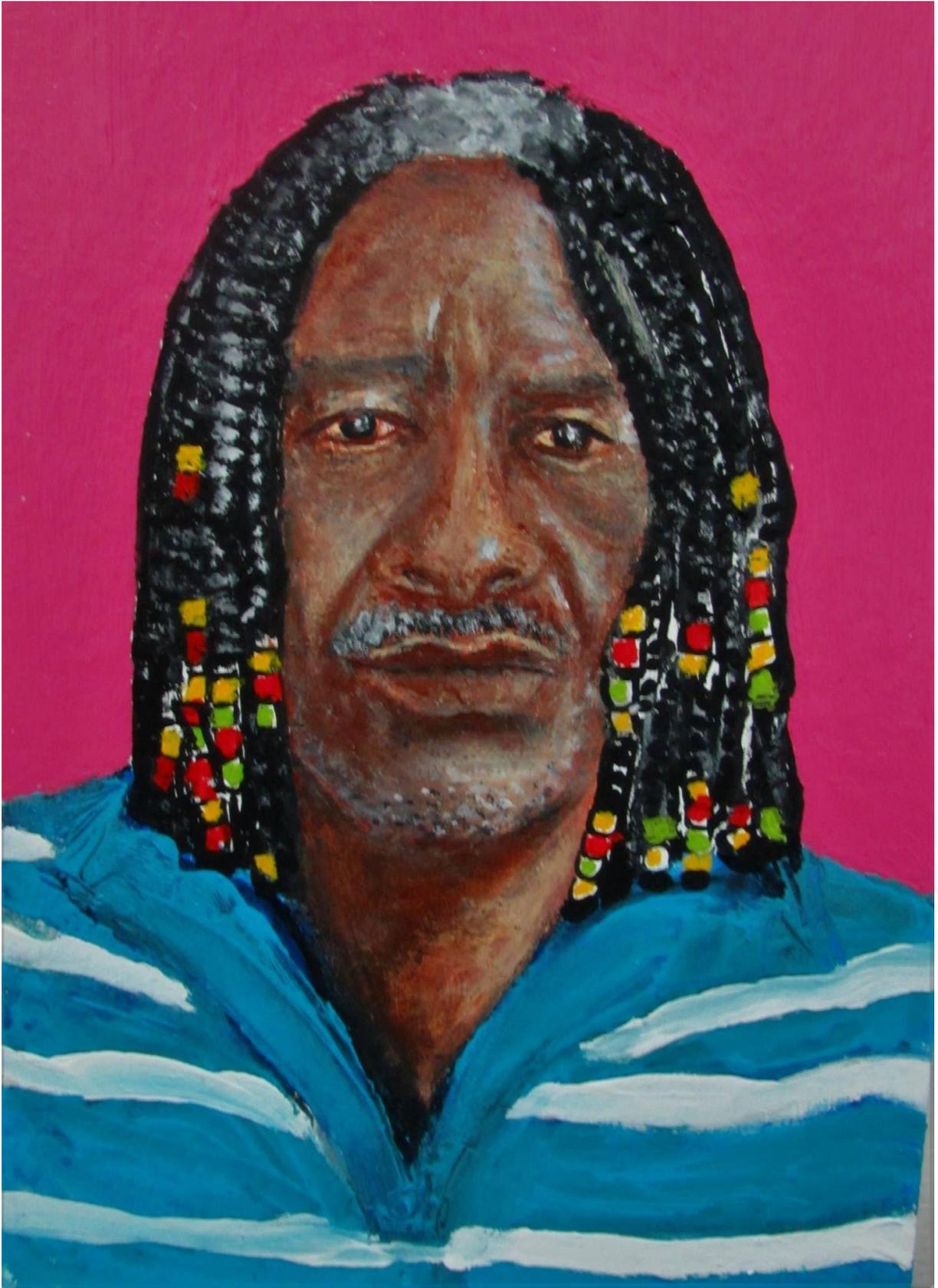
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



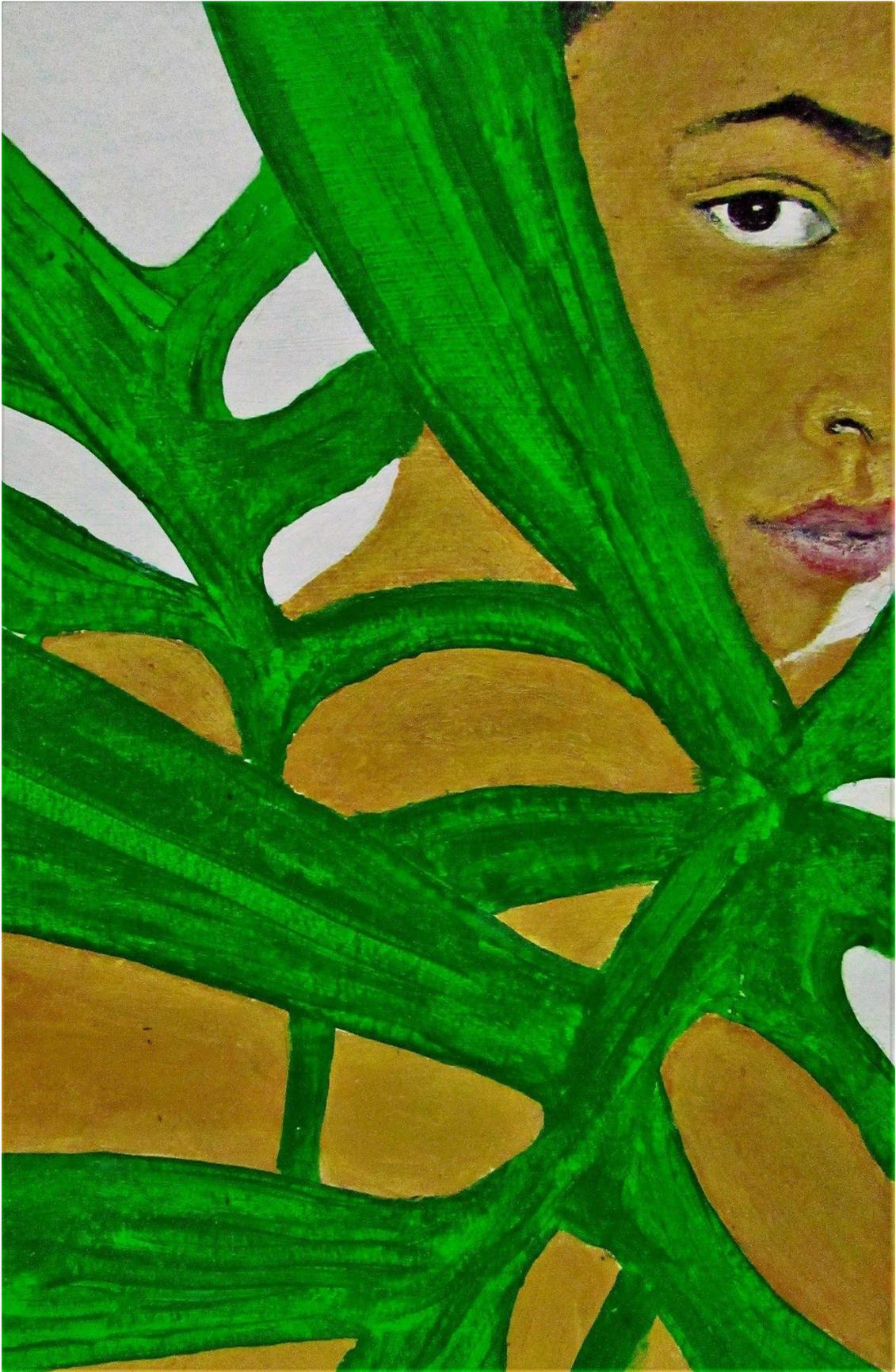
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 40 x 40 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



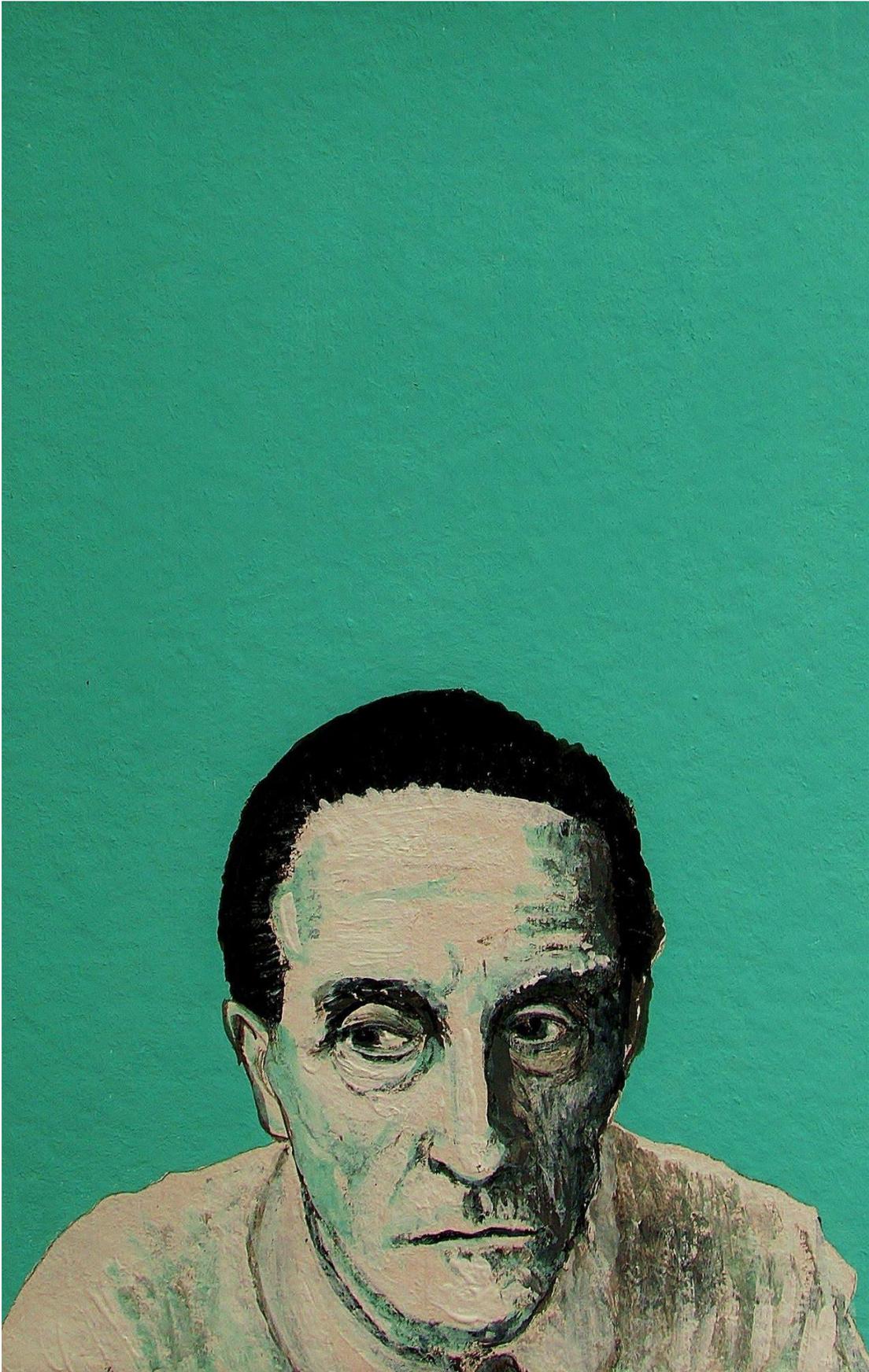
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30 x 40 cm



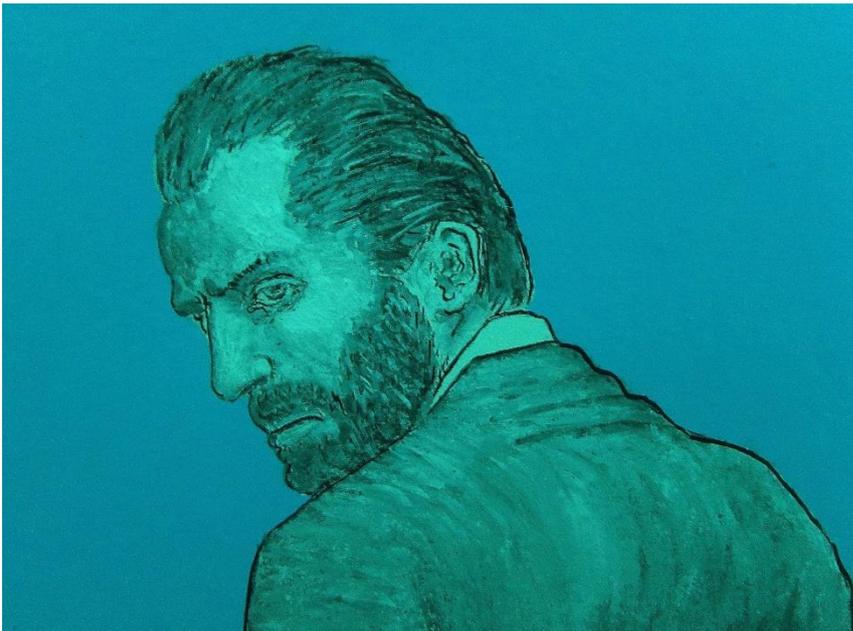
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



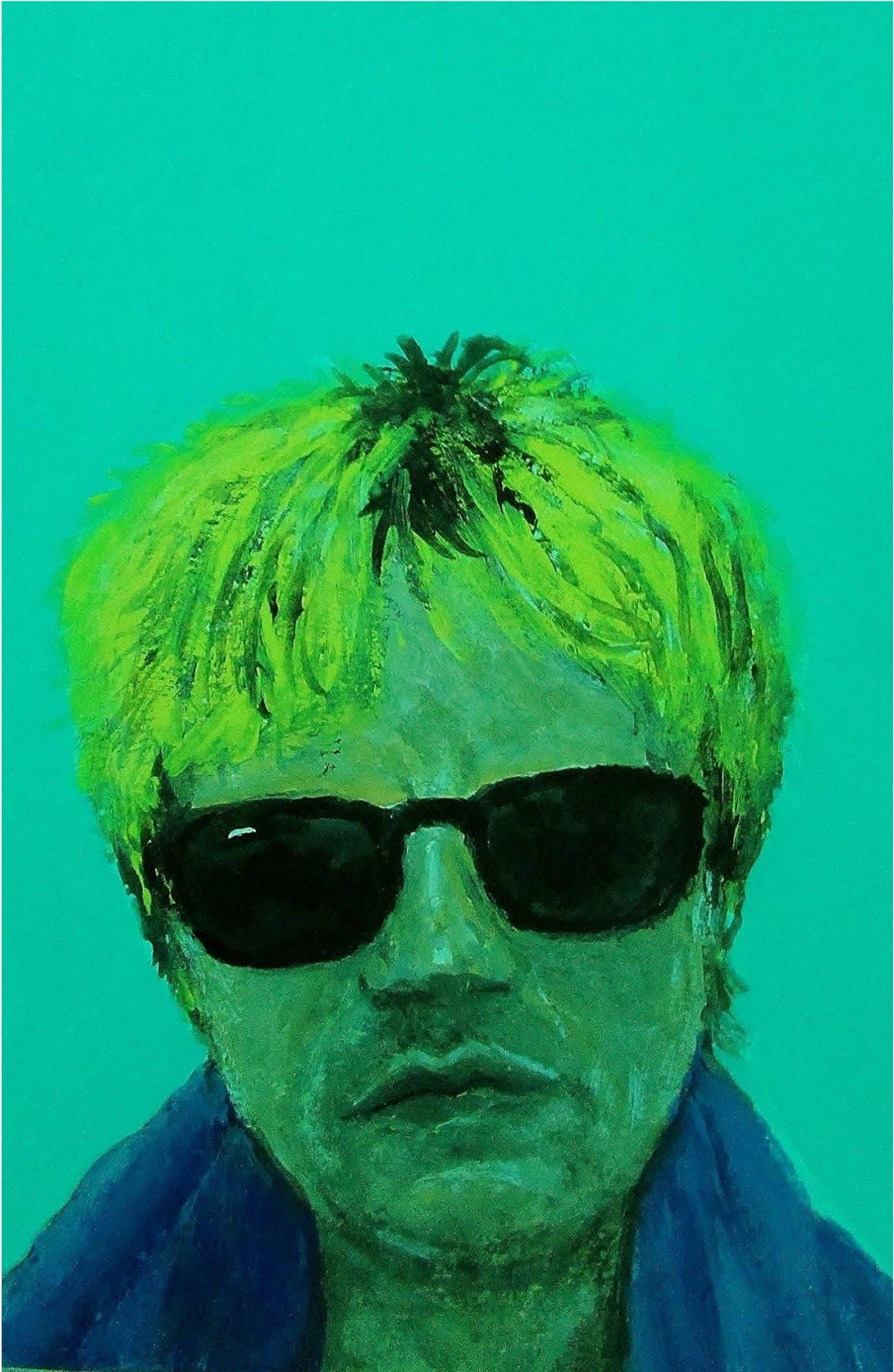
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



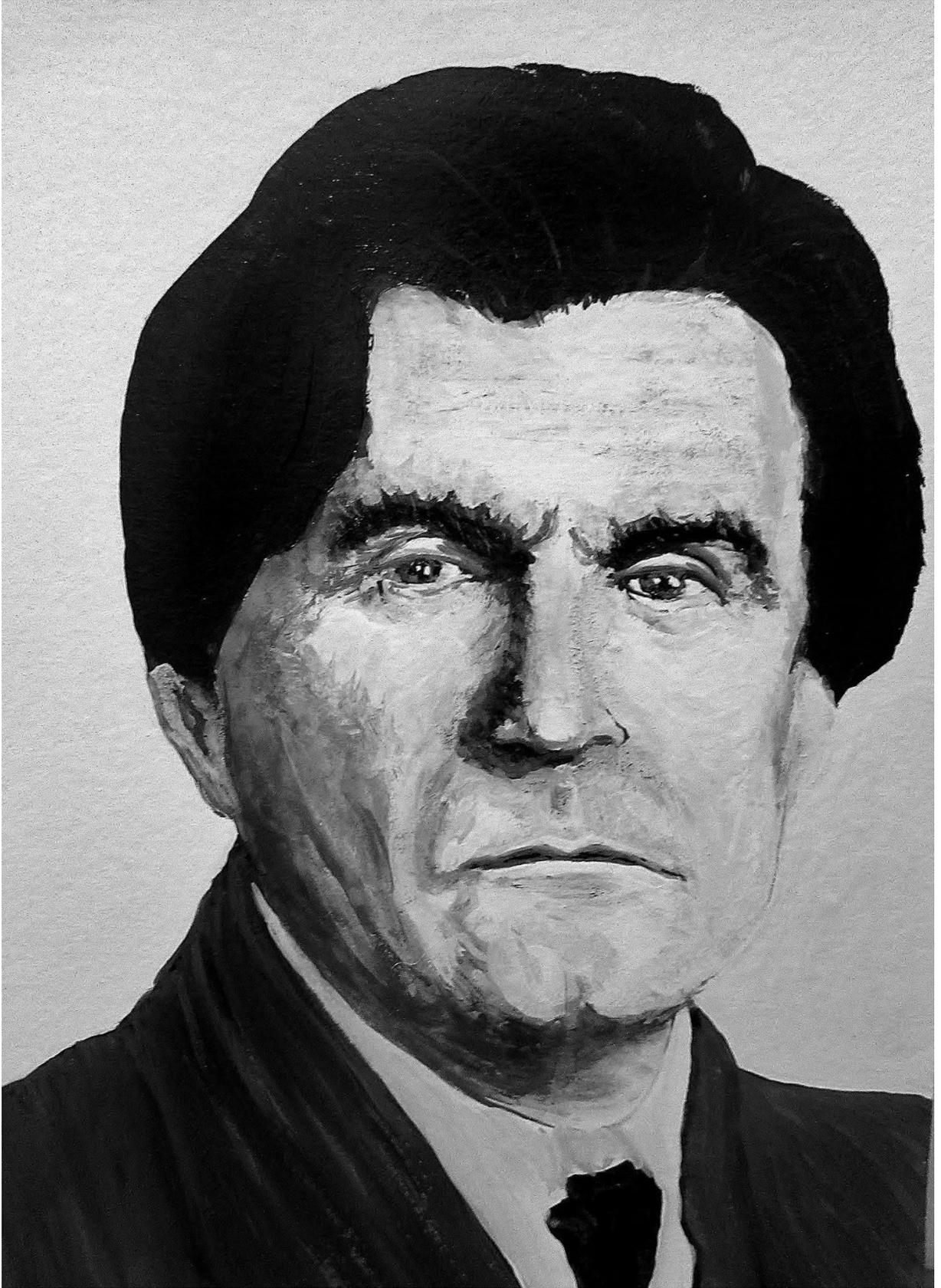
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 15 x 20 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 15 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20 x 30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x40 cm



Sem título, 2016. Acrílica sobre papel, 30x40 cm



Sem título, 2017 Acrílica sobre papel, 20x30 cm

2.3 Corpóreos

Ateliê Cultural & Galeria LUPA convidam:

“CORPÓREOS”

exposição coletiva de arte



arte do convite: Paulo Rogério Luciano. Foto: Paula Borela.
fragmentos de obras do artista Cleiton Custódio.

artistas:
Cláudio Silva | Cleiton Custódio | Diego Campos |
Gabriela Dionisio | Marileusa Reducino | Marsella |
Soraia Leis | PPMAQ | Acervo Permanente da Galeria LUPA

LOCAL:

Ateliê Cultural & Galeria LUPA
Rua Álvares Cabral, 14
Bairro Tabajaras, Uberlândia (MG)
CEP: 38400-294

mais informações:

whatsapp: (34) 98427-1313

instagram:

@ateliēcultural_galerialupa

ABERTURA:

27 de junho 2017 (terça)
das 20 às 23hs - entrada franca

DIAS e HORÁRIOS

para VISITAÇÃO:

28 de junho a 11 de julho 2017
Segunda à Sábado, das 14 às 18hs

curadoria:

Paula Borela e Paulo Rogério Luciano

27 de junho de 2017. O Brasil passava por um momento político complicado. O setor mais conservador da burguesia deu um golpe de Estado através de articulações partidárias e da colaboração dos meios de comunicação em todo país. O governo ilegítimo de Michel Temer tomava medidas de retrocesso sobre os direitos dos trabalhadores. Os discursos caóticos se chocavam numa velocidade incrível na internet. O espectro de uma

profunda crise econômica e social assombrava o mundo. Mesmo o verniz da falsa democracia estava arranhado. Eu me sentia impotente e fraco quando olhava para fora. Naturalmente, voltei-me para dentro.

Simultaneamente à exposição *Persona*, por telefone, fui convidado para expor em uma galeria particular. Galeria Lupa em Uberlândia-MG. Confesso que fiquei bastante excitado com aquela ligação. Ser convidado por telefone para expor em uma galeria particular era cinema! Naquele momento me parecia improvável e ao mesmo tempo bom demais. Sentia que algo estava acontecendo, que meu trabalho estava sendo reconhecido e então sonhava que em pouco tempo eu poderia me dedicar somente à arte. Mas as coisas não são bem assim e a realidade me fez recuperar a sanidade em tempo. Afinal, depois de muitos elogios ao meu trabalho, muitas promessas de sucesso e de retorno imediato, encantado com a proposta, quase nem percebi o fato de que eu teria que pagar para que meu trabalho, que tinha tanto potencial, segundo os galeristas, pudesse conquistar espaço no “mundo da arte”. Logo, este foi o meu primeiro contato real com os frios mecanismos pelos quais operam o funcionamento do chamado “mundo da arte”. Eu já tinha ido longe demais, já tinha criado expectativas, fui seduzido pelos elogios e meu ego cedeu ao estímulo do meio. Paguei 150,00 reais para expor uma série, no mínimo curiosa, em uma caótica exposição coletiva. Exposições coletivas podem ser problemáticas sem uma curadoria orientada pela qualidade e sentido dos trabalhos. Se os interesses financeiros estão acima do critério estético, a qualidade fica muito comprometida e um certo caos parece assombrar o conjunto.

Por outro lado, essa experiência, apesar das limitações, acabou me rendendo bons frutos e servindo de material para reflexões em ações posteriores. Nessa exposição conscientizo-me do setor particular do sistema de arte local. Compreendo a lógica de uma galeria pequena com aspirações imediatas, que por fim acabou fechando, por motivos de desentendimento entre os sócios. Percebo nos artistas um desespero quase contido no desejo de mostrar seu trabalho de um modo decente para o máximo de pessoas possível. Noto um conjunto forçado, um despojamento um pouco exagerado. Pretensões não satisfeitas. Ambições mesquinhas, papo furado, enfim, gente mediana bebendo guaraná mineiro em taça de champanha, comendo amendoim e arrotando caviar.

Apesar disso, foi uma oportunidade para reunir alguns bons amigos em torno do meu trabalho para que ajudassem a pensar o que poderia significar aquilo. Uma série atípica, estranha, de corpos, corpos simbólicos, ícones da cultura industrial. Uma série que explora a selfie e o corpo como mercadoria. A natureza morta incluí que o dinheiro, o

revólver, um crânio humano e a coca-cola como corpos-valores de uma sociedade consumista. A exposição sexualizada do corpo feminino incorporado pela própria mulher nas selfies-nudes. A fotografia digital enquanto linguagem suporte para a construção da pintura. Representação de corpos abandonados nas ruas inóspitas, da solidão nas cidades e dos corpos invisibilizados pela miséria e o preconceito.

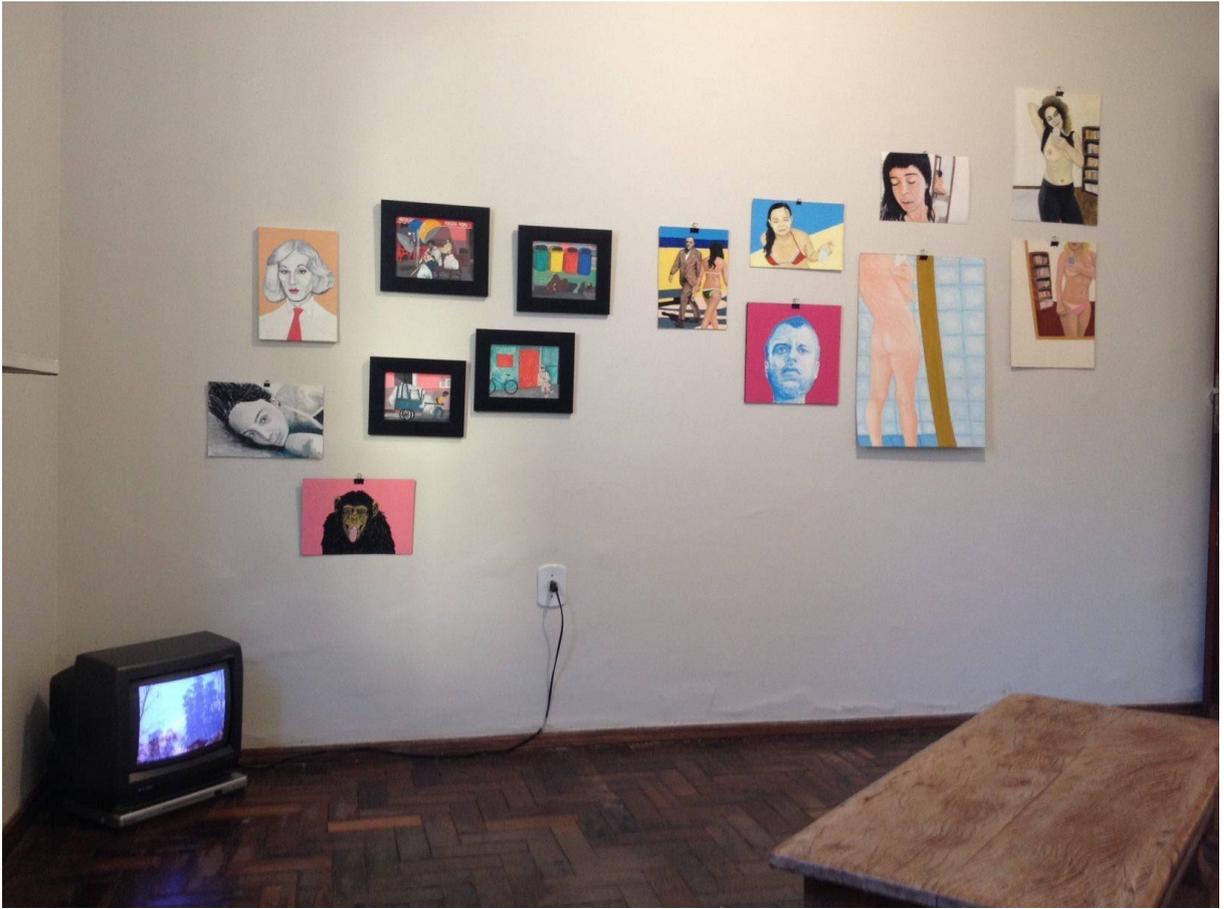
Por fim, compreendo que ao deixar a galerista escolher os trabalhos e realizar a montagem sem minha interferência acabou sendo uma experiência reveladora de aspectos formais ainda esboçados, mas com um conteúdo e uma temática explicitamente crítica do estilo de vida capitalista, de como os corpos são maltratados e expostos. Um retrato de Andy Warhol travestido de mulher parece indicar mais uma vez a consciência do artista de que mesmo entre corpos coisificados ele pode ter certo domínio sobre a aparência e transformá-la a seu bel-prazer. O que está na superfície deste trabalho é o que interessa. São narrativas independentes que conversam através das cores e do verniz capitalista sobre os corpos e sobre a própria arte de representar. O dinheiro aparece como símbolo máximo da representação, do domínio da abstração sobre a vida concreta, isto é, sobre os corpos.

Se em *Persona*, uma ordenação clara e linear causa a sensação nítida de uma certa ordem e um fio condutor que leva à unidade, em *Corpóreos* é justamente a montagem meio caótica em um espaço cheio de interferências que fornece unidade à série. Como uma espécie de mosaico de retratos aparentemente únicos, mas não desconexos, quando percebemos uma relação de vulnerabilidade dos corpos ali representados. A busca por uma identidade aparece na variação da pincelada, do estilo de linha e de mancha, a experimentação de uma paleta ampla e eclética. O excesso característico dos centros urbanos e das mídias contemporâneas. *Corpóreos*, refere-se diretamente à representação de corpos no capitalismo. O adolescente exibindo seu primeiro cigarro ao lado de uma famosa estampa de cigarros brasileiros, ironicamente chamada de *Hollywood*. O homem de terno cobiça com o olhar a mulher semi-nua, que aparece de costas; ambos caminham no calçadão de uma praia abstrata. Um homem está caído embaixo de coloridas lixeiras. Um jovem puxa uma carroça cheia de sucata, como um animal de carga. Garotas tiram fotos com o celular do próprio corpo em frente ao espelho. No canto da sala, uma pequena televisão passa um vídeo com imagens caóticas, que dão a ideia de que juntou-se um monte de fragmentos desconexos, que passam numa velocidade tão alta que se torna impossível a experiência de sentido e conexão entre as representações e seus objetos. A unidade aqui se dá no caos aparente. Porque no fundo, uma ordem bastante cruel unifica esse caos. A

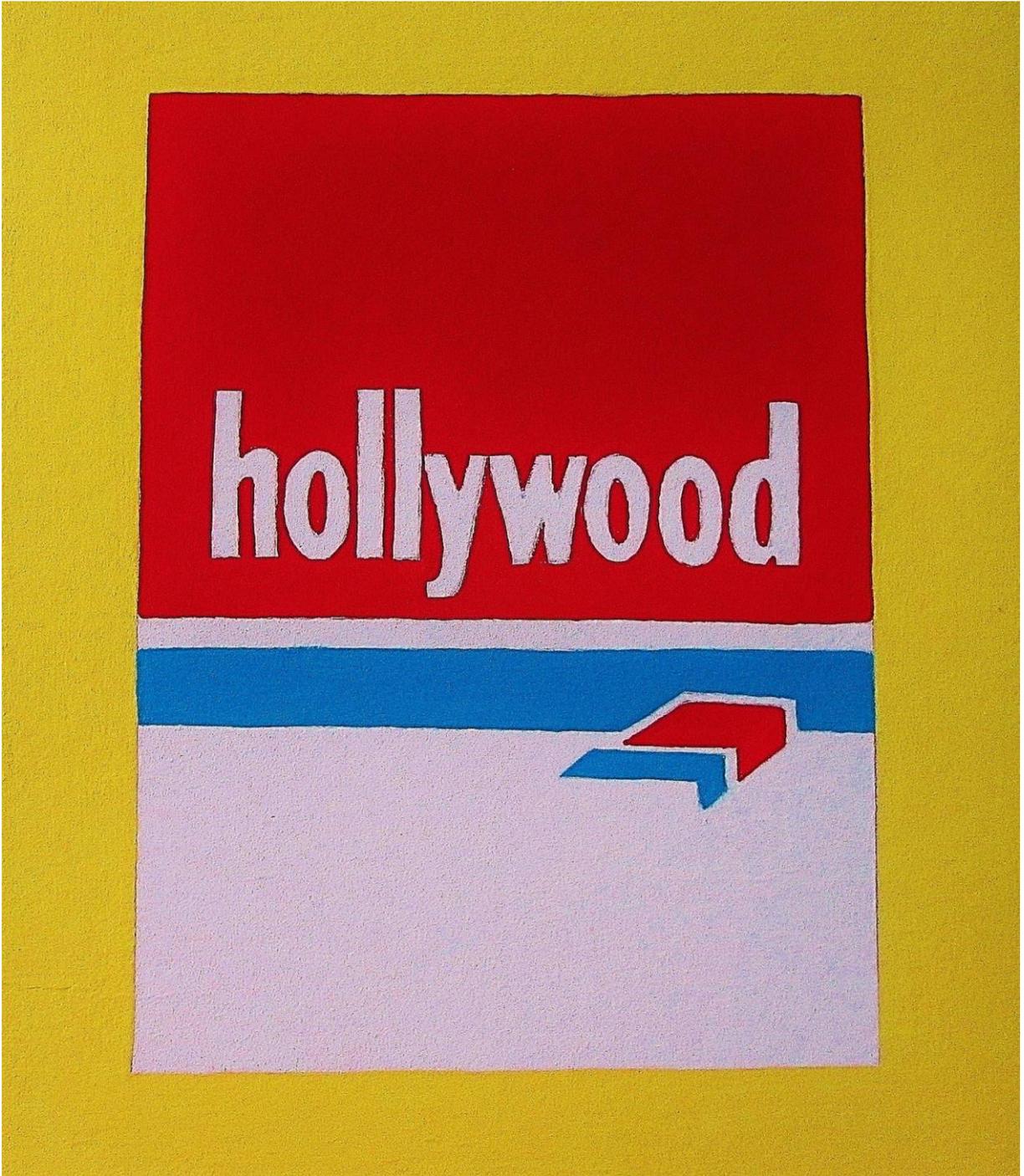
matemática oculta de opressão dos corpos se revela quando a experiência expositiva tem unidade em um motivo econômico, ideológico e não artístico, propriamente dito.

Todavia, o artista deve aprender a trabalhar com o imprevisível, com as adversidades, deve saber improvisar. Ensaiar é criar, criar é viver, portanto se cria o tempo todo. O processo criativo se inicia quando nascemos e termina quando a morte vem nos beijar. O que é corpóreo é o que é pesado, que exige sacrifício, que carrega o pecado, que é marcado pela violência do próprio ato de existir e viver. Lidar com o que é corpóreo é um trabalho não-corpóreo. Comecei a pensar o que de fato é corpóreo em minha pesquisa. A pintura é corpórea por sua própria natureza. O ato de pintar exige massa, requer substância física, resíduo, vestígio material, ou seja, pressupõem corpos. Corpos em contato, corpos em atrito, corpos em composição e decomposição, corpos maleáveis, adaptáveis, em constante mutação. Por outro lado, o que motiva o gesto em si é apenas vontade de representação, um desejo inconsciente de contar uma história, um gesto movido por uma força vital e toda força é imaterial e em princípio exige corpos para se manifestar, ou pelo menos para poder ser notada. O ato de pintar é corpóreo e tudo que é corpóreo é veículo de expressão do que é corpóreo e também do que não é corpóreo. A força, ou desejo de representação humana, luta para superar a força da gravidade que limita os corpos. Todo corpo parece querer deixar de ser corpo quando expressa uma vontade inconsciente fundada em um princípio desconhecido, imaterial.

A exposição *Corpóreos* como um todo não funcionou, assim como o capitalismo está fadado ao fracasso, mas minha série serviu para que eu refletisse sobre profundas questões relativas à representação e à vida em geral. A arte imita a vida, então pode imitar a natureza ou um programa ruim de televisão. A Arte é contraditória como tudo que é passível de ser dito, como tudo que é humano, corpóreo, imaterial, representável ou desconhecido.







Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x40cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x30cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x20cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x20 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x20 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x20 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x20cm



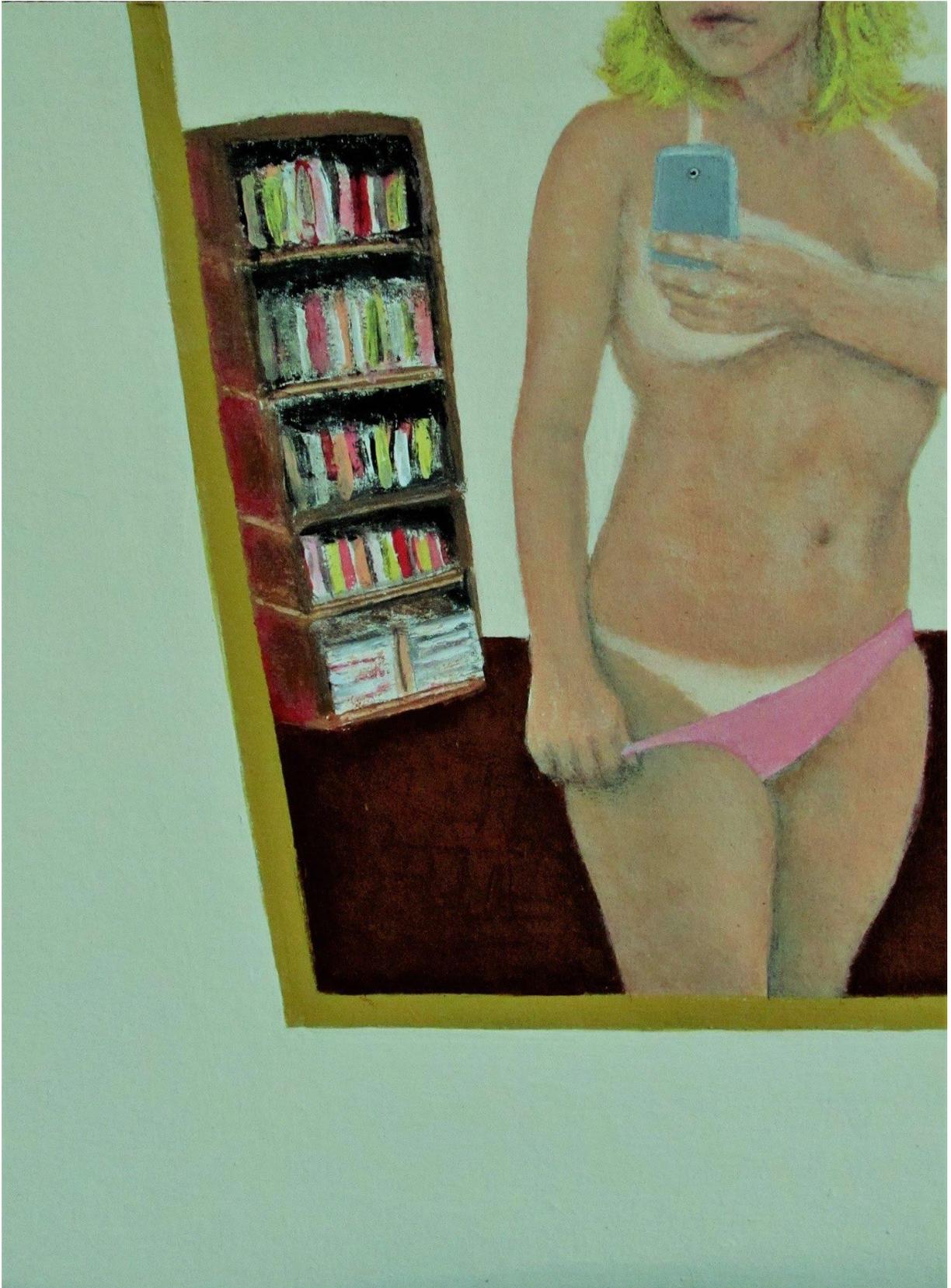
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x20cm



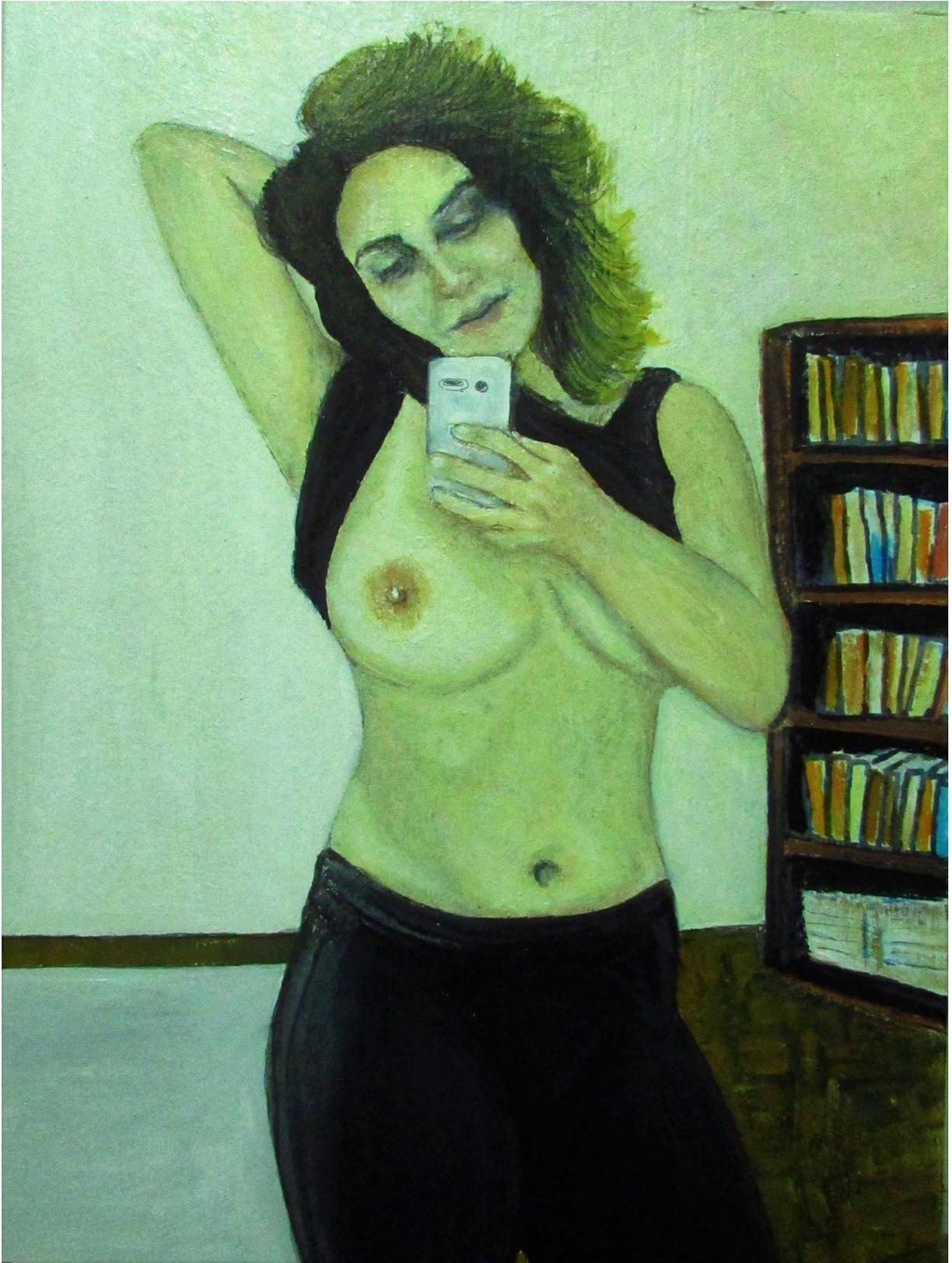
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x20cm



Vídeo, 2017.



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x40cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 30x40cm

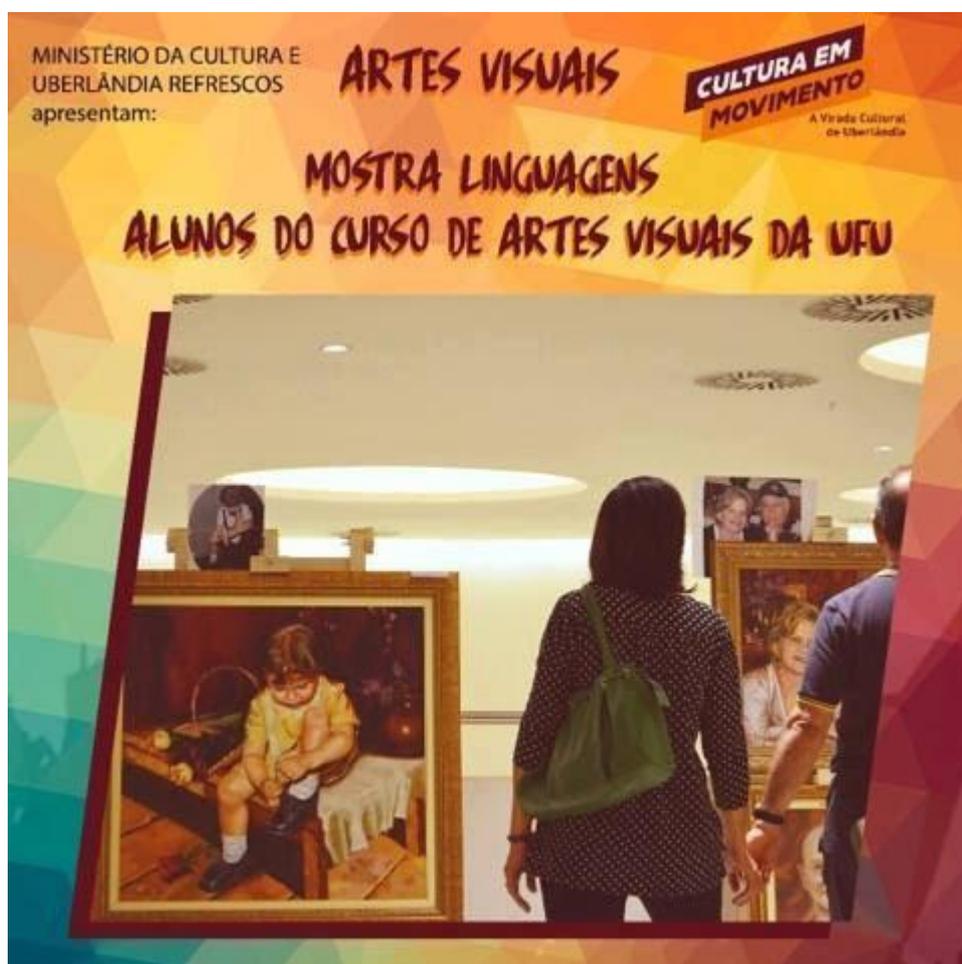


Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre tela, 20x30cm

2.4 Mostra Linguagens



A *Mostra Linguagens* foi uma exposição coletiva que ocorreu no saguão do Teatro Municipal de Uberlândia no final de 2017. Não participei da montagem, apenas escolhi os trabalhos que desejava expor e enviei para o pessoal da organização, artistas, colegas do curso de Artes Visuais da UFU.

Nessa exposição destaco uma importante questão formal que passou a fazer parte de minha pesquisa, mais especificamente no gênero retrato, a saber, a cor. A cor é um elemento fundamental da pintura. Um fator estruturante que caracteriza historicamente a pintura enquanto linguagem autônoma. A cor enquanto símbolo e convenção no campo da representação passou a dominar meu interesse formal na pesquisa em pintura. Especialmente a cor azul, recorrente em meus trabalhos, passou a dar unidade nessa primeira série azul. Uma série de rostos femininos, na qual a cor azul representa a unidade na variedade.

A representação da figura feminina na contemporaneidade vem desconstruindo estereótipos machistas consolidados ao longo da história da humanidade. Primeiramente, pela própria luta das mulheres para terem mais voz e igualdade de direitos. É essa mulher que se representa a si mesma quando tira uma selfie em sua intimidade e depois publica na rede social. Essa mulher jovem, despojada, que se coloca, que afronta a autoridade masculina, apenas com seu jeito de ser, de se vestir, de se comportar. Foi essa nova mulher, que tem consciência da opressão sofrida e que responde com vitalidade e coragem, que busquei representar com essa série de retratos monocromáticos. É claro que esse discurso eu criei agora, e que pintei essas mulheres por admiração, por desejo íntimo, inconsciente, mas é notório que as pintei numa posição de respeito, dando destaque ao rosto, como parte do corpo que remete ao pensamento e não ao próprio corpo. As pinturas são baseadas em fotos postadas nas redes sociais. Um processo de apropriação de fotografias, semelhante à estratégia de Warhol que se apropriou de fotos icônicas de publicações sobre figuras famosas. Andy Warhol profetizou quando disse que no futuro todos teriam seus quinze minutos de fama. As redes sociais comprovam esse delírio coletivo.

A série intitulada *Minas*, trata da representação da mulher na história da arte contemporânea e enfatiza a questão da cor como elemento formal de unidade, nisso nos aprofundaremos mais adiante. Por hora, trataremos do gênero retrato, enquanto tipo de representação específico e recorrente tanto na história da arte oficial (burguesa), quanto na breve história da minha arte (proletária).





Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



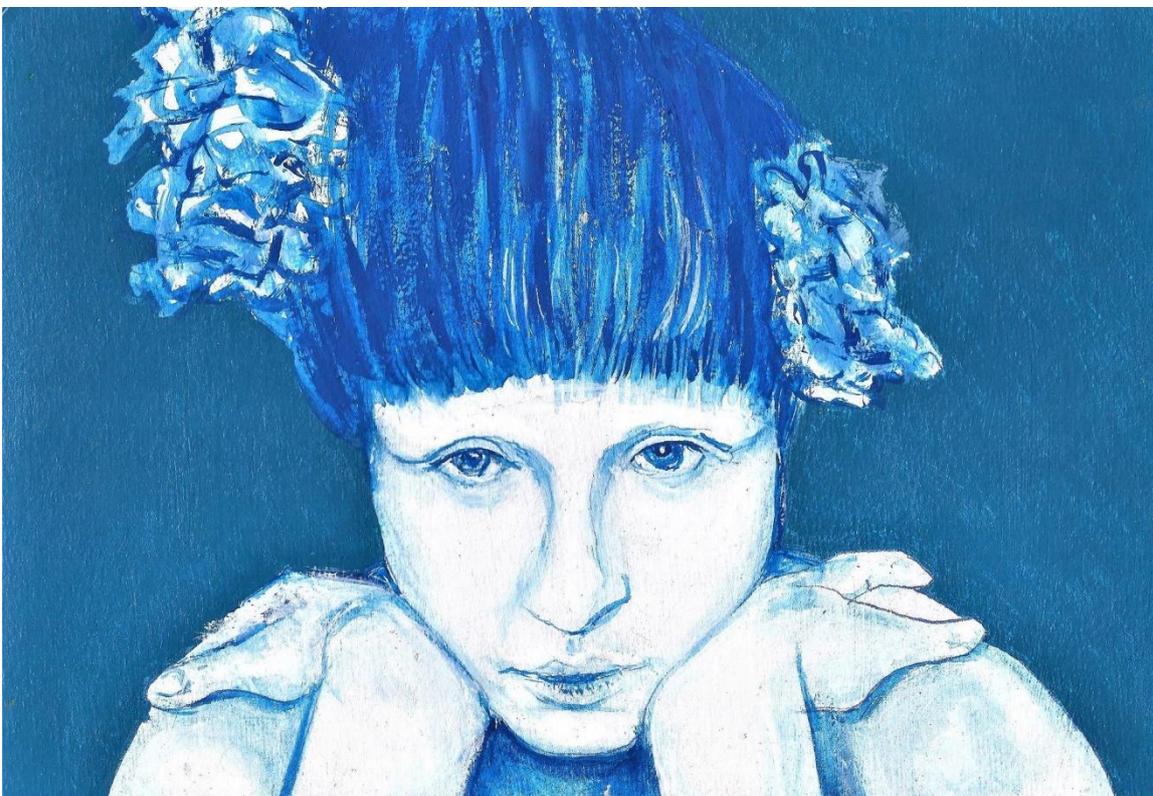
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



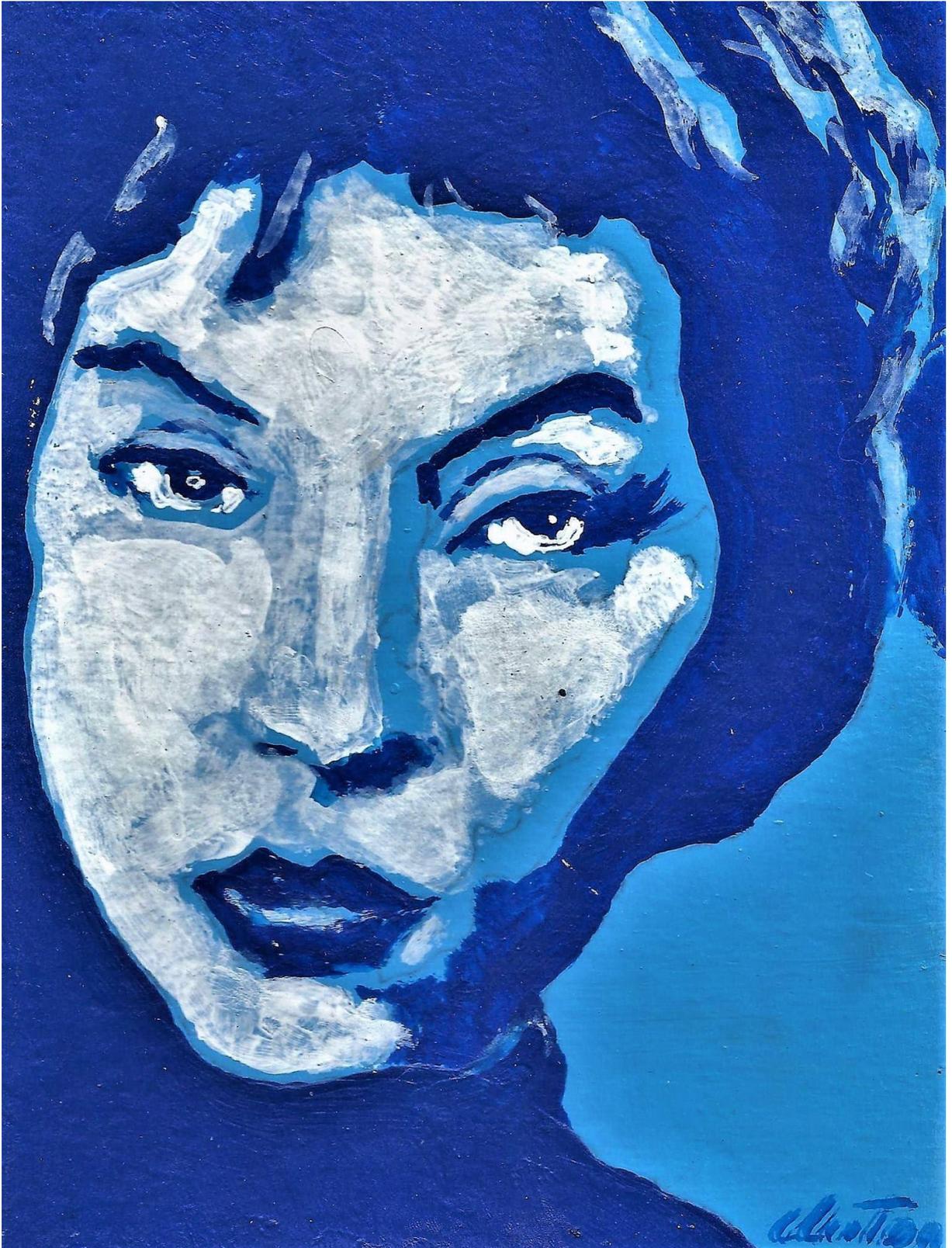
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



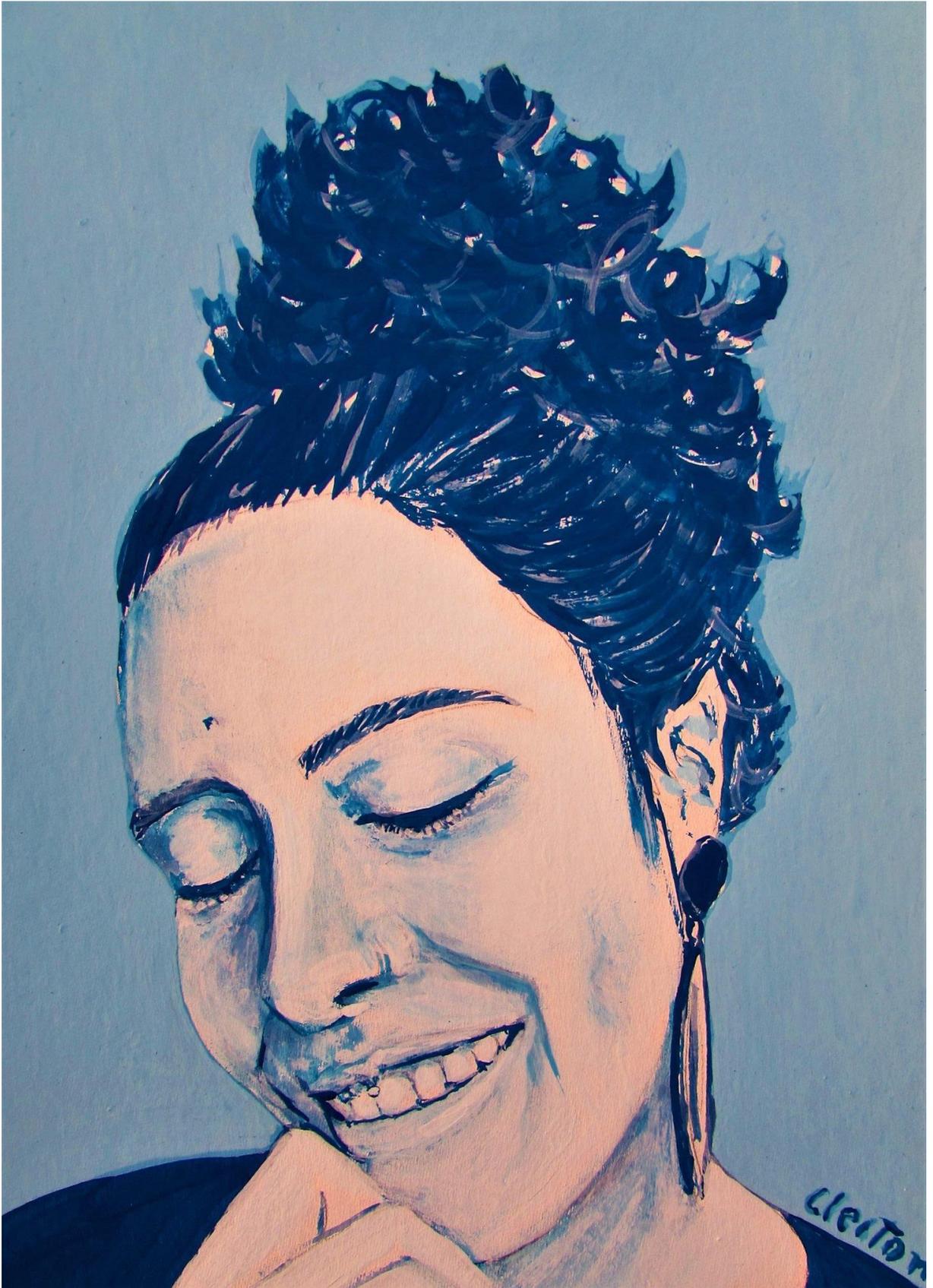
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 15x20 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm

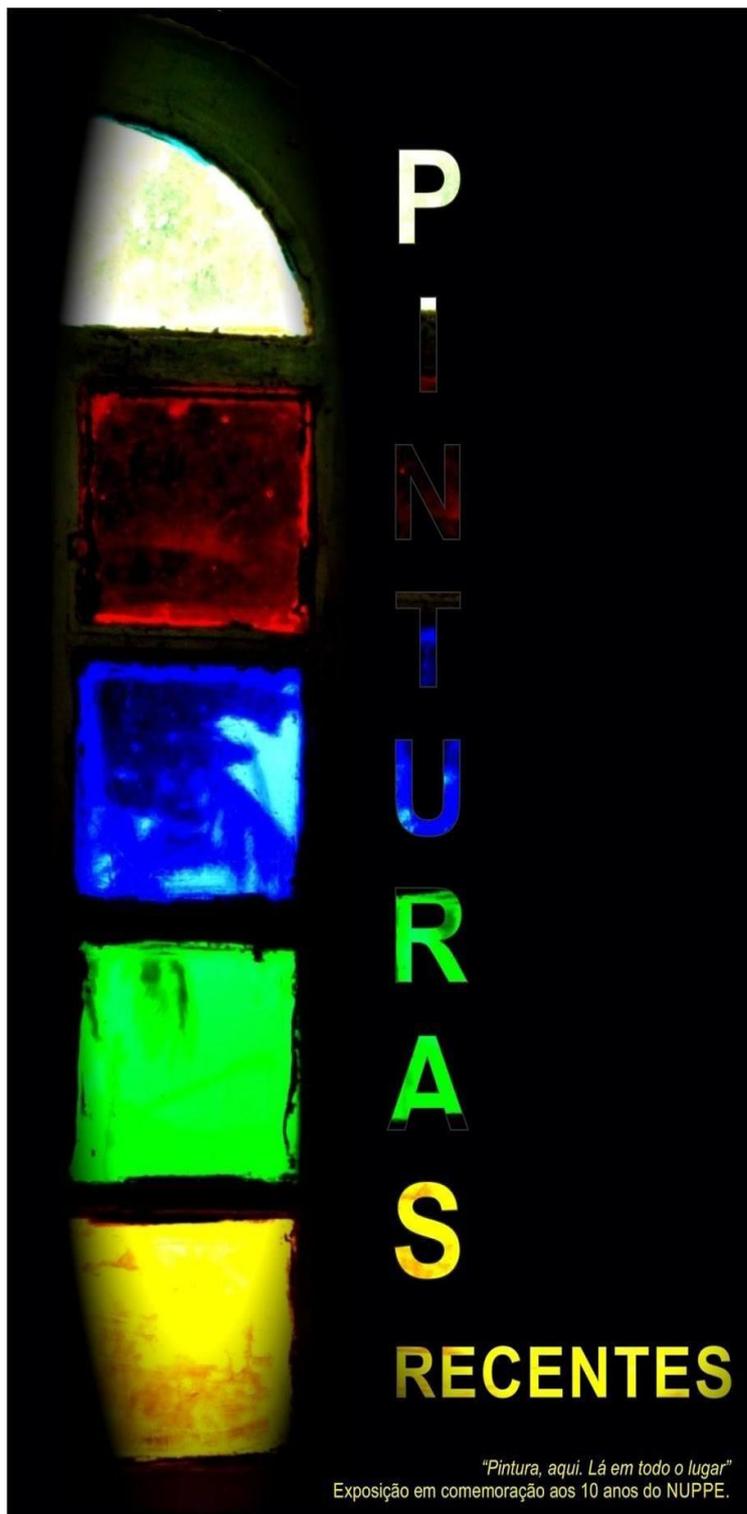


Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm

2.4 Pinturas Recentes



Brayan Arantes
Cleiton Ferreira
Gabriela Dionísio
Rosemário Souza
Vânia Armada

Galeria Geraldo Queiroz e
Sala de Experimentações Visuais
da Casa da Cultura
Uberlândia / MG

Abertura
Dia 20 de Outubro 2017
das 19:30 às 22:00

Curadoria
Rodrigo Freitas e
Aninha Duarte



No dia 20 de outubro de 2017 ocorreu na Casa da Cultura de Uberlândia a abertura da exposição *Pinturas Recentes*. Considero essa exposição coletiva essencial para o

reconhecimento e a legitimação do meu trabalho no âmbito do município, a partir o circuito universitário.

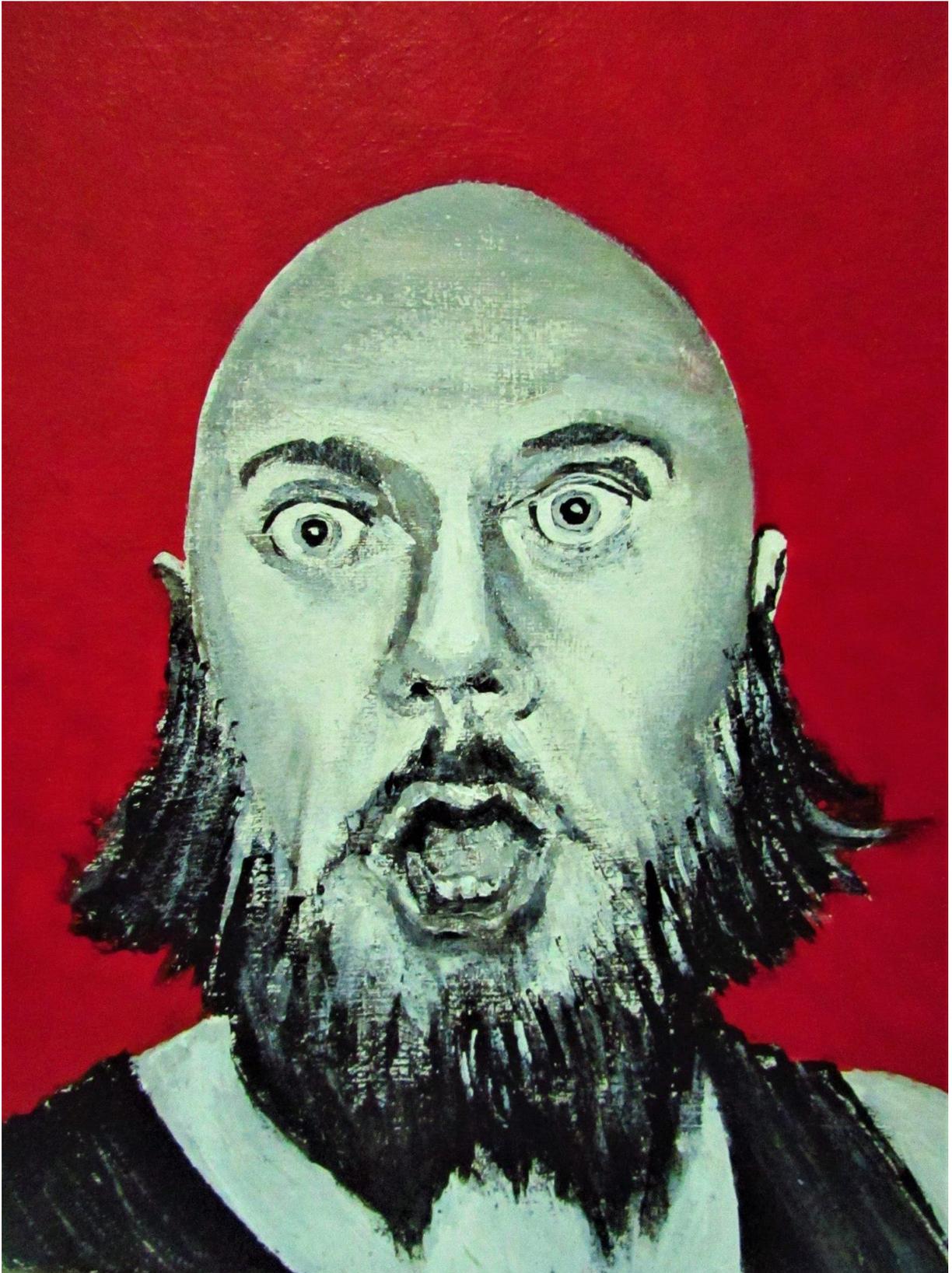
Representando o Núcleo de Pesquisa em Pintura da UFU, a professora Aninha Duarte e o professor Rodrigo Freitas convidaram-me para expor como um dos representantes da pintura recente produzida na cidade de Uberlândia.

Para além da legitimação do trabalho, esta exposição foi importante por diversos motivos. Também por uma curadoria sóbria e uma montagem impecável, em um espaço que favoreceu a série, apresentando ao mesmo tempo harmonia e uma quebra de ritmo fundamental para o equilíbrio da série no espaço como um todo. Nessa série de retratos que intitulei de *Seres*, aparece um tipo de retrato no estilo documento ampliado. Um tipo de retrato que expõe o rosto da pessoa sem que ela possa ocultar seus sentimentos, por mais contraditórios que possam parecer. Retratos que destacam a fisiologia e o biotipo em seu detalhes. Retratos coloridos, onde diversas experimentações da forma e da cor aparecem. Cada retrato trás seu traço particular encontrando unidade desta vez no tipo de montagem. Uma disposição linear que força os olhos do espectador seguir uma linha imaginária, um fio condutor. A série irá revelar um frescor de atualidade, pois as figuras retratadas nitidamente são pessoas de agora. A virtude desses retratos a meu ver é justamente essa característica própria de registrar a figura humana de um tempo recente. *Seres*, retrata pessoas dos anos 2000, pessoas que vivem na era da informatização, mas que apesar de toda tecnologia ainda são animais humanos, assimétricos, contraditórios, distintos, possíveis, passíveis de serem representados, mas não totalmente compreendidos. Apropriação e equivalência são operações que persistem no trabalho como característica que aproxima minha pintura da Pop Art norte-americana. De certo modo, assimilei a linguagem da cultura dominante. Consciente disso e da realidade brasileira, passei a preparar a próxima série que será assunto para o capítulo seguinte.





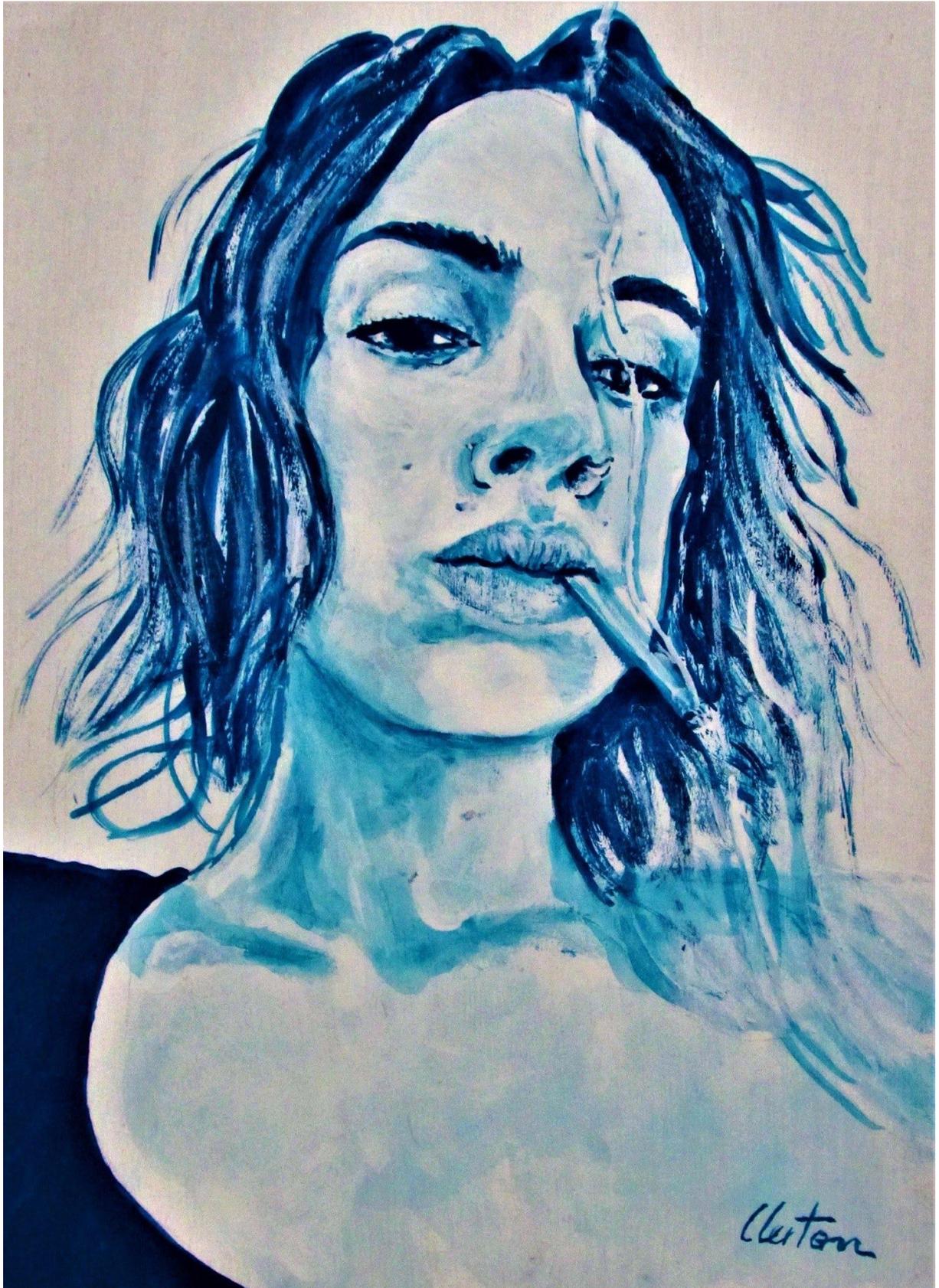
Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



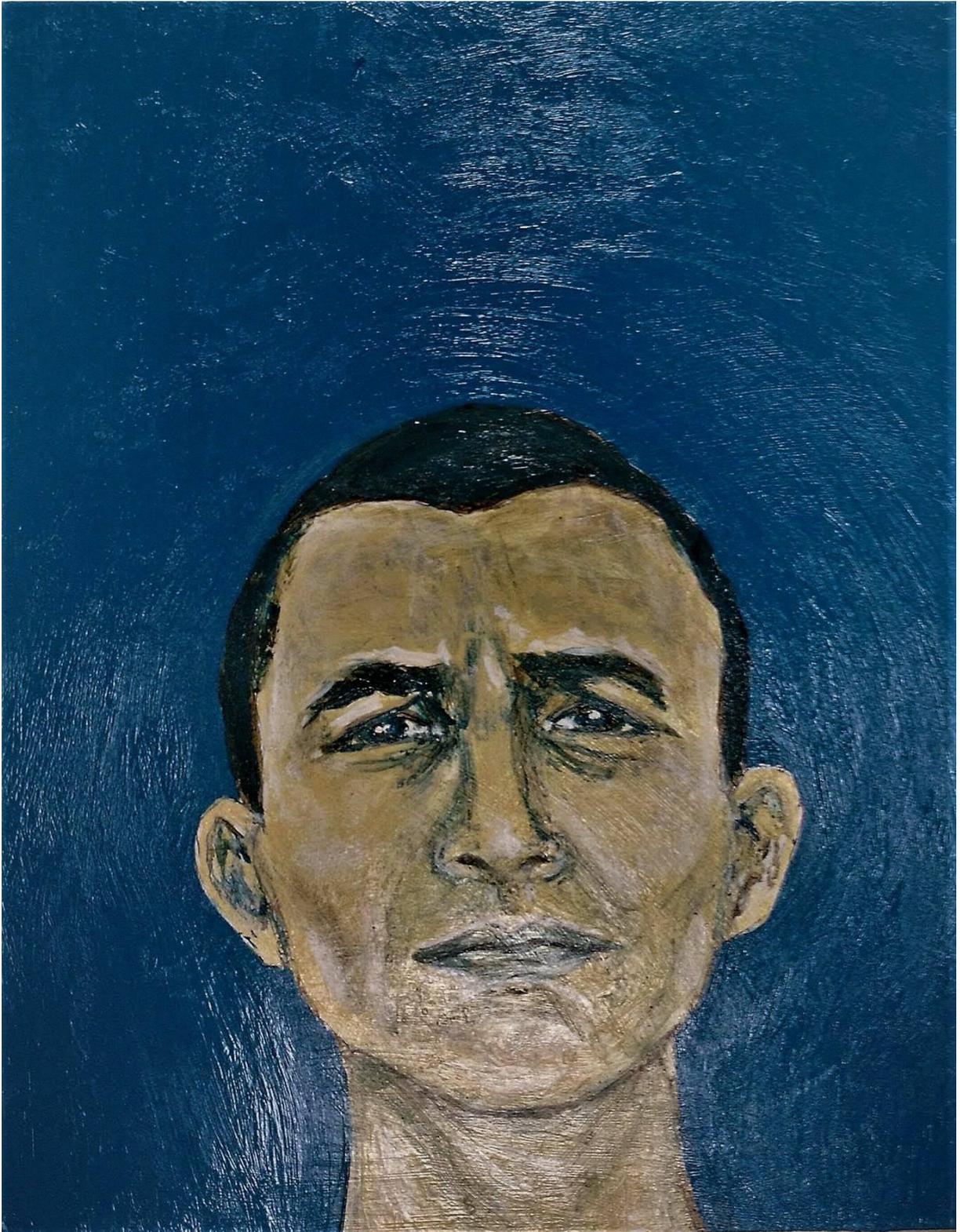
Sem título, 2017. Acrílico sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre MDF, 15x20 cm

2.5 Retratos Contemporâneos



CLEITON CUSTODIO



CLEO FERREIRA

EXPOSIÇÃO

RETRATOS CONTEMPORÂNEOS

ABERTURA: 21/04, 16H
LOCAL: MUSEU HISTÓRICO

APRESENTAÇÃO MUSICAL

MUSEU DO ESQUECIMENTO

HORARIO: 17H30



Prefeitura de
Porto Ferreira

Produção
Renan Arnoni



seja mexista

voe

ARTE: @PIRUAH

Retratos Contemporâneos foi minha primeira experiência expositiva fora de Uberlândia. Através da divulgação de meu trabalho em redes sociais fiz contato com o secretário da cultura do município de Porto Ferreira-SP e ele demonstrou interesse de fazer uma exposição no Museu Histórico da cidade. Em uma ligação telefônica, formalizou o convite expondo suas condições.

Com direito a matéria no Jornal e Show da Banda Museu do Esquecimento, a exposição foi dividida com outro artista, que por sinal é meu querido irmão Cleo Ferreira. Eu havia enviado fotos de meu trabalho e selecionado uma série especial para a ocasião.

A vereadora do município do Rio de Janeiro, Marielle Franco, mulher, negra, homossexual, militante de diversas causas em prol do povo pobre e marginalizado, havia sido brutalmente assassinada por milicianos cariocas, supostamente envolvidos com a família Bolsonaro. As mídias, ao passo que apoiaram francamente o golpe contra a presidente Dilma, relatam timidamente o caso de impunidade no assassinato político de uma jovem mulher cheia de sonhos e ideais. Aquilo de certo modo me revirava as tripas. Eu não conseguia pensar (acreditar) no que estava acontecendo neste país. Mal sabia o que viria depois. Todavia, o assassinato de Marielle me comoveu demais e reforçou minha desilusão com esse sistema econômico assassino. A arte deve tocar nisso, pensei. Criei uma série de retratos de mulheres jovens, dentre elas, Marielle Franco. A ideia era mostrar como pode ser cruel pensar no assassinato de nossas irmãs, companheiras, mães, filhas, amigas. Mulheres tão jovens, cheias de vida, de planos, de desejos interrompidos pela força de uma representação daquilo que há de pior em nós, homens. A força política do capital matou uma mulher jovem, todos sabem quem foi, inclusive a TV e os assassinos estão impune. A sensação de que arte não serve pra nada faz a gente desejar ser mais objetivo e dar um sentido mais claro para o que fazemos.

Essa exposição Retratos Contemporâneos foi montada por mim e por meu irmão. O trabalho de Cleo Ferreira é um híbrido de colagem e pintura em que retrata crianças indígenas pintadas sobre um fundo de reproduções de notas de dinheiro. Muito incisivo e direto. Qualidade técnica impecável. Apropriação das fotografias de Cláudia Andujar. Seu trabalho mistura pintura e colagem sobre madeira. Nele está contido um elemento especial que é a reprodução das notas coladas no fundo. A ideia de reprodução contida na propaganda, na Pop Art, irá despertar meu interesse posteriormente. Por enquanto, vamos nos deter na pesquisa do retrato enquanto narrativa histórico-política.

De um lado, crianças indígenas sendo capturadas pelo violento olhar fotográfico do pesquisador sobre notas de dinheiro. O dinheiro brasileiro ironicamente é chamado de Real,

referindo-se à monarquia. Há bichos da fauna brasileira retratados nessas notas, o que por si só já é bastante expressivo e compõem muito bem com os outros elementos da pintura. A série de Cleo é muito bem resolvida e eloquente. Chega a ser comovente, ultrajante, triste.

De outro lado, mulheres jovens exibindo rostos alegres e debochados. Retratos coloridos que poderiam contar uma história feliz não fosse o fato de que dentre eles estava o retrato de Marielle Franco. A jovem política assassinada trás o tom trágico à série. O contraste entre a representação e o que ela representa fica nítido quando reconhecemos seu rosto dentre as outras mulheres retratadas. Na época, o rosto de Marielle estava sendo estampado em todas as mídias. Ela se tornou automaticamente uma espécie de mártir político, um ícone da cultura popular. Mas o que eu pensava era como a sua família devia estar se sentindo. É triste saber que a vida humana vale tão pouco diante de interesses econômicos e políticos. O estilo de vida burguês e sua ideologia política poderá levar a democracia capitalista ao nazi-fascismo. Estamos no limiar. Hoje escrevendo isso em perspectiva, percebo o quanto a imagem pode contribuir para a luta política, percebo o quanto nossos sentidos são vulneráveis a boatos, *fake news*, mentiras, discursos alienantes, narrativas ideológicas. Dominar a construção e a manipulação desses mecanismos de comunicação nos dá certa autonomia para criar alternativas de resistência e de sensibilização. As pessoas estão cada vez mais insensíveis com a dor do outro. O identitarismo mantém as pessoas comuns em constante conflito, enquanto a classe dominante manipula os recursos econômicos e condiciona as relações a partir da imposição da produção e do consumo de mercadorias de todo tipo. Não há tempo para reflexão. As pessoas não se reconhecem, não se enxergam, se esbarram, andam amontoadas, em filas, mas não se enxergam. Elas não tem tempo de olhar ao redor. Estão presas nas telas. Brigam por mesquinhas, confundem gosto com critério de avaliação, subjugam-se, submetem-se, delatam-se, vigiam-se, censuram-se, matam-se!

Quase ninguém apareceu na abertura da exposição, a não ser meu pai e minha mãe mais alguns amigos fiéis. Porém, como sempre, desde que a gente preste atenção, a experiência expositiva e todo o processo que a envolve nos transforma ao nos contar algo novo sobre nós mesmos e conseqüentemente sobre o mundo.

Neste ponto cheguei à conclusão de que se contarmos nossa história para nós mesmos conheceremos um pouco da história do próprio mundo. Aqui este trabalho passa a fazer sentido para mim. Um sentido muito vivo e real. O sentido de buscar sentido enquanto houver forças para isso. O desejo de expressar o próprio desejo, de cantar o

mistério, de pintar o profundo, de falar o que precisa ser dito, de escrever outra história, de gritar por justiça, de transformar-me em outro, é o que me motiva a continuar.

Por fim, destaco a matéria do Jornal, que foi interessante e bem escrita. Observando que Porto Ferreira é a cidade onde vivi uns vinte anos de minha juventude, adquirindo traumas que ajudaram a formar meu caráter em desenvolvimento. Alimento sentimentos contraditórios pela cidade. Mas apesar do fracasso de público ter confirmado a sua tendência provinciana, confesso que a matéria do Jornal me envaideceu e no fim o que fica para história é o que está escrito, quer dizer aquilo que é lido ou selecionado pelo poder.

Este trecho saiu com uma foto em 4 de maio de 2018 na primeira página do *Jornal do Porto* na página de Cultura:

Quantas informações podem estar contidas em um retrato? Um simples olhar de uma pessoa desconhecida tem qual significado? Estas provocações estão contidas nas obras dos ferreirenses.

Na página 13, a matéria completa dizia:

“Exposição “Retratos Contemporâneos” acontece no Museu Flávio da Silva Oliveira”
Quantas informações podem estar contidas em um retrato? Um simples olhar de uma pessoa desconhecida tem qual significado? Estas provocações estão contidas nas obras dos ferreirenses Cleo Ferreira e Claiton Custódio (escreveram meu nome errado) que estarão expostas no Museu Flávio da Silva Oliveira.

Na sociedade contemporânea há um excesso de informações invadindo constantemente a vida dos indivíduos. Ao mesmo tempo a correria diária para manter os compromissos exclui dos homens simples atitudes como a contemplação, a sensibilidade e a percepção das coisas. Cada humano tem uma história, cada olhar transmite uma mensagem. Visitar a exposição “Retratos Contemporâneos” coloca o expectador diante dessas reflexões.(...)

Gostei do texto. Fez justiça ao trabalho. A arte torna a vida suportável. Assim eu passei a vivenciar as experiências sociais, tendo por mediação a experiência estética e as táticas de manipulação de elementos visuais contidos ou dispersos na cultura. O universo da arte se expande e se mistura ao da cultura visual. Se tudo é arte devemos descobrir o que não é. A pesquisa continua. Desconfio que seja infinita e eterna, mas só chamamos de eterna e infinita aquilo que desconhecemos, mas supomos. Nos fiamos apenas na intuição de que devemos avançar. As próximas experiências serão afetadas inevitavelmente pelos acúmulos de percepções anteriores, a sensação de continuidade me impulsiona a buscar

rupturas, frestas, quebras. A insatisfação com o que é fácil nos impulsiona para o desconhecido, rumo às novas experiências, mais amplas, por assim dizer. Buscar o espaço aberto, a rua, foi e é uma tendência da arte desde 1960. O caminho parecia natural, o espaço acadêmico já não abrigava todas as possibilidades que minha pesquisa em pintura poderia suscitar como experiência pessoal, como arte política, como meio de transporte no mundo das representações, que simbolizam e direcionam as relações materiais concretas. Mas antes de falar das experiências na rua e nos desdobramentos da pintura em outras linguagens, o próximo capítulo será sobre a cor e a representação em geral, conceitos trabalhados na série que considero a mais importante e significativa do meu trabalho até então, intitulada de *Realismo Azul*.



Sem título, 2018. Acrílica sobre MDF, 30x40 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre MDF, 30x40 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre MDF, 30x40 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre tela, 30x40 cm



Sem título, 2017. Acrílica sobre MDF, 30x40 cm



Meu pai visitando uma exposição pela primeira vez, 2018.



Meus pais, Sebastião e Elza, curtindo o momento no Museu Histórico de Porto Ferreira-SP, 2018.

2.7 Realismo Azul

EXPOSIÇÃO
REALISMO AZUL
Cleiton Custódio



Abertura 06 de setembro | 20h
Visitação 06 de setembro a 15 de outubro
2ª a 6ª feiras 12h às 18h

GALERIA DE ARTE DO MERCADO MUNICIPAL
R. Olegário Maciel, 255 - Centro

#somoscultura

PREFEITURA DE
UBERLÂNDIA
VOCÊ PODE CONTAR COM A GENTE

2019

Na contemporaneidade a arte se contamina de filosofia e passa a operar na esfera das relações, criando relações e não apenas objetos. Vivemos um momento em que as diversas narrativas coexistem e os processos interessam muito mais aos artistas do que os objetos em si. Nesse contexto, não vamos aqui discutir o conceito de realidade, mas de *mimese*. A *mimese* é uma forma de imitação ou de representação da “realidade”. Tendo em mente que o que se chama de realidade é uma narrativa cultural construída historicamente. Para Platão, a *mimese* é negativa, pois representa uma realidade menor, ou seja, à do mundo das aparências. Para ele a realidade deveras estava contida no mundo das ideias. Já

Aristóteles recupera a positividade do conceito, compreendendo que a *mimese* é criativa, já que a realidade passa pelo mundo material que sentimos e experimentamos. A capacidade mimética é o que possibilita o reconhecimento e a representação da realidade. A *mimese* no sentido aristotélico é portanto a capacidade de refletir sobre a realidade. Aristóteles coloca os artistas acima dos historiadores, pois enquanto estes apenas podem dizer como foi a história, os primeiros podem dizer como poderia ter sido ou como será.

O discurso materialista ou realista se opõem ao discurso idealista ou romântico. Pois, enquanto um pressupõe relações materiais o outro pressupõe relações ideais. Porém, esses discursos, aparentemente antagônicos, operam dentro da mesma lógica, por isso eles têm algo em comum, ou seja, só podem estar na esfera da representação, como não poderia deixar de ser e ambos são motivados por uma vontade de ordem discursiva, isto é, pela razão.

Mas então por que Azul? A cor é um elemento crucial na pintura. Ao mesmo tempo em que a cor é possível por características e propriedades materiais (físicas) específicas, ela representa uma vasta simbologia sentimental, romântica, idealista, narrativas construídas e selecionadas ao longo da história da pintura.

O azul surge em minha história de repente, quando em uma tarde eu estava trabalhando em um colégio particular como monitor de cursinho. Basicamente eu ficava em uma pequena sala esperando os alunos, para orientá-los em seus estudos e tirar dúvidas sobre história da arte e possíveis questões de vestibular. Quase ninguém recorria aos meus trabalhos, definitivamente, arte não era importante no vestibular. Mesmo na universidade a arte é tratada como um tipo de atividade exótica, hermética, para poucos. Isso tem a ver com discursos e luta de classes, mas não vou me ater a isso nesse momento. Voltemos para o azul. Como disse inicialmente, eu estava no trabalho e enquanto esperava os alunos que não vinham eu levava material e ficava pintando. Nesse dia em especial, só tinha levado tinta azul e branca. Um feliz acidente que me inspirou a criar uma série de pinturas monocromáticas que denominei, posteriormente, de *Realismo Azul*. Realismo porque é um trabalho mimético, que busca certa objetividade e azul porque é sentimental e motivado por um desejo selvagem, inconsciente, subjetivo. Essa ambiguidade, a contradição como estratégia e recurso de comunicação de uma complexidade me interessa como matéria de pesquisa e recurso de composição.

O azul, que a princípio, surge ao acaso, passa a ser incorporado como vontade de ordem, como busca de unidade, como solução visual na composição, na criação de uma identidade visual. Passei a vivenciar profundamente a experiência da cor a partir de uma

pesquisa sobre as narrativas em torno do azul. O azul tem uma história, formada por diversas narrativas construídas ao longo da história, por culturas diferentes em diversos períodos e contextos. Encontrei na internet um estudo recente sobre a cor Azul. Este trabalho cita diversas fontes e busca relacioná-las construindo uma narrativa sobre a cor e suas diversas implicações e aspectos.

De acordo com essa tese, em 1858, Willian Gladstone percebeu que não havia a palavra azul nos textos de Homero. Lazarus Geiger, juntou-se a Gladstone e unidos pesquisaram vários textos antigos; hebraicos, japoneses, hindus, chineses e perceberam que em nenhum desses havia sequer menção à cor azul, sequer havia uma palavra que a representasse. Simplesmente não existia a palavra azul e sem palavra para descrever a cor, ninguém a distinguia. Segundo essa pesquisa, foram os egípcios que inventaram o azul. Por ser uma cor rara na natureza a os povos demoraram para percebê-la e nomeá-la. Portanto, o azul é um símbolo criado pelo ser humano. Nosso cérebro associa percepções semelhantes e as agrupam em um significado. Mas o meu azul não é igual ao seu. Cada um enxerga um azul. Não há um tom de azul absoluto, apesar do azul servir para representar o espaço infinito e a dimensão espiritual.

Tanto no campo simbólico, quanto na dimensão física, o azul pode apresentar aspectos contraditórios. Picasso teve sua fase azul, um período motivado pelo sentimento depressivo provocado pelo luto. Azul é a cor das possibilidades ilimitadas, disse Ives Klein. Em muitas culturas o azul esteve ligado ao divino. No Egito acreditava-se que o azul espantava a inveja. Henri Matisse pintou até os tomates de azul e lamentou que o resto da humanidade não os enxergasse assim. No Islã, azul significa proteção. Azul é a cor mais escura depois do preto. Leonardo da Vinci foi o primeiro a explicar porque o céu é azul. Van Gogh disse que não se cansava do azul. 45% das pessoas do mundo preferem a cor azul. Somente 3% das pessoas detestam a cor azul. Dizem que o azul transmite paz, tranquilidade, harmonia, calma, fidelidade, realização espiritual, amizade, confiança, integridade, sabedoria, inteligência, concentração, independência. Por outro lado, o azul também pode despertar sentimentos negativos por ser uma cor fria pode estar associada à tristeza em algumas culturas.

No século XVI o pigmento azul foi extraído de uma pedra preciosa chamada lápis-lazúli, por isso era muito cara e somente os nobres podiam pagar por ele. Nesse período o azul foi usado para retratar o manto da Virgem Maria e de Cristo. Depois da descoberta do azul da Prússia pela oxidação do cobre, o pigmento ficou mais barato e a cor azul tornou-se mais acessível e recorrente na arte. Após a Revolução Industrial mais de 111 tons de azul

foram forjados e patenteados. O azul simboliza a riqueza. Na internet, o azul é muito utilizado nas propagandas e nas redes sociais para seduzir a atenção das pessoas.

Uma superfície pintada de azul dilui-se na atmosfera, causando a impressão de desmaterializar-se como algo que se transforma de real em imaginário. Diante do azul a lógica do pensamento consciente cede lugar à fantasia e aos sonhos que emergem dos abismos mais profundos de nosso mundo interior. Nos signos do zodíaco, azul é a cor da pedra do mês de março, mês das águas, curiosamente, mês em que nasci.

Outro aspecto a se notar nessa série, além da cor, é a variação de escala, que foi aumentando na medida em que fui experimentando outros suportes. O aumento da escala possibilitou outros tipos de gestos transformando as pinceladas, o que trouxe ao trabalho mais consistência e expressividade, identidade.

Em janeiro de 2019 criei um perfil no instagram chamado @realismoazul. Nele passei a postar os retratos azuis que fui produzindo ao longo do ano. Desde sua origem a internet passou a ser um meio através do qual se divulga e se produz todo tipo de informação e com a arte não poderia ser diferente. Criei também uma página no facebook, chamada Blue Art. Além de alguns perfis em redes de divulgação de imagens. Assim passei a utilizar a rede virtual como meio de organizar meu trabalho e criar portfólios ou galerias virtuais para a difusão das imagens que andava criando.

Politicamente o país atravessa uma profunda crise, em que muitos retrocessos em conquistas históricas de direitos para os trabalhadores estão sendo implementados pelo governo de Jair Bolsonaro. Discursos de ódio são disseminados nas redes sociais e nos espaços públicos. A polarização dos discursos políticos é instigada pela mídia, a exaltação do preconceito, do racismo, da homofobia, do machismo, do fanatismo religioso entra na pauta dos discursos contraditoriamente moralistas. A imagem de uma criança imitando uma arma com as mãos é violência simbólica que se mostra como tragédia anunciada. Ataques sistemáticos ao sistema de ensino em geral. Censura da arte. Diluição do foco do debate. As pessoas aderem a um partido ou outro sem perceber que no fundo tanto faz. O neoliberalismo atua instigando contradições ilusórias para distrair a massa da causa real de seus problemas. A violência simbólica e o descaso para com a vida humana é um reflexo de um sistema que desumaniza para justificar a produção e o consumo desenfreado de mercadorias. Um sistema que fabrica doenças para vender remédios, falsos paliativos que impedem os trabalhadores de enxergarem o óbvio, o que está por trás da confusão de discursos antagônicos e contraditórios.

O Brasil começa com um assalto a mão armada seguido de genocídio e estupro coletivo. Um país continental que fora dividido para algumas famílias explorarem, nobres da Corte Portuguesa. Pessoas que, por desejo de conquista, arrancaram outras de seus contextos na base da extrema violência e as escravizaram até à morte. Uma organização desleal e injusta desde sua raiz. Estudar a história do Brasil é destruir eufemismos. Somos colonizados pelos discursos dos nossos carrascos, daqueles que destruíram a natureza em nome de um Deus cruel e vingativo. As condições parecem-me bastante adversas para o esclarecimento através da educação formal. Qualquer crença nessa cultura capitalista e em suas instituições parece maquiagem uma desgraça inevitável – a miséria causada pela ganância e a destruição dos recursos naturais. O desequilíbrio e a desarmonia entre as forças necessitam mais do que nunca serem combatidos pela parte da humanidade que deseja sobreviver e ainda sonha com a justiça em vida! Mas é preciso ter coragem para contrariar os hábitos e os discursos com os quais já estamos acostumados e com os quais estruturamos nossa personalidade. As pessoas criam, pois é de sua natureza, mas nesse sistema antinatural, as pessoas não são donas da própria criação. Elas estão alienadas de suas forças, por uma aderência irrefletida que opera no nível do desejo, do desejo irracional pelo poder. As pessoas criam e reproduzem discursos. Pessoas são discursos. O foco de minha atenção é o ser humano. A cabeça do ser humano representa os sentidos, o pensamento, a imaginação e a consciência. A consciência é a condição para a criação de representações. A consciência é uma abstração que é a representação das representações. A colonização dos corpos no capitalismo passa pela colonização das consciências.

Enquanto pintava pessoas, pensava em suas histórias, em como elas são parecidas e diferentes ao mesmo tempo. Algo me fascina em nós. Somos seres contraditórios, estranhos para nós mesmos. Somos animais racionais, o que significa que criamos representações para explicar o mundo para nós mesmos. Essa necessidade de explicar o universo para nós mesmos talvez seja universal dentre nós, seja esse desejo irracional, sem explicação, de que fala Schopenhauer. Mas se eu não sei o que é também não posso afirmar que seja irracional ou que não exista um motivo ou causa para isso. Por enquanto, fico com o mistério e aposto no movimento de transformação. Tudo está em transição. Nada é definitivo a não ser a própria mudança. A consciência se expande na medida em que se exercita no impulso de representar. Representar é criar, dar forma, transformar. Para isso é preciso tomar consciência de certos processos e apenas se toma consciência experimentando possibilidades. Eu decidi conscientemente experimentar a cor azul em sua amplitude. E queria ver onde o azul poderia me levar...

E a cor azul me levou novamente para a galeria do Mercado Municipal. Quase quatro anos depois voltei a expor onde expus pela primeira vez, só que agora seria uma exposição individual, idealizada e montada por mim com ajuda de pessoas muito amigas com as quais fui criando relações bastante produtivas nessa minha caminhada. Yone Correia foi quem convidou-me para expor e deu todo o apoio para que a exposição acontecesse, inclusive ela foi também fundamental na curadoria e na montagem. Mais uma vez meu irmão Cleo com quem divido minha vida, por assim dizer, participou comigo de praticamente todas as partes do processo. Cleo ajudou demais a pensar e a fazer acontecer a exposição. Paulo Soares auxiliou na articulação indicando meu trabalho para Yone. Amigos me apoiaram e sem esse apoio essencial eu não teria conseguido fazer sozinho. Essa exposição foi pensada durante um ano e o resultado foi muito interessante para mim, além de representar o fechamento de um ciclo e o início de um novo momento em minha vida e consequentemente o desejo de representar essa transição me levará há outros lugares, ainda desconhecidos.

O Azul trouxe-me até mim e quando caí na real resolvi transformar a realidade com consciência. Meu objetivo é expandir a consciência e para isso preciso transitar para me colocar em situações experimentais. Eu precisava de uma pintura para fechar o conceito, algo elementar, que pudesse sintetizar a ideia. Pensei no discurso de Andy Warhol, pensei no trabalho de meu irmão e pensei no capitalismo e que apesar de tudo eu precisava viajar. Meu espírito nômade clamava por movimento! Seria uma exposição de retratos monocromáticos em tons de azul, pensei que um retrato poderia sintetizar essa história de realismo azul. Eu tinha uma pintura de uma nota de cem reais que fiz porque achei na rua um suporte no formato da nota, só que em escala maior. A nota de cem reais é azul e trás um retrato de um rosto impessoal que é uma alegoria da república. O fato do dinheiro brasileiro se chamar real também é bastante representativo. Por outro lado, meu objetivo era vender os trabalhos, sem nenhum problema eu gostaria de demonstrar honestidade quanto a essa postura e declarei que meu objetivo principal com essa exposição seria transformar matéria-prima em representações e trocá-las por representações e através delas poder transitar no mundo *real*. Resumindo, meu objetivo era trocar as pinturas por dinheiro. Com esse discurso afiado e por alguma eloquência do próprio trabalho vendi 30 pinturas, o que foi além da minha expectativa. Fora da exposição vendi mais algumas. E de fato vou viajar para a praia com essa grana no princípio de 2020.

A exposição *Realismo Azul*, e a pintura de um modo geral, levaram-me para outros lugares e me fizeram dialogar e experimentar outras linguagens, criando múltiplas relações

entre minhas ações e os estímulos do mundo. A noção de um sistema de arte local em diálogo com os outros vários sistemas de arte foi possível devido à imersão em um processo vital de criação, uma busca de ordem subjetiva na vida prática e mental, que propiciou momentos de criação e entendimento de alguns processos individuais que produzem o universo criativo do ser humano. A humanidade é uma abstração, uma noção cultural difundida e imposta aos diversos grupos de indivíduos, através da força e de discursos para justificá-la. A arte sensibiliza a inteligência para a percepção de uma estética da busca pela liberdade, contra a repressão e contra a censura.

Na abertura da exposição *Realismo Azul* passei um vídeo que produzi sobre alguns processos de criação e houve uma apresentação musical do grupo *Cinema Invisível*. Uma vontade de associar sons e cores numa apresentação integrada que merece ser melhor explorada em outro momento, mas que já indicava o espírito de hibridismo que caracterizou as diversas experiências das quais participei através da pintura.

No último capítulo tratarei de relatar alguns desdobramentos da série azul que se desenvolveram concomitantemente com a exposição na galeria e outras interfaces provocadas pela minha imersão na pintura. Um diálogo quase natural entre as linguagens que levou-me a transitar e arriscar em outras áreas. Com isto finalizarei minha narrativa e o curso de Artes Visuais fazendo algumas reflexões e considerações finais.







REALISMO AZUL

Cleiton Custódio apresenta uma série de retratos monocromáticos experimentando as possibilidades da cor azul.

O artista desenvolve seu estilo e cria sua marca através de linhas e manchas, que ressaltam seu gesto no embate com a matéria, acreditando na pintura como linguagem relevante e necessária na contemporaneidade.

Realismo Azul é uma pesquisa pictórica que trata de questões formais sem se desligar da realidade objetiva, pois na medida em que enfatiza o ser humano como tema central da sua representação, indica que ainda há algo que a máquina não pode fazer e isso seja lá o que for, tem a ver com sentimento.

06 de setembro à 15 de outubro de 2019



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 80x100 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 80x100 cm



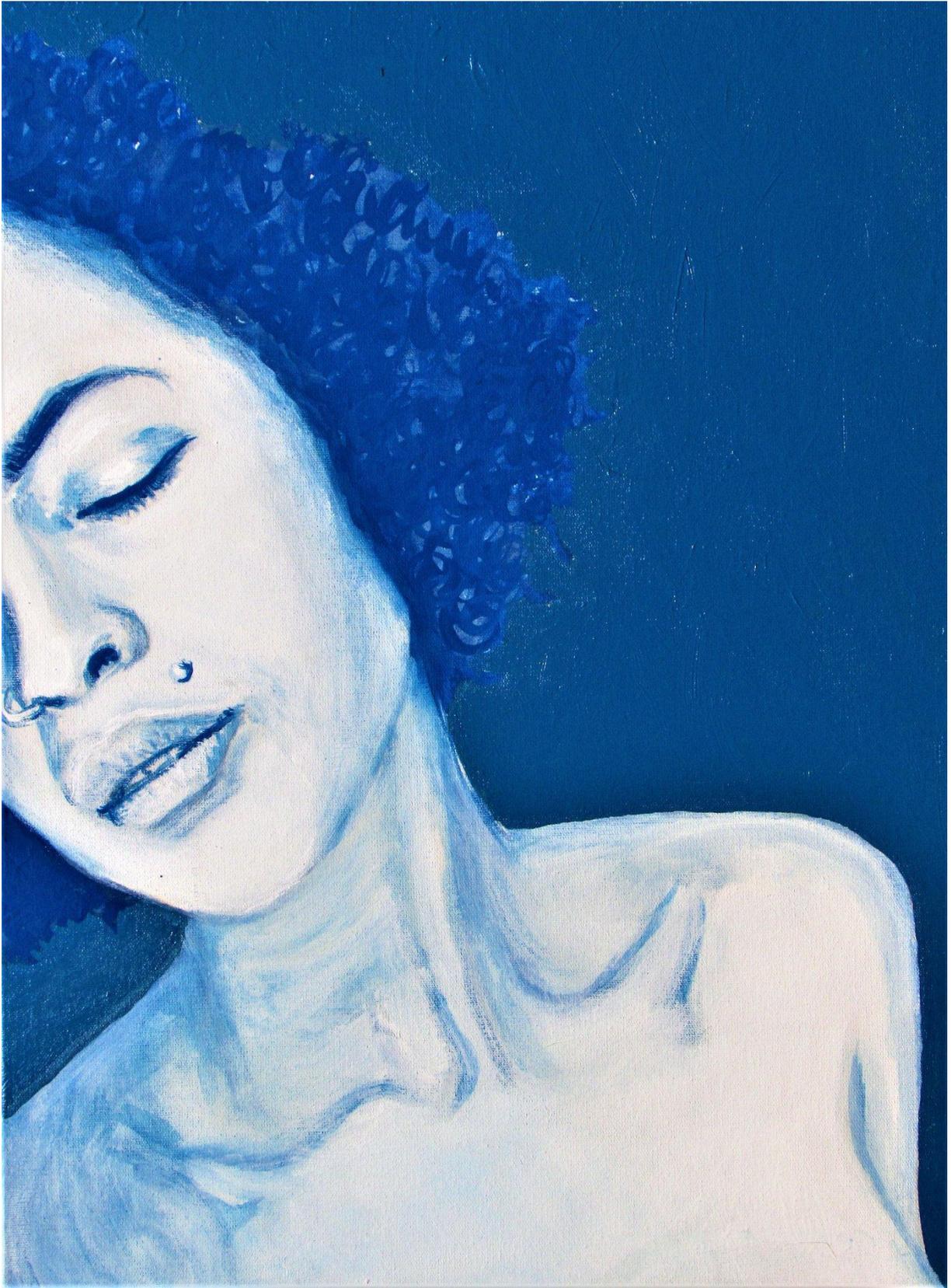
Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 20x30 cm







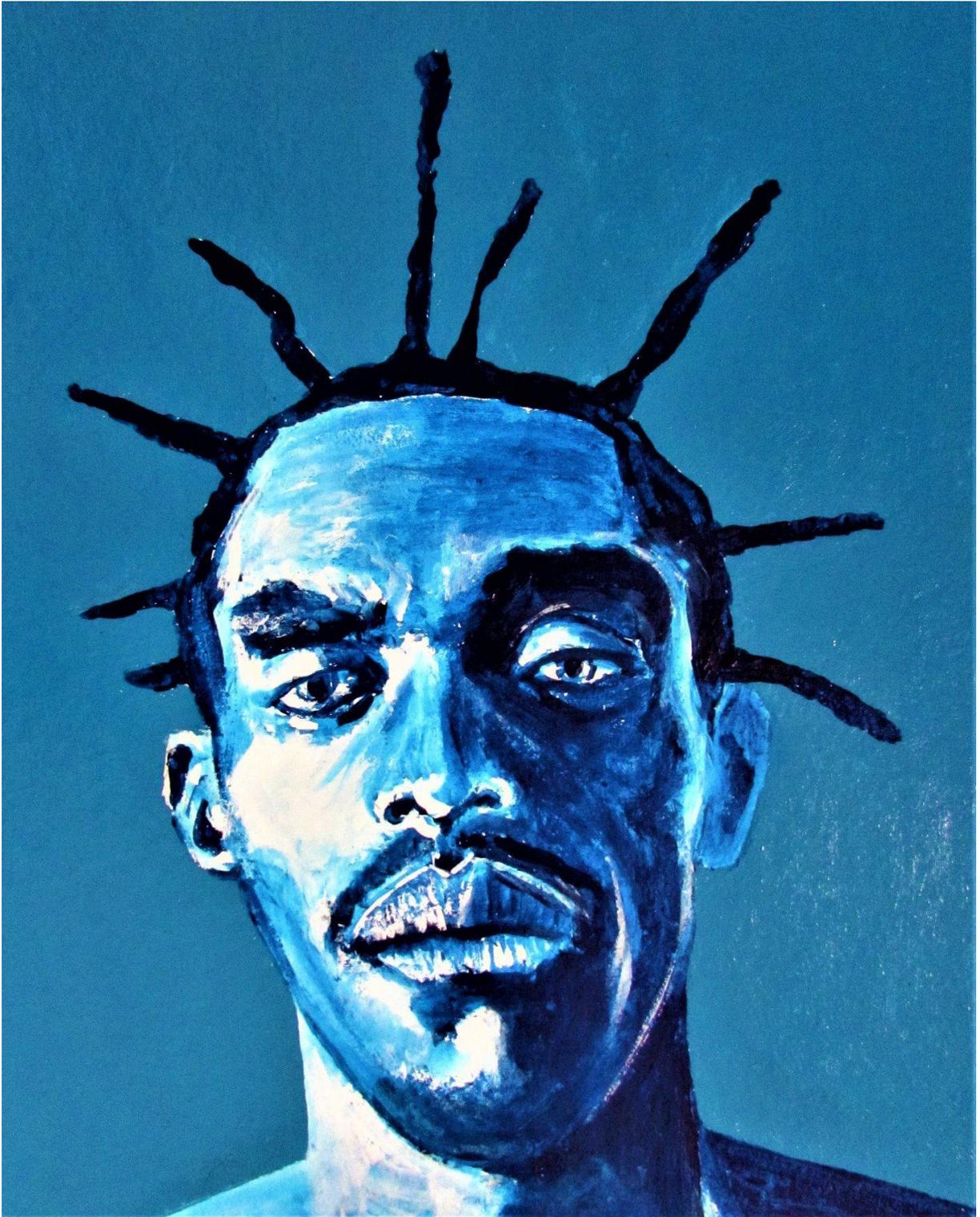
Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílico sobre tela, 80x100 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre papel, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílico sobre MDF, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 40x60 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre MDF, 20x30 cm



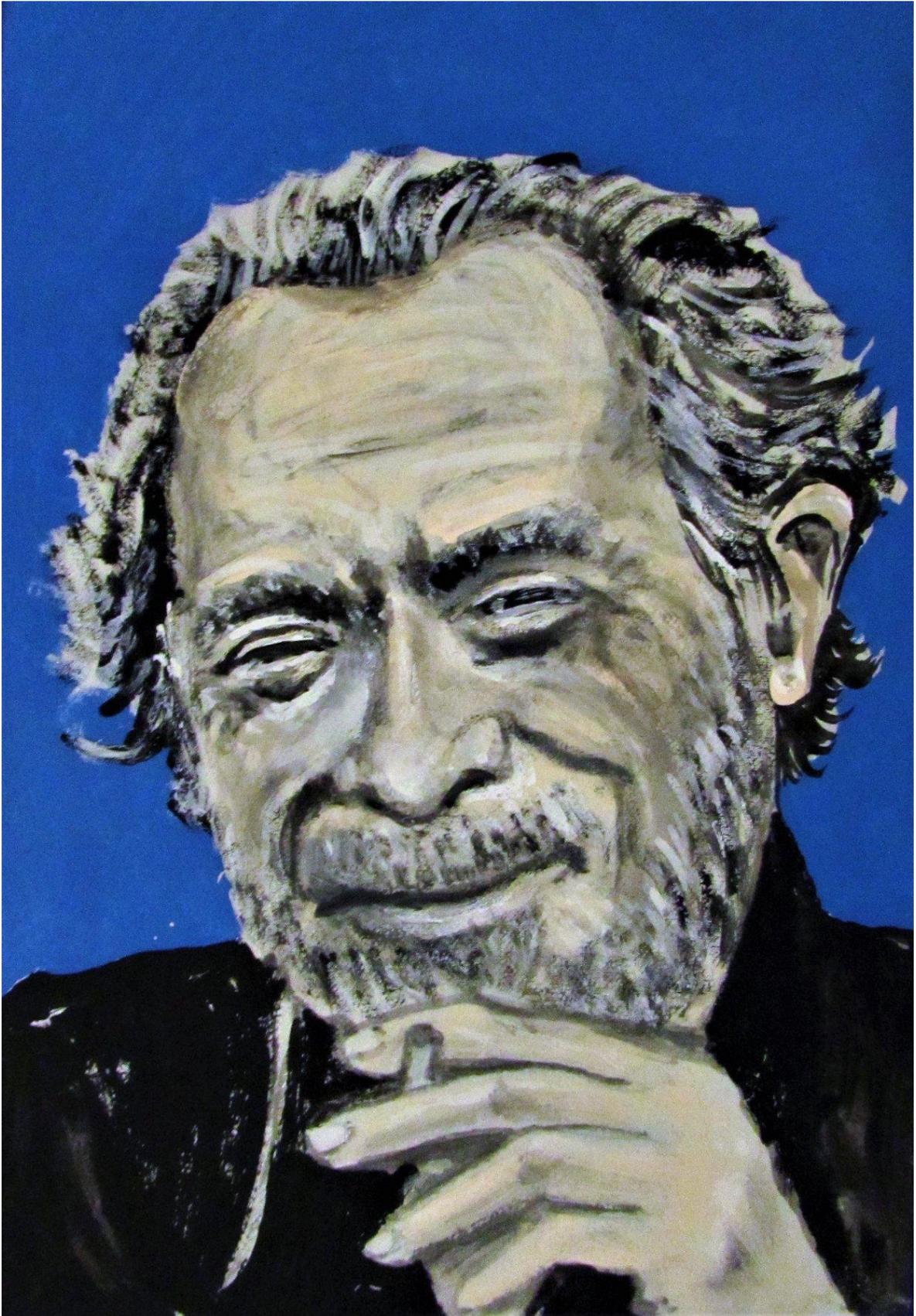
Sem título, 2019. Acrílico sobre tela, 20x20 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre MDF, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílico sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílico sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílico sobre MDF, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre MDF, 30x40 cm



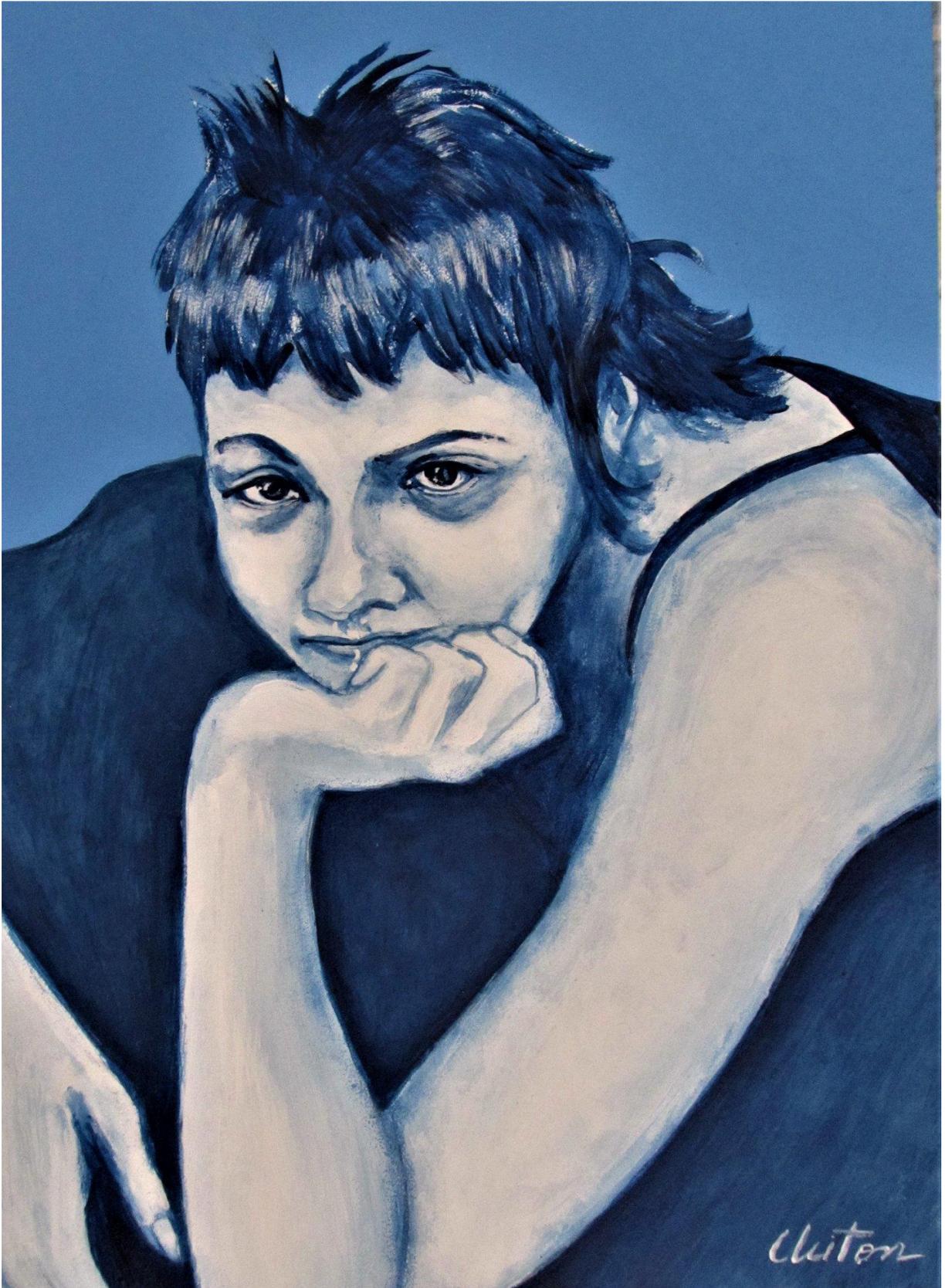
Sem título, 2019. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x30 cm



Sem título, 2019. Acrílico sobre MDF, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre MDF, 30x40 cm



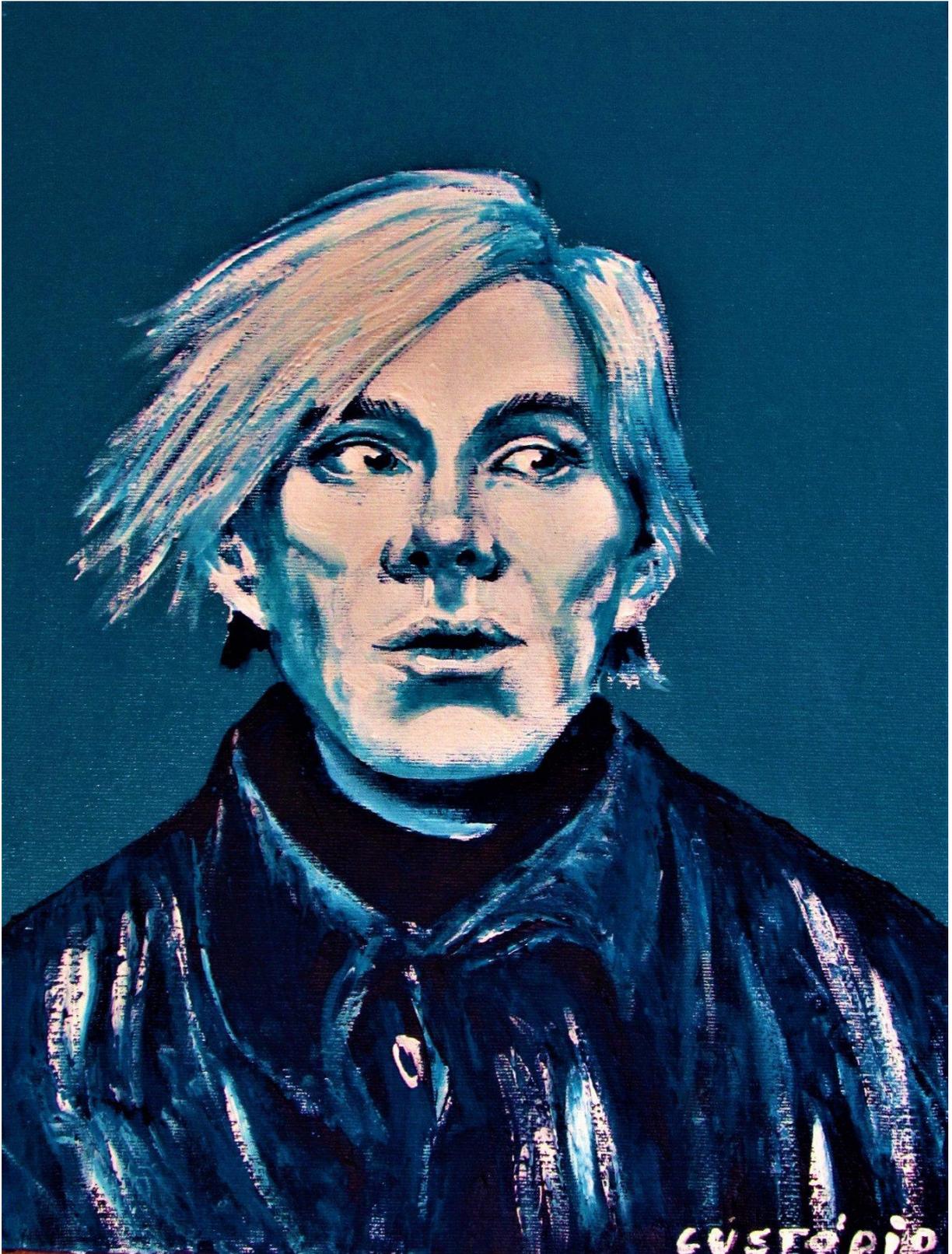
Sem título, 2019. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 60x80 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre papel, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x40 cm



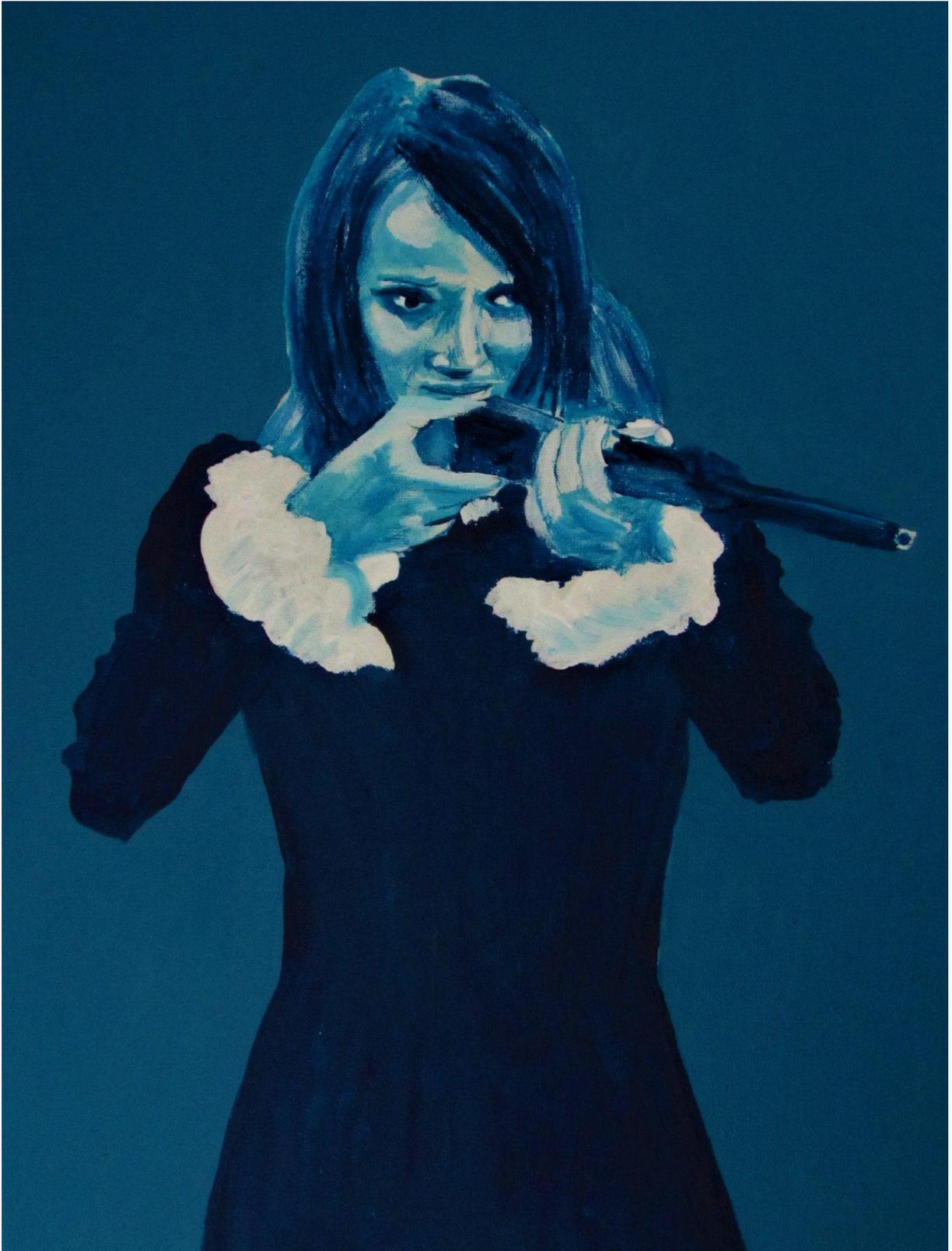
Sem título, 2019. Acrílica sobre madeira, 10x15 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre papel, 20x30 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 30x40 cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 20x30cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre MDF, 30x40cm

3- Desdobramentos e considerações finais

No aniversário do assassinato de Marielle Franco, o pessoal da ADUFU resolveu fazer um ato público para manter viva sua memória e reivindicar por justiça em seu nome. Fui contratado pela professora Jorgetânia Ferreira, por indicação da professora Mariza Barbosa, com quem fiz o estágio na ESEBA, para pintar um retrato de Marielle no muro externo da UFU. Convidei meu irmão para ajudar-me, já que o trabalho seria grande e o tempo, curto. Eu nunca tinha desenhado numa escala tão grande. Não teria conseguido sem a ajuda do Cleo. A imagem tinha dois metros de altura por dois de largura. A superfície era irregular e saliente (tijolos à vista). Tudo cooperou para ser mais difícil. O prazo era curto, tínhamos que começar cedo para terminar antes do ato. Foi um desafio e tanto que superamos com empenho e coragem. O resultado ficou muito bom, mas antes mesmo de começar fomos detidos. Os guardas disseram que alunos do campus tinham nos visto pichando o muro da universidade e denunciaram. Como a gente não tinha uma autorização por escrito, fomos detidos. Depois de um longo chá de cadeira e um telefonema fomos liberados. Enfim, apesar de tudo, a pintura ficou muito boa e o ato foi emocionante. Mulheres do movimento negro e de outros segmentos sociais comandavam o ato. A imagem se tornou bastante conhecida, pois houve cobertura da imprensa que deu destaque para o trabalho e depois ficou em um lugar de bastante movimento e visibilidade.

As ruas formam um vasto universo de suportes para a comunicação visual. A experiência com a técnica de mural e graffiti expandiu minha percepção sobre o espaço e o gesto na construção da imagem. A dimensão da escala aumentada faz alterações significativas sobre nossa percepção. A força daquela imagem despertou a fúria dos adversários políticos daqueles que defendem justiça por seu assassinato. A imagem foi vandalizada quatro vezes. Na primeira, uma mancha de tinta branca no meio do rosto, restaurei. A segunda vez, foi uma mancha de tinta preta, foi mais difícil, mas consegui salvar a imagem, tive a impressão que ficou até melhor que a primeira. E então a imagem foi toda pichada de vermelho e depois com frases ilegíveis, uma coisa revoltante, não consigo descrever o sentimento que aquilo despertou em mim naquele momento. Somente depois pude raciocinar e perceber a força da imagem e a profunda crise educacional pela qual passa o nosso povo. Uma jovem foi friamente assassinada por motivos ideológicos e ainda há gente que defende que ela mereceu. Prova de que um defeito cognitivo programado foi instaurado em grande parte da população, através de meios pedagógicos. A educação para o consumo irrefletido.

Esse trabalho gerou a encomenda de duas pinturas ainda maiores em panos que seriam bandeiras amarradas no carro de som da ADUFU na passeata contra os desmandos do governo Bolsonaro contra a universidade e a educação. Pinte o rosto de Marielle e o rosto de Paulo Freire. As pinturas ficaram interessantes e cumpriram uma função digna, que contribui para uma luta simbólica pela justiça e pela liberdade. O foco da minha pintura por enquanto é a figura humana, por que é o ser humano a que me refiro com minha pintura. Mas de que ser humano eu estou falando? Que humanidade é essa que nós idealizamos em nossos discursos? Questões que retomarei ao fim deste trabalho.

Nesse ínterim, fui convidado por um artista para expor no SESC de Mococa-SP. A exposição seria no saguão do teatro municipal da cidade, onde ocorreria uma apresentação musical de Tom Zé. Preparei uma tela de 200x160cm e pinte um retrato azul de Tom Zé. Foi uma pintura que demorei mais para finalizar, experimentei ir pintando aos poucos, diferente do modo como estava habituado. Uma das características da minha pintura é a velocidade. Costumava pintar relativamente rápido. Mas desta vez resolvi experimentar outro tempo e demorei quase um mês para finalizá-la. O resultado surpreendeu-me e percebi que poderia conseguir avançar se mudasse o jeito de pintar, se experimentasse outras escalas e materiais.

Na exposição, no saguão do teatro, a pintura assumiu um lugar de destaque, por isso, inevitavelmente, a pintura foi notada por todos e principalmente pela companheira de Tom Zé, que ficou muito encantada e sorriu quando perguntei se seria possível entregá-la ao modelo. Ela me disse que sim e que por sinal ele iria adorar. Eu cortei a pintura do chassi, enrolei com cuidado, enfiei em um cano e tapei dos dois lados. No tubo escrevi uma dedicatória dizendo o quanto amava a sua arte e o quanto ele era inspirador para mim. Ele fez uma apresentação incrível como não poderia deixar de ser. 83 anos de vigor, som e fúria. Tom Zé é definitivamente um fenômeno. Fonte de Inspiração.

Quando terminou a sua apresentação todos correram para abraçá-lo e arrancar algumas fotos e beijos. Eu comprei um disco de vinil (Nave Maria), ele assinou. Entreguei uns cds do *Cinema Invisível* e ele disse que iria ouvir. Não sei se ouviu. Tanto faz. Eu entreguei a pintura e agora ela está lá com ele.

Cheguei à conclusão de que a arte é um meio de transporte radical, um modo criativo de transitar no mundo e de construir relações. Minha pintura me levou à Tom Zé. Eu voltei para casa com a sensação de missão cumprida. E ansioso para pintar e descobrir onde isso poderia me levar...

Pouco tempo depois, fui convidado pelo setor de cultura da prefeitura de Uberlândia-MG para fazer uma pintura ao vivo no Mercado Municipal. Pintei um retrato azul de Paulo Freire. Paulo Freire pensou a educação como instrumento para a libertação da classe trabalhadora. Freire, em sua obra, se posicionou sempre em favor dos excluídos, dos explorados, dos marginalizados, se colocando abertamente contra o sistema neoliberal e a favor de uma ética humanista. A ideia de humanidade é central para compreender seu argumento. Que humanidade é essa?

Na sequência fui convidado para expor no *Terreirão do Samba* no show dos *Garotos Podres*, clássica banda de punk suburbano do ABCD paulista. O show da banda foi emocionante!

São Bernardo do Campo, onde nasci, foi palco das greves operárias nos anos 1970, foi ali que surgiu a figura emblemática de Lula como líder político do povo trabalhador. E o show dos Garotos Podres parecia remeter às assembleias de operários no ABCD (contexto vivido por meus pais). Em pleno governo Bolsonaro, Mao (vocalista fundador da banda e professor de História) encarnou em seus discursos o espírito revolucionário dos operários anarquistas e as músicas emocionaram a gente de tão simples e diretas, elas expressavam uma honestidade intelectual rara de se ver na arte brasileira. Eu recebi 100 reais para expor uma tela de 200x160 cm com um retrato azul de um macaco. Joguei um adesivo com um retrato azul do Lula para o Mao no palco e ele sorriu e gritou: “Lula Livre”!!! Mais uma vez, pensei comigo: missão cumprida!

Antes de avançar, voltemos um pouco no tempo, para refletir sobre momentos de experimentações em outras linguagens. Pretendo destacar algumas experiências bastante significativas e relevantes para meu desenvolvimento enquanto artista no espaço da universidade.

Primeiro quero citar a revista de HQ *Meia Cura*. Esse foi um projeto do professor João Agreli, do qual tive a honra de participar. Fiz a capa e uma história para a revista. Na capa fiz uma pintura do Mazzaropi. Dentro, fiz experimentações com desenhos, colagens e textos. Foi minha primeira publicação nesse sentido e creio que dada a dimensão do projeto comecei muito bem.

Da HQ para o cinema. Fui convidado por Lucas Orsini e Keynni Junior para o projeto *Dor Invisível*, um curta-metragem de ficção sobre depressão e suicídio entre jovens universitários. Minhas pinturas fazem parte do cenário do filme, além de ter participado como ator, mesmo sem nenhuma experiência anterior, também fiz o cartaz e os desenhos

dos créditos finais. Foi uma experiência muito rica e inovadora dentro do curso de Artes Visuais da UFU.

Na estreia, o auditório estava lotado e todos aplaudiram de pé ao fim da sessão. O filme é mesmo emocionante por se tratar de assunto tão delicado. Todavia, ele dividiu opiniões entre os professores. Parte deles se identificou com os personagens e se revoltou por se sentir mal representada; tais professores quiseram boicotar a apresentação do filme no MUNA. Outra parte gostou e participou do debate, entendendo a importância do tema e a necessidade de se criar uma produção independente para debater temas cruciais. Pode-se dizer que o filme não atingiu uma qualidade técnica espetacular, mas cumpriu muito bem sua função de arte engajada, preocupada com o social. Uma arte que é feita coletivamente, na solidariedade entre artistas e colaboradores. Uma arte que trata de assuntos que merecem ser debatidos no espaço público, sobretudo, na universidade, onde isso deveria ser a regra.

A meu ver, infelizmente, o que se vê de fato é uma disputa irracional por mesquinhas, uma cultura do coronelismo e da censura que se firma na micropolítica das relações cotidianas. O medo de refletir sobre as próprias práticas leva muitos profissionais a confundirem gosto e opinião com ciência e política. É costume no Brasil quem tem poder abusar dele e fazer do espaço público uma extensão da propriedade privada. A burguesia faz isso com o mundo. A classe média e a pequena burguesia se baseiam no consumo como padrão de bem-estar. Tendo a consciência imersa nesse paradigma, tornam-se incapazes de fazer uma autocrítica. Então o problema sempre é o outro. Nós éramos os outros, os que se atreveram a romper com a mesmice. Do meu ponto de vista, a mediocridade impera no ambiente acadêmico, que reverencia as narrativas europeias e norte-americanas como modelos a seguir. Nós chegamos como cangaceiros da arte. Por um tempo, os *mexistas* assombraram os corredores do Bloco II e foram assunto nas reuniões de professores de arte, por que será? Será que o que fizemos pareceu muito selvagem? Será que parte desses seres, tão civilizados, não conseguem olhar no espelho e debater sua condição abertamente?

Obrigado Meninos e Meninas da *Mexidos filmes*, pelo ensejo de fazer e refletir sobre cinema e sua função! Foi lindo enquanto durou. Um agradecimento especial ao professor Alex Miyoshi que escreveu uma crítica atenciosa e muito positiva sobre o filme no blog do professor da UNICAMP, Jorge Coli, historiador da arte renomado e autoridade reconhecida pelo sistema de Arte brasileira. É interessante observar que dentro do sistema de arte os discursos se chocam e há uma disputa entre os sujeitos, cada qual tentando impor aos outros seu ponto de vista. Nesse caso, a sabedoria popular parece-me bastante assertiva quando diz que santo de casa não faz milagre.

Por falar em arte brasileira, vamos falar de *mexismo*. *Mexismo* foi um coletivo de artistas, alunos de artes visuais da UFU, que se juntaram, na ocupação contra o golpe na greve de 2016, para fazer arte e expor na rua, como forma de protesto. Fomos para rua, sobretudo, para expor de forma alternativa e pesquisar as possibilidades da imagem e das relações que ela cria com as pessoas nos espaços públicos abertos. *Mexismo* foi o que se chama de escola da vida. Essas experiências coletivas de autogestão nos alimentaram o sonho de expandir tais práticas e alcançar resultados cada vez mais significativos. Fizemos festas-exposições em repúblicas com música ao vivo, bebida, comida e artesanato. Fizemos grupos musicais e nos apresentamos em bares e festivais, fizemos exposições nas ruas, em eventos públicos e privados. Durante um tempo, ilustramos as *crônicas mexistas* no blog da *Carta Capital*, criamos manifestos, pichamos a cidade, colamos lambe-lambe, fizemos alterações em espaços variados, transitamos através da arte. Assumimos um discurso radical e por isso não agradamos a quem gosta de ficar em cima do muro ou de se fazer de neutro. O *mexismo* também cumpriu sua função, que era estragar a falsa paz e o marasmo que imperava no Bloco II. O que restou foi um perfil no instagram que pode ser visto como uma galeria virtual com obras de diversos artistas que, em algum momento, aderiram à ideia e participaram ativamente do movimento.

Posteriormente, o movimento e o coletivo foi legitimado pelo espaço acadêmico quando fomos convidados para relatar nossas experiências para os alunos do Estágio 3 da professora querida Raquel Salinemo, no primeiro semestre de 2019. Evento que foi registrado no SIEX como atividade de extensão.

Por fim, devo dizer que relutei em escrever este trabalho, pois não queria simplesmente seguir as normas e passar pela universidade sem fazer nada que fosse realmente significativo para mim e para outras pessoas, como faz a maioria alienada de suas forças. Venci o medo e a preguiça, mais a depressão de estar vivendo num mundo de injustiças e misérias, com a ajuda fundamental de meus familiares e companheiros de luta. Cheguei em Uberlândia apenas com algumas roupas e uns 100 reais. Meu irmão, na mesma. Mas ele teve a brilhante ideia de fazer revistas em quadrinhos para vender no campus: *Quadrinhos Infames, contos ruins e poesias piores* ainda. No primeiro mês o Cleo vendeu 300 revistinhas, que vi ele fazer com as próprias mãos, noites sem dormir, bêbado, sofrendo as dores de existir num mundo sem *eira nem beira*. Vendíamos as revistinhas também pelas ruas nos arredores da universidade, de dia e de madrugada. Sem dúvida, foi uma experiência muito rica em aprendizado. Conversamos com muita gente, brigamos e

amamos, aprendemos como se virar sem dinheiro numa cidade desconhecida por conta dessa ação performática do Cleo; o primeiro artista com quem tive contato neste planeta, com certeza o que mais admiro, porque apesar de ser mais jovem que eu, ensinou-me e ensina-me muito... é um privilégio que encaro com naturalidade ser irmão desse cara. Sem palavras para definir o que sinto quando penso no Cleo. Obrigado mano!

O Cleo lembrou-me que esqueceram que escrever também é uma arte e que a maioria dos trabalhos acadêmicos é um porre. Porque não tem vida ali, porque é impessoal, frio, soa falso. Aqui não, meu irmão! Aqui há vida, ávida vida, dividida, ah vida...

Sou um ser humano e isso significa ser contraditório. Na minha opinião ou há muitas humanidades ou não há humanidade alguma. Chego à conclusão de que no fundo, *humanidade* é só uma palavra, um símbolo, mera representação. Porém, representar não é pouco. Porque quando representamos, alteramos o meio e conseqüentemente este meio nos altera. Representar é pois criar e criar é transformar-se. É a intenção e a disposição em transformar-se que capacita o sujeito para a criação.

Daqui por diante devemos decidir que tipo de sujeito queremos ser. Cabe a nós ser a mudança que desejamos no outro. Estou aqui de peito aberto oferecendo uma narrativa sincera sobre meu processo de criação, ou seja, sobre minha vida. Vida e arte aqui não tem separação.

Recentemente, fui a uma palestra de Ailton Krenak e pude ter a oportunidade de entregar-lhe um retrato azul que fiz de seu rosto. Ele aceitou o presente um pouco surpreso, mas, orgulhoso, mostrou para o colega ao lado. Fez uma dedicatória no seu livro *Ideias para adiar o fim do Mundo* e me entregou. Fiquei muito feliz, pois esse cara é uma referência para mim em termos de pensamento crítico e de humanidade. Quando penso num conceito de humanidade penso na crítica de Ailton Krenak:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha

provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. É importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros.(KRENAK, 2019, p. 63)

Atualmente, participo de um projeto na rua chamado @fotoperformancepopular. Fui convidado pelo talentoso artista baiano Alex Oliveira. Este projeto está transformando minha visão de mundo e com certeza haverá desdobramentos, que no momento ainda não saberia verbalizar, mas vale a pena indicar que em 2020 haverá uma exposição com o resultado dessas ações performáticas em algumas praças de Uberlândia.

Por fim, encerro este ciclo participando de uma exposição coletiva na Galeria do Mercado Municipal chamada *Nove* e iniciarei 2020 realizando uma exposição no SESC de Uberlândia em data ainda a ser confirmada. A arte não finda e a vida continua...



Sem título, 2019. Acrílico sobre parede, 200x200cm



Pintura vandalizada, 2019.



Pintura restaurada, 2019.



Pintura vandalizada pela segunda vez, 2019.



Pintura restaurada pela segunda vez, 2019.



Pintura vandalizada pela terceira vez, 2019.



Pintura vandalizada pela quarta vez, 2019.



Sem título, 2019. Acrílica sobre pano, 200x200cm



Processo, 2019.



Sem título, 2019. Acrílica sobre pano, 200x200cm





Bandeira no caminhão de som da ADUFU, 2019.



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 200x160cm

SHOW TOM ZÉ

SÁBADO * 13 JULHO * 21H *teatro municipal de mococa*

GRÁTIS RETIRAR INGRESSO 1 HORA ANTES

EXPOSIÇÕES
no saguão

cleiton custódio

~

cleo ferreira

SUM 2019
SEMANA UNIVERSITÁRIA MOCOQUENSE

Sesc





Cópia autografada pelo Tom Zé, 2019.





ESPAÇO
CULTURAL
do
MERCADO
2009 | 2019

26.maio | 10h

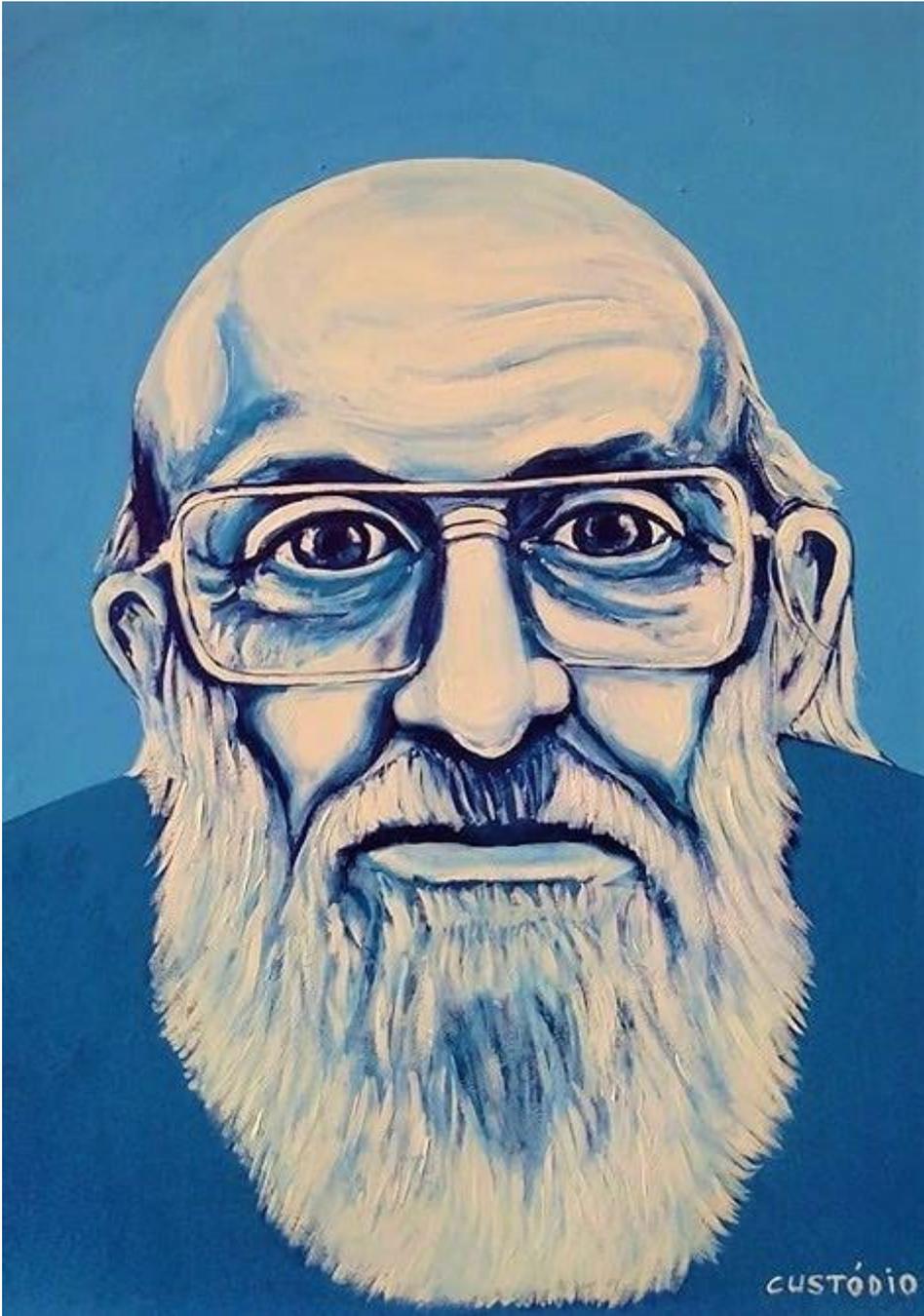
Participação Especial
Udi Jazz Big Band
Cleiton Custódio
Kim Ferreira
Suze Vilas Boas

Espaço Cultural do Mercado
Rua Olegário Maciel, 255

#somoscultura

10 anos
de Arte





Sem título, 2019. Acrílica sobre MDF, 120x100cm



Sem título, 2019. Acrílica sobre tela, 200x160cm

LANÇAMENTO DA HQ

Noite de autógrafos
com os autores

19:30h - 21:00h
Museu Universitário de Arte

MEIA
CURA

21-03



Ilustração para a capa da revista *Meia Cura*, 2018.



CLEITON CUSTÓDIO
como Luiz

Direção e Fotografia
LUCAS ORSINI

RUBIA
BERNARDES
como
Cristina

Direção de Arte
DEBORA BORBA

3/JUL
Auditório 50B-UFU
19H30

THIAGO AUGUSTO
como Daniel

Part. Especial
VAINE

Edição
KEYNNI JR

Roteiro
ROSY RIBEIRO



Cartaz do filme *Dor Invisível*, 2018.



Sem título. Lambe-lambe, 2017.



Sem título. Lambe-lambe, 2017.



Pichação

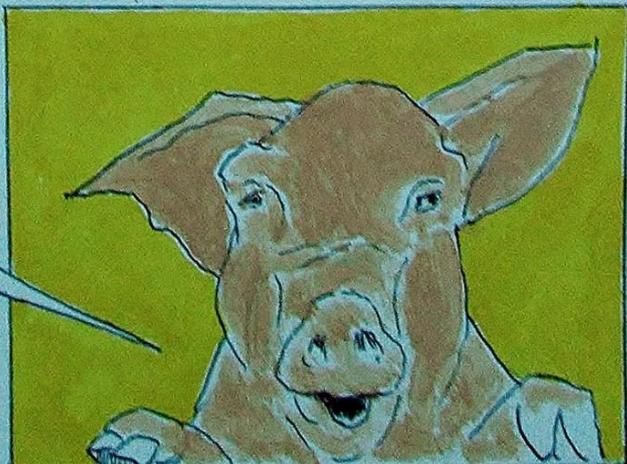


Sem título. Lambe-lambe, 2018



Pichação

PORCOS





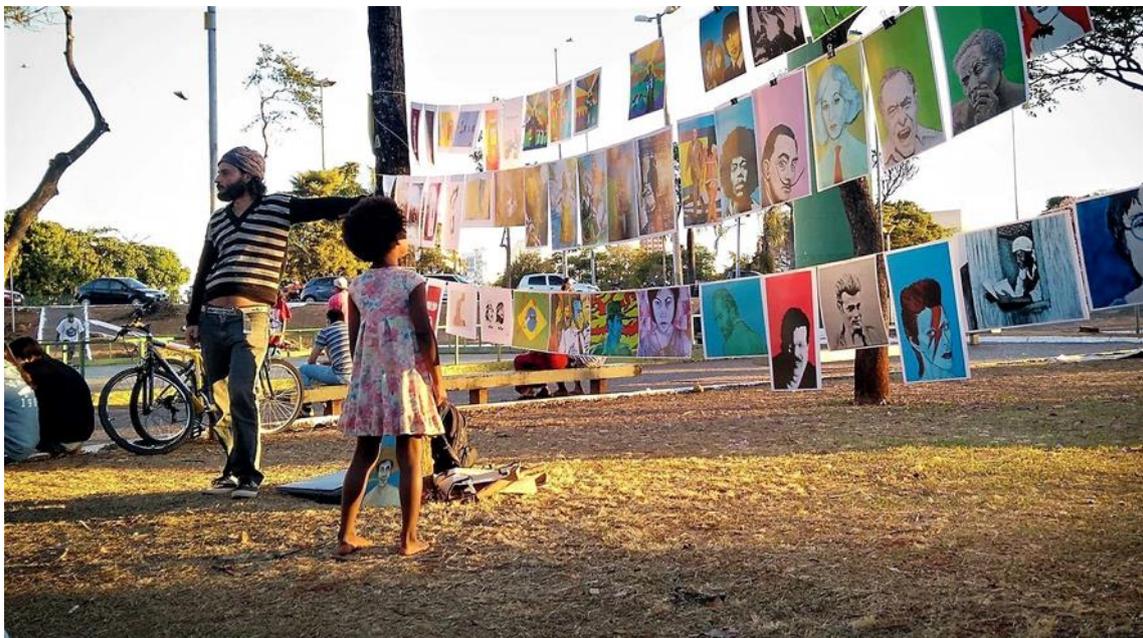
Sem título, Lambe-lambe, 2018.



Sem título, Lambe-lambe, 2018.



Camisetas Mexistas, 2017.



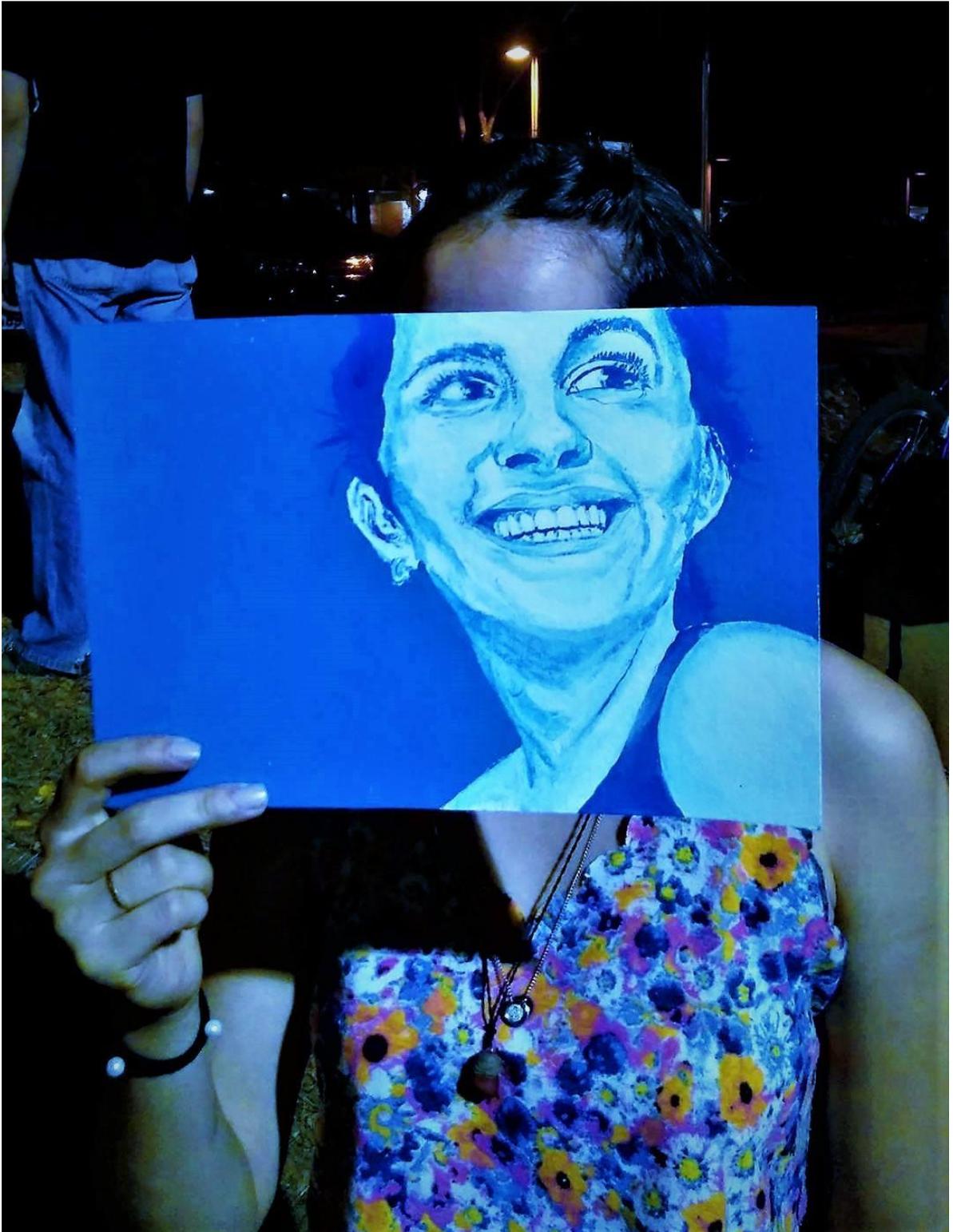
Exposição Mexista, Praça Sérgio Pacheco, Uberlândia-MG, 2017.



Exposição mexista, UFU, Campus Santa Mônica, em frente ao bloco 11, 2017.



Sem Título, acrílica sobre papel, 2017.



Natália Dreossi

PRIMEIROS PASSOS RUMO À GESTÃO CULTURAL - 2019

Coordenação – Prof.ª Raquel Salimeno - Artes Visuais - IARTE- UFU

MESA SEM NOME



AS ENERGIAS SOCIAIS E CULTURAIS DOS MEXISTAS

19H30

07 DE JUNHO

SALA 112
BLOCO 1I - UFU

RODA DE CONVERSA COM
CONVIDADXS

CLEO FERREIRA
CUSTÓDIO FERREIRA
EMILIO SENE
LARISSA RIBEIRO
NATÁLIA DROSSI
RENAN MARINO



INfront

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
e
UBERLÂNDIA REFRESCOS
apresentam:

VIRADA

CULTURAL

DE UBERLÂNDIA

06 e 07.09

EVENTO GRATUITO 2019

TEATRO MUNICIPAL
DE UBERLÂNDIA

2 DIAS PARA!
VIVER DE ARTE.



ARTES VISUAIS

PATROCÍNIO:

Projeto executado por meio
Da Lei Estadual de Incentivo
à Cultura de Minas Gerais.
CA: 2018.13607.0088







APOIO CULTURAL:





RÁDIO OFICIAL:



REALIZAÇÃO:




APOIO:



GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

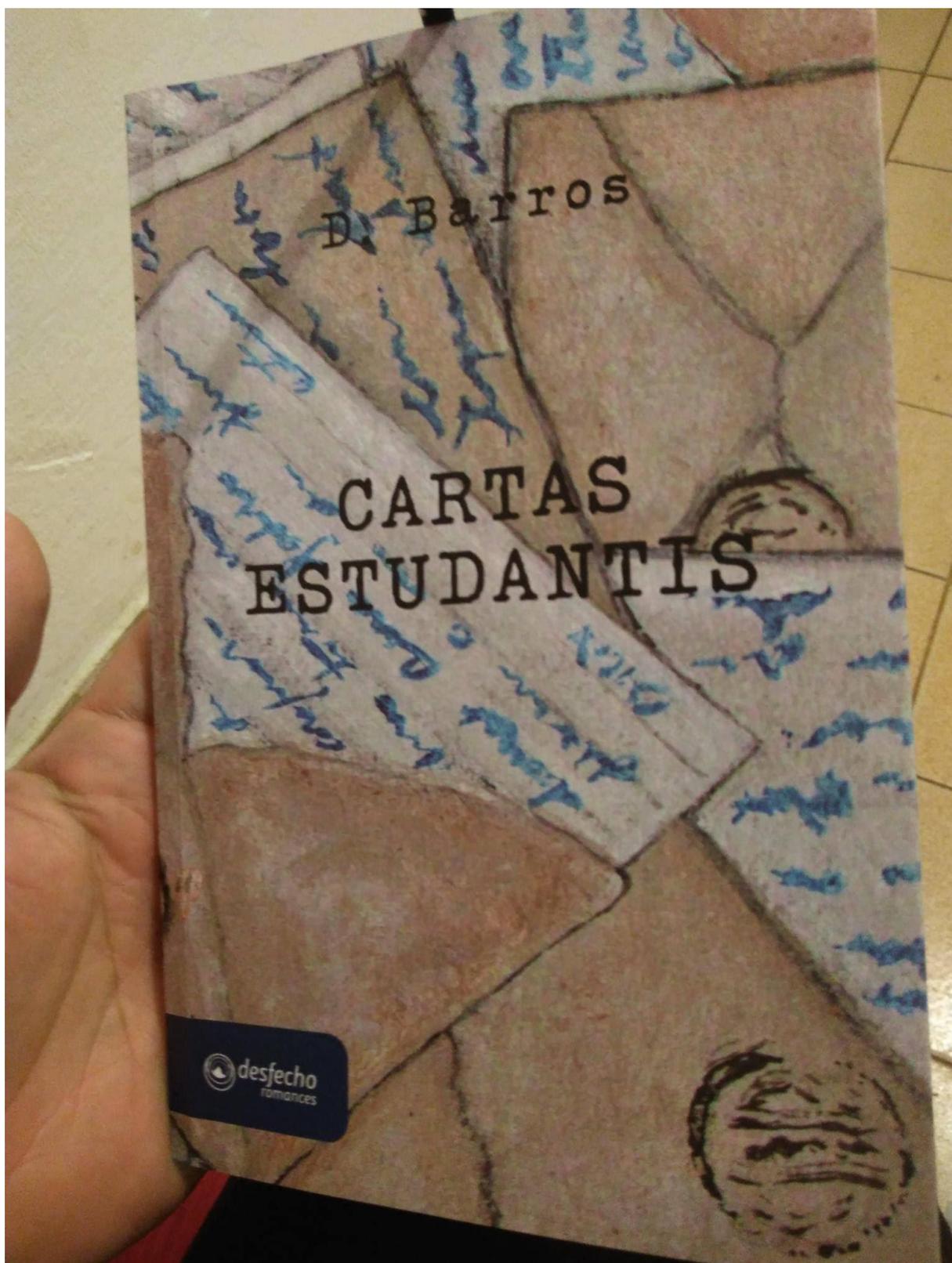
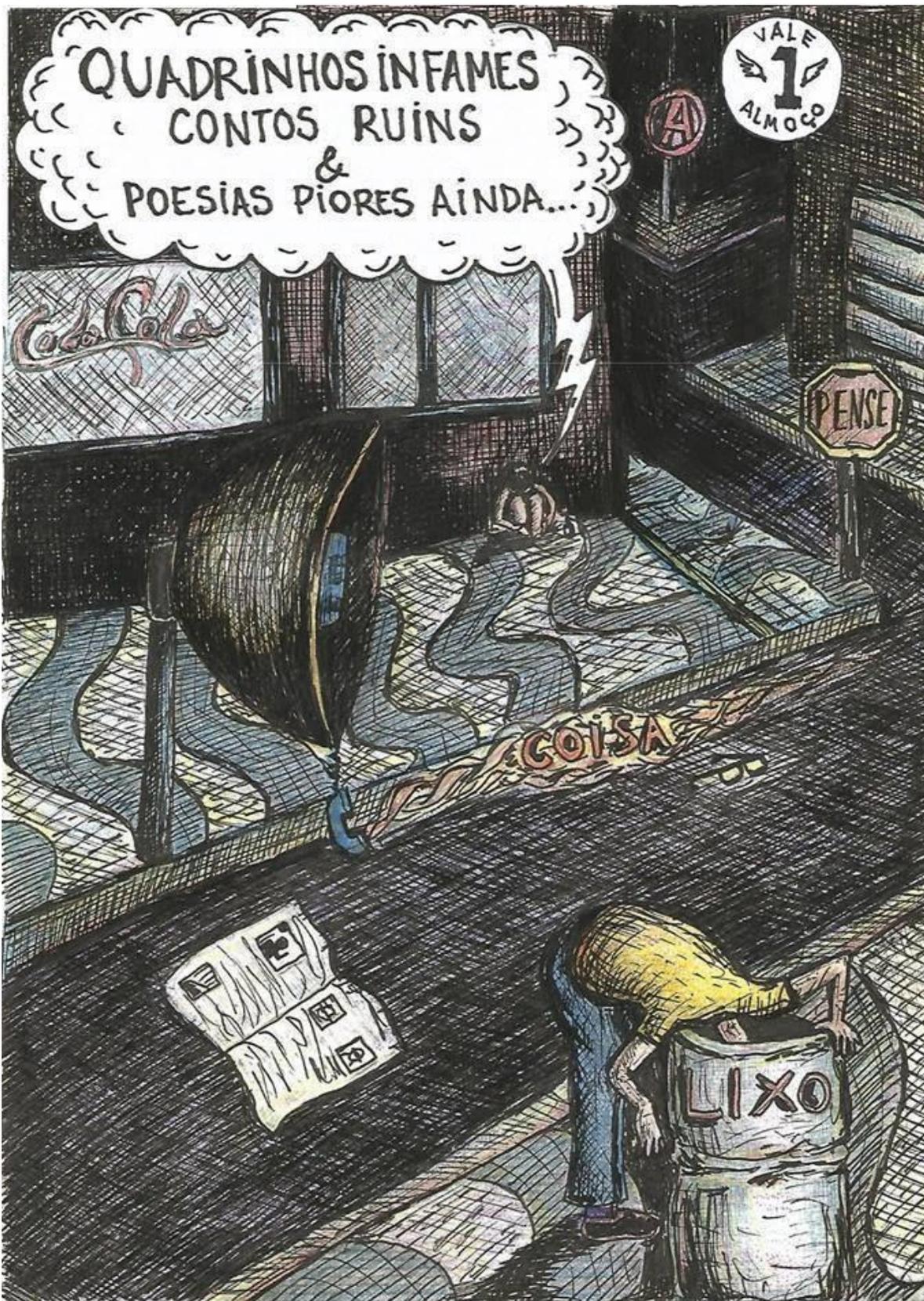


Ilustração para o romance *Cartas Estudantis* de Douglas Rodrigues Barros, 2017.



Quadrinhos Infames, contos ruins e poesias piores ainda, vol.1, HQ, 2015.



Sem título, 2019. Acrílica sobre MDF, 30x40cm



Entregando a pintura para Ailton Krenak, 2019. Foto de Henrique Pareja



Projeto Foto performance popular do artista Alex Oliveira. Fotografia de Cleiton Custódio.



Pichação, 2019.

EXPOSIÇÃO COLETIVA

NOVE

Alice Gussoni | Cleiton Custódio | Cleo Ferreira
Edward Dias | Kim Ferreira | Lea Zumpano
Maria Guilhermina Coelho De Pieri
Rafael Naufel | Suze Vilas Boas

20|DEZEMBRO A 31|JANEIRO



Visitação 2ª - 6ªfeira 12h às 17h
EPAÇO CULTURAL DO MERCADO CENTRO

#SomosCultura

PREFEITURA DE
UBERLANDIA
VOCÊ PODE CONTAR COM A GENTE



PREFEITURAUDI



PREFEITURADEUBERLANDIA



PREFEITURAUDIA



PREFUBERLANDIA



PREFEITURADEUBERLANDIA

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Pau-Brasil. São Paulo. 1924 . Disponível em <https://www.passeiweb.com/estudos/livros/manifesto_pau_brasil>. Acesso em ...
- ARISTÓTELES. Poética. Tradução de Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os pensadores).
- BARROS, Manoel de. Livro sobre Nada. Ilustrações de Wega Nery. 3a ed. B869.1. B277 l. 1996. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996 . Rio de Janeiro.
- BECKER, Howard. Mundos da arte. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. Tradução Denise Bottmann. 1 ed. São Paulo: Editora?, 2009.
- CLARK, Lygia. OITICICA, Hélio. Cartas: 1964-1974. Org. Luciano Figueiredo. Rio de Janeiro, 1998. Ed. UFRJ, 1998.
- CORRÊA, Valdriana Prado. Azul na História da Arte. Porto Alegre, 2017. (Trabalho de conclusão de curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Curso de História da Arte.
- KRENAK, Aílton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MARX, Karl. O Capital. v.1. Tomo I. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- OSTROWER, Fayga. Criatividade e processos de criação. 28. Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2013.
- PLATÃO. A República. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Col. Os pensadores).
- SALOMÃO, Waly. Qual é o parangolé?e outros escritos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2015.
- SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e representação. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio do Janeiro: Zahar, 1979.